

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

ELAINE CRISTINA ROSCHEL NUNES

**AS PARTÍCULAS MODAIS DA LÍNGUA ALEMÃ:
UM PROBLEMA PARA A TRADUÇÃO?**

Um estudo com base nos contos "*Nachts schlafen
die Ratten doch*" de Borchert e "*Berlin Bolero*" de Schulze

FLORIANÓPOLIS
2008

ELAINE CRISTINA ROSCHEL NUNES

**AS PARTÍCULAS MODAIS DA LÍNGUA ALEMÃ:
UM PROBLEMA PARA A TRADUÇÃO?**

Um estudo com base nos contos “*Nachts schlafen die Ratten doch*” de Borchert e “*Berlin Bolero*” de Schulze

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.
Área de concentração:
Processos de retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Markus Weininger

FLORIANÓPOLIS
2008

ELAINE CRISTINA ROSCHEL NUNES

**AS PARTÍCULAS MODAIS DA LÍNGUA ALEMÃ:
UM PROBLEMA PARA A TRADUÇÃO?**

Um estudo com base nos contos “*Nachts schlafen die Ratten doch*” de Borchert e “*Berlin Bolero*” de Schulze

Essa dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Estudos de Tradução

**Área de Concentração:
Processos de Retextualização**

e aprovada em sua forma final pelo curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 10 de julho de 2008.

Banca examinadora:

**Prof. Dr. Markus Weininger
Orientador**

**Prof. Theo Harden
University College Dublin**

**Prof. Dra. Ina Emmel
Universidade Federal de Santa Catarina**

À minha mãe,
pelo amor, incentivo e luta.

Aos amigos e à minha família,
pelo carinho e pela paciência nos momentos difíceis.

Ao Prof. Markus J. Weininger,
pela excelente orientação, pelo apoio e paciência.

À Prof. Ina Emmel,
pelas dicas e atenção de sempre.

*Was morgen ist,
auch wenn es Sorge ist,
ich sage: Ja!*

Wolfgang Borchert

RESUMO

Sua diversidade e a frequência com que aparecem fazem das partículas modais da língua alemã um importante aspecto comunicativo a ser analisado tanto pela lingüística como pelos estudos tradutórios, como é o caso deste trabalho, cuja proposta é demonstrar que não se deve traduzir essa partícula somente porque ela está presente como item lexical no texto-fonte. É preciso antes considerar a função desse elemento em um contexto maior, por meio do estudo das marcas de conversação – já que figura como peculiaridade da linguagem oral –, da análise de características culturais envolvidas e dos meios específicos que modificam o núcleo do texto e contribuem para o desenrolar do ato discursivo. Como consequência, procura-se ceder uma contribuição à pesquisa contrastiva das partículas modais em relação ao português, embora a ênfase seja dada nas questões tradutológicas, em suas possibilidades e em sua relevância de tradução. Sob o prisma da teoria funcionalista, a proposta do trabalho é realizar a tradução comentada de trechos em dois contos de épocas distintas da literatura alemã: o conto do pós-guerra, de Wolfgang Borchert, *versus* o conto contemporâneo de Ingo Schulze.

Palavras-chave: Partículas modais, teoria funcionalista da tradução, contexto, modalidade.

ABSTRACT

The diversity and frequency of the use of modal particles in the German language characterize these elements as being a very important aspect of communication for both the linguistic analysis and translation studies. The proposal is to not necessarily translate a modal particle just because it's present as a lexical item in the source text. It's necessary to consider the function of this element in a major context by studying the conversational markers – as it is a peculiarity of spoken language -, analysing the respective cultural characteristics and the specific means which modify the text core and contribute to the development of the conversation. As a consequence, this is meant to be a contribution to the contrastive study of the modal particles with regard to the Portuguese language, although emphasis is given to translational questions, their possibilities and their relevance for the translation. Under the prism of the functionalist translation theory, the proposal of this study is to realize a commented translation of extracts of two stories from distinctive periods of the German literature: the post-war story of Wolfgang Borchert versus the contemporary story of Ingo Schulze.

Keywords: Modal particle, translation, functionalist translation theory, context

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. TRADUÇÃO E MODALIZAÇÃO.....	10
1.2. OBJETO DE ESTUDO E JUSTIFICATIVA.....	14
1.3. OBJETIVOS E METODOLOGIA APLICADA.....	16
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	19
2.1.1 Definição.....	19
2.1.2 Função das partículas modais.....	21
2.1.3 Frequência das partículas modais	24
2.2 MODALIZAÇÃO E CONTEXTO.....	26
2.2.1 Análise da conversação.....	28
2.2.2 Análise lexical do contexto semântico: Minimalismus.....	30
2.2.3 Análise funcional do contexto situativo: Maximalismus.....	31
2.3 PESQUISAS ESPECÍFICAS SOBRE AS PARTÍCULAS MODAIS.....	33
2.3.1 Análise da partícula “doch”: Graefen (2000).....	33
2.3.2 Lothar Lemnitzer (1998): “Wann kommen wir endlich zur Sache?” “Quando é que vamos chegar ao assunto?”.....	34
2.3.3 Heggelund (2001): “O significado das partículas modais em diálogos sob as premissas da Teoria dos Atos de Fala e as perspectivas no ensino de alemão como língua estrangeira.”	36
2.3.4 Partículas discursivas no português – Ilonka Kunow (1997).....	38
2.3.5 Moroni (2005): sintaxe e prosódia.....	40
2.4 PESQUISAS SOBRE A TRADUÇÃO DAS PARTÍCULAS MODAIS	42
2.4.1 Weydt (1969) e Krivonosov (1977/1989).....	42
2.4.2 Franco (1991): descrição contrastiva.....	43
2.4.5 Welker (1990): as partículas modais “aber, eben, etwa e vielleicht”	44
2.4.6 Beerbom (1992) e Feyrer (1997).....	45
2.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PESQUISAS MENCIONADAS.....	46
2.6 ABORDAGENS FUNCIONALISTAS DA TRADUÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES.....	47
2.6.1 Justificativa para a escolha.....	47
2.6.2 Reiß (1971).....	49
2.6.3 Vermeer/Reiß (1991).....	49
2.6.4 As premissas de Nord (1991/1993) e nosso objeto de estudo.....	50
3. ANÁLISE DO CORPUS.....	54
3.1 SELEÇÃO DO CORPUS: KURZGESCHICHTEN - CONTOS.....	54
3.1.1 O autor Wolfgang Borchert e o contexto da época (aspectos extratextuais).....	57
3.1.2 Nachts schlafen die Ratten doch!.....	59
É claro que as ratazanas dormem à noite (aspectos intratextuais).....	59
3.1.3 Ingo Schulze: “Handy: Dreizehn Geschichten in alter Manier” (“Celular: Treze histórias à moda antiga”).....	61
3.1.4 Berlin Bolero (Bolero de Berlim).....	62
3.2 ANÁLISE DAS PARTÍCULAS MODAIS PRESENTES NO CORPUS.....	63
3.2.1 A partícula ja.....	64
3.2.2 A partícula doch	69
3.2.3 Ja X doch	77
3.2.4 A partícula denn.....	78
3.2.5 A partícula wohl.....	82
3.2.6 A partícula eben.....	83
3.2.7 A partícula mal.....	84
3.2.8 A partícula aber.....	87

3.2.9 A partícula ruhig.....	87
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
4.1 RESUMO DOS OBJETIVOS E CONTEÚDO DO TRABALHO.....	89
4.2 IMPORTÂNCIA DAS PARTÍCULAS MODAIS E A QUESTÃO TRADUTOLÓGICA ...	90
4.3 O PARADOXO DAS PARTÍCULAS E O FUTURO DAS PESQUISAS NA ÁREA.....	99
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXOS: OS CONTOS.....	106
Tradução de Nachts schlafen die Ratten doch, de Wolfgang Borchert.....	106

1. INTRODUÇÃO

1.1. TRADUÇÃO E MODALIZAÇÃO

Vivemos em um mundo em constante mudança, onde o conhecimento passou a ser produto de consumo e as informações tornaram-se mais acessíveis. A globalização, além da economia e da indústria, transformou o indivíduo, que – enquanto integrante de uma sociedade – passou a ser confrontado com novas exigências, com novos mercados, com novas culturas e com outras línguas.

A tradução é imprescindível neste contexto. Por meio dela, diferentes mundos com realidades diversas se encontram. E o tradutor é aquele que transita por esses mundos. A discussão sobre aspectos sociológicos da tradução, as implicações culturais, o papel do tradutor e o processo de tradução desenvolvem-se e oferecem possibilidades de estudo, envolvendo diferentes áreas do conhecimento, como a Pragmática, a Sociolingüística, a Psicolingüística, a Comunicação Intercultural e a Hermenêutica. Tradicionalmente, as pesquisas na área da tradução partiam de reflexões sobre a língua enquanto código ou transporte de significados de uma língua para outra. As abordagens atuais, contudo, reforçam a análise do fator cultural e a interação em um processo comunicativo, por isso esse estudo passou a ser multidisciplinar.

Nesse contexto, os novos rumos da tradução procuram se desvencilhar de velhos conceitos, como a noção de que é preciso reproduzir na linguagem do receptor o “equivalente” mais natural da mensagem, processo que seria apenas uma operação de códigos. A tradução, entretanto, vai além disso.

Um dos primeiros trabalhos que representou uma mudança de paradigmas foi o modelo desenvolvido por Katharina Reiß (1971). Nele, a autora retratou a função textual e analisou o processo tradutório com base na relação funcional entre o texto de partida e o de chegada. O ideal seria, segundo Reiß, objetivar no texto de chegada o conteúdo, a forma lingüística e a função comunicativa do texto de partida.

Outro teórico que contribuiu para a mudança de paradigmas dentro dos estudos da tradução foi Hans Vermeer, representante da teoria do escopo (*Skopostheorie*). Segundo sua concepção (1991, p. 18), traduzir não é meramente um processo lingüístico, mas um tipo de ação humana intencional mergulhada em

culturas. Ao considerar as diferentes formas de interação e suas características culturais específicas, facilita-se o processo tradutório e pode-se produzir um texto mais coerente na cultura de chegada e o texto de partida deixa, assim, de ser o aspecto mais importante deste processo. De acordo com Vermeer (1991, p. 19), o texto de partida representa uma “oferta de informações” com as quais o tradutor produzirá um texto de chegada adequado e funcional para o contexto social em questão.

Por trás de cada ato comunicativo e de cada texto, há uma situação sujeita a uma história, a normas, a valores, a convenções, a tradições e a expressões específicas. Segundo Ingedore Koch (1992, p. 29),

quando interagimos através da linguagem [...], temos sempre objetivos, há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar um sobre o outro [...].

Para tanto, cada língua possui mecanismos específicos de comunicação e argumentação, assim como seus próprios meios de expressar modalidade.

O conceito da modalidade vem sendo amplamente discutido desde os primórdios da filosofia e não há um consenso entre os estudiosos. Para a dimensão e proposta deste trabalho, vale destacar, com base nas obras que servirão de apoio¹ e dentre as diferentes definições existentes, Bußmann (apud BEERBOM, 1992, p. 28), que afirma ser a modalidade concebida como uma categoria que “indica a posição do falante em relação ao enunciado”. Além disso, segundo Franco (1991, p. 184), essa categoria dá

expressão a sua tomada de posição frente ao conteúdo proposicional de seu enunciado, ao modo como avalia e comenta o seu valor de verdade [...] para exprimir suas suposições, o modo como pretende influenciar o interlocutor, manifestar a sua atitude para com uma determinada situação de comunicação interpessoal.

O falante faz uso, portanto, de vários meios que podem ser gramaticais ou lexicais, de entonação ou mesmo paralingüísticos (gestos, mímicas).²

As particularidades lingüísticas e culturais que determinam a modalidade são um desafio para o tradutor. Há muitos aspectos relevantes da modalidade do alemão

1 Feyrer (1998), Beerbom (1992), Polenz (1985), Franco (1991)

2 Considerações baseadas em Polenz (1985, p. 195) que comenta sobre modalidade e meios não-verbais de manifestá-la.

e do português, tanto para os estudos de tradução como para a lingüística comparativa ou para o ensino do idioma, entre eles: os verbos modais (*können, müssen, sollen, dürfen, wollen, mögen*); os modos verbais (indicativo, subjuntivo e imperativo); as estruturas modalizantes (tais como: *dummerweise, vorsichtigerweise, angeblich, vorgeblich, allerdings, etc*)³; os advérbios e as partículas modais – estas últimas característica específica da língua alemã.

Os modalizadores são de suma importância para uma comunicação bem-sucedida. Se retirarmos de um texto o componente modal – o que pode acontecer, por exemplo, se não considerarmos a partícula modal ou outra estrutura de modalização – esse texto perde em individualidade. Além disso, há o risco de ocorrer uma diminuição de intensidade e uma alteração semântica, o que pode ser exemplificado com as estruturas modalizantes a seguir. Dependendo da escolha de uma ou outra estrutura, o enunciado se modifica completamente.

Ex. 1: Er hat ihn *vermutlich* besucht
 leider
 bedauerlicherweise
 klugerweise
 *angeblich*⁴

Há diferentes formas de abordar e de classificar a modalidade dentre os estudiosos do tema. Krivonosov⁵, por exemplo, diferencia modalidade objetiva da subjetiva. Ele defende que quando há uma “relação do exposto com a realidade”, trata-se da modalidade objetiva, no caso dos advérbios e modos verbais, por exemplo. A modalidade subjetiva, por sua vez, traduz a posição pessoal do falante diante do fato. Trata-se de uma categoria facultativa e é nessa categoria que se encaixam palavras e partículas modais. Vale destacar: a diferença básica entre elas é que a partícula modal pode ser eliminada sem que se altere o sentido básico do enunciado (Veja: BEERBOM, 1992, p. 28).⁶

3 Helbig/Buscha, 1993, p. 506

4 Ibid, 509

Ele o visitou supostamente
Ele o visitou infelizmente.
Ele o visitou lamentavelmente.
Ele o visitou prudentemente.
Ele o visitou provavelmente.

5 Apud Feyrer, 1997, p. 20

6 Os diferentes tipos de modalidade não serão abordados devido à dimensão e proposta do trabalho. Nas

Sabemos que a língua alemã possui um variado sistema de partículas modais. A diversidade e frequência desses elementos nessa língua caracterizam as partículas modais como um importante aspecto comunicativo, tanto para a análise lingüística, como para os estudos tradutórios.

Entretanto, traduzir lexicalmente uma partícula modal sem haver um elemento com a mesma função na língua-alvo, somente porque ela está presente como item lexical no texto-fonte, não faz sentido. É preciso considerar a função desse elemento em um contexto maior, por meio do estudo das marcas de conversação, já que figura como peculiaridade da linguagem oral, da análise de características culturais envolvidas e dos meios específicos que modificam o núcleo do texto e contribuem para o desenrolar da conversação.

Por meio da análise prática proposta neste trabalho, pretendo levantar a discussão a partir dos trabalhos já desenvolvidos sobre a importância das partículas modais e ir além com o enfoque nos estudos de tradução. Como consequência, procura-se dar uma contribuição à pesquisa contrastiva das partículas modais em relação ao português, embora a ênfase seja dada nas questões tradutológicas, em suas possibilidades e em sua relevância de tradução.

Há vários trabalhos contrastivos interessantes sobre as duas línguas. Para citar apenas algumas importantes iniciativas: o *Institut für Deutsche Sprache de Mannheim* dispõe de ricos estudos comparativos (IDS)⁷; Hardarik Blühdorn coordena uma área específica de comparação entre o português e o alemão, tendo como foco os conectores; e, ainda, Schmidt-Radefeldt, do Instituto de Romanística da Universidade de Rostock, apresenta as várias linhas de estudos comparativos entre o português e o alemão em seu artigo *Baustein zu einer vergleichenden Grammatik Deutsch-Portugiesisch*. Ele desenvolveu vários projetos envolvendo a análise contrastiva de aspectos presentes na interação entre as duas línguas⁸.

Considero pertinente discutir sobre os aspectos lingüísticos e as concepções de linguagem, sem deixar de lado contribuições importantes da pragmática, além de outros aspectos como: a realidade lingüística da cultura meta e o meio receptor, e os

obras de Beerbom (1992, 28-29) e Feyrer (1997, p. 17-22), são expostas ainda considerações sobre a definição de Bublitz, dentre outras. Para o citado autor, são os tipos de modalidade: modalidade cognitiva (comentário, informação), volitiva (desejo, manipulação, falante tenta influenciar o ouvinte) e emotiva (expressão da emoção, ponto de vista do falante)

7 Disponível em: <<http://dsav-oeff.ids-mannheim.de/DSAv/DSAVINFO.HTM>>. Veja também: <http://www.ids-mannheim.de/gra/sprachvergleich_port.html>

8 Publicações no site: <http://www.phf.uni-rostock.de/institut/iroman/schmidt-radefeldt.htm>

aspectos socioculturais das línguas em questão. É com base nessas análises e considerações que será desenvolvido este trabalho, com vistas a tecer uma contribuição para os estudos tradutórios e lingüísticos das partículas modais do alemão, com base na tradução comentada de trechos em dois contos de épocas distintas.

1.2. OBJETO DE ESTUDO E JUSTIFICATIVA

Segundo Koch, “toda a língua possui mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados”. Entre as marcas lingüísticas da argumentação estão os indicadores modais ou índices de modalidade (modalizadores), importantes na construção do sentido do discurso e na sinalização “do modo como aquilo que se diz é dito”.⁹ Entre esses índices de modalidade, encontram-se as partículas modais na língua alemã, objeto de estudo deste trabalho.

O aspecto interativo das partículas modais – definido por Beerbom¹⁰ como importante contribuição para o desenvolvimento da comunicação, na medida em que estas fornecem indicações sobre a percepção e avaliação da situação de fala ao focar as expectativas, as opiniões e as emoções do falante – constitui um interessante objeto de estudo também para a tradução. Por meio das partículas modais do alemão, o falante pode frisar informações comuns, gerar expectativas e integrar o ouvinte à fala e, assim, manter a relação entre eles.

Enquanto expressão informal, as partículas modais foram encaradas “pelos estilistas normativos da linha tradicionalista como palavrinhas indesejadas”¹¹, como pertencentes a uma variável não-prestigiada da língua e, por isso, deveriam ser evitadas, por uma questão de “bom estilo”. Entretanto, essas partículas representam uma importante função comunicativa, já que entonação, reações e restrições, destaque de informações, enfim, as formas como o falante se posiciona diante do fato são algumas de suas características.

Ultimamente contamos com uma série de publicações em torno do tema:

9 (KOCH, 1992, p. 29)

10 (BEERBOM; CHRISTIANE, 1992, p. 39-40)

11 (FRANCO, 1991, p. 56)

monografias, livros didáticos e até mesmo um dicionário das partículas alemãs.¹² Há um crescente interesse pelas línguas faladas, a comunicação real assume outro papel na lingüística, como também no ensino de línguas estrangeiras e nos estudos de tradução.

Sob o termo *partículas* encontra-se uma gama de tipos, que foram subdivididas de acordo com sua função. Segundo Helbig e Buscha (1993, p. 11), cerca de 40 palavras pertencem a esta categoria. Na *Duden-Grammatik* (2005, p. 369) são apresentadas as diferentes classes:

1. *Gradpartikeln* (*fast, gar, höchstens, mindestens*, etc.);
2. *Fokuspartikeln* (*selbst, auch*, etc.);
3. *Modalpartikeln* (*Partikel der Abtönung*);
4. *Gesprächspartikel* (*Gliederungs- und Rückmeldesignale, Grüße, Gebote, Ausrufe: mm, ja, nicht wahr*, etc.);
5. *Negationspartikeln* (*nicht*);
6. *Antwortpartikeln* (*ja, eben*).

Neste trabalho, teremos como foco as partículas modais. Estas são átonas e possuem homônimos em outras classes de palavras, com outras funções, como conjunção ou advérbio.¹³

A dificuldade ao lidar com as partículas modais não é só do tradutor, mas também do aprendiz do idioma ou mesmo de um falante da língua questionado sobre seu uso. Afinal, são precisamente as partículas modais que, assim como afirma Franco (1991, p. 13), muitas vezes nos levam a questionar: “O que significa essa palavrinha nesta frase?” “Se essa palavrinha foi empregada, então qual sua função?”

Ainda segundo o mesmo autor,

para a função comunicativa da partícula modal da língua A é em princípio possível que também na língua B haja qualquer tipo de expressão E (não importa sua realização, não precisa necessariamente ser outra partícula modal ou elemento lingüístico) tal que transmita o valor comunicativo daquela partícula modal. [...] cada partícula modal pode desempenhar, em correlação com fatores contextual-situacionais determinados, funções diversas e não apenas (e sempre) uma única. (FRANCO, 1991, p. 254).

12 HELBIG, G. *Lexikon deutscher Partikel*. Leipzig: Langenscheidt, 1990.

13 (Helbig/Buscha, 1993 p. 193). As principais características morfológicas e sintáticas das partículas modais serão abordadas no capítulo 2.

Diante dessas considerações, podemos constatar que as partículas modais carregam consigo importantes aspectos culturais e interacionais, relevantes para o trabalho do tradutor. Por trás do que é dito, há instrumentos utilizados na interação que possuem função estratégica. A reflexão sobre as diferentes possibilidades de se traduzir o contexto no qual as partículas se inserem é um processo interessante de comparação entre os meios de expressão da modalidade nas línguas em questão. Daí a importância do tema, afinal tal reflexão amplia as possibilidades do trabalho do tradutor e o auxilia diante do dilema das decisões a serem tomadas, assim resumido nas palavras de Weydt (2003, p. 256): *“Die Übersetzung ist immer der Versuch, etwas Unmögliches zu schaffen, sie ist die Wahl des kleinsten Übels, der Versuch mehrere Ziele gleichzeitig zu erreichen.”*¹⁴

Além disso, outro ponto a ser considerado como justificativa para o desenvolvimento deste trabalho reside no fato de que o tema *partículas modais e tradução* carece ainda de estudos e discussões. Muitas questões encontram-se em aberto nesta área de pesquisa, como veremos na revisão da literatura (capítulo 2). Com efeito, tanto para o tradutor, como para aquele que esteja envolvido com o idioma alemão, tal tema pode render ricas discussões e diferentes abordagens. O foco dado no presente trabalho abrange as áreas da Tradução, da Linguística e da Literatura, como será exposto em detalhes a seguir.

1.3. OBJETIVOS E METODOLOGIA APLICADA

O propósito geral deste trabalho é refletir acerca dos problemas de tradução envolvendo as partículas modais. Para tanto, serão analisadas seqüências com partículas dos contos *“Nachts schlafen die Ratten doch”*, de Wolfgang Borchert, e *“Berlin Bolero”*, de Ingo Schulze, textos ricos em partículas modais.

A análise da tradução completa dos contos não cabe neste primeiro trabalho, cujo enfoque será nos trechos que apresentam partículas modais. Para uma compreensão do contexto no qual se inserem, será feita uma explanação sobre os aspectos intratextuais e extratextuais de cada um dos contos. A partir da análise

¹⁴ “A tradução é sempre a tentativa de criar algo impossível, ela é a escolha com um pequeno mal-estar, a tentativa de atingir vários objetivos ao mesmo tempo”.

do *corpus*, pretende-se levantar a ocorrência e a importância das partículas modais, bem como encontrar recursos lingüísticos (ou não) que realizem efeito semelhante provocado pelas partículas modais no contexto em que elas aparecem.

Como base teórica para as conclusões futuras, será realizada uma reflexão sobre a abordagem funcionalista da tradução e suas implicações. Além disso, será desenvolvida uma análise contrastiva, tendo como foco as possibilidades de se produzir a função dos enunciados da língua de partida na língua portuguesa do Brasil, considerando o meio receptor e o leitor brasileiro. Nos comentários acerca das sugestões, serão expostas as dificuldades e as soluções encontradas.

Pretendo, portanto, refletir sobre as seguintes questões, que considero os objetivos específicos da pesquisa:

- Que tipo de funções assumem as partículas modais?
- Como expressar a carga subjetiva das partículas na língua de chegada? Há elementos lingüísticos que causam os mesmos efeitos?
- Quais os aspectos a serem considerados no momento da tradução, particularmente, no caso da tradução literária?
- Partindo das partículas modais presentes nos contos de Borchert e Schulze [*denn, wohl, eben, ja, (nicht) mal, doch*], há exemplos/ocorrências que enriqueçam a análise proposta?
- Quais as correntes de estudo das partículas modais? Qual a posição mais adequada para o trabalho em questão?

O trabalho irá, portanto, desdobrar-se nos seguintes itens:

- Partículas modais: definição e função
- Importância do contexto.
- Análise dos trabalhos já realizados na lingüística e na tradução.
- Abordagem teórica da tradução.
- Aspectos a serem considerados na tradução literária.
- Escolha do tipo de texto: contos – *Kurzgeschichte*
- Wolfgang Borchert e Ingo Schulze: autores e obras

- Contos: *Nachts schlafen die Ratten doch* e *Berlin Bolero*: análise das partículas
- Conclusão: relevância do tema e perspectivas para o estudo das partículas.

Percebemos o grau de dificuldade em explicar as partículas quando se tenta traduzi-las para outra língua. Muitas vezes, o texto na língua de chegada deixa claro que é necessária uma leitura nas *entrelinhas* do texto de partida.

E quando uma obra literária utiliza esses recursos repetidas vezes e de forma intensiva, desempenhando um importante papel na composição de seu sentido poético? Enfim, como realizar um projeto de tradução que considere esse fato e tente sinalizar na língua de chegada a emoção/reação embutida no texto?

Com base nessas considerações, o presente trabalho irá apresentar uma análise e uma sugestão de tradução para trechos do conto *Nachts schlafen die Ratten doch* de Wolfgang Borchert, no qual 32 partículas estão presentes. O conto de Borchert e suas partículas já foram analisados por Weydt¹⁵, e é referência nos estudos sobre as partículas modais, graças à recorrência com que aparecem nessa obra. Em nível de comparação, analisaremos um conto contemporâneo de Ingo Schulze, representando o momento atual e a nova fase da literatura alemã. O interessante ao analisar as duas obras é também possibilitar uma leitura do conto atual e seu momento histórico, como veremos em detalhes no Capítulo 3.

Neste trabalho, portanto, procuro por meio de exemplos extraídos da literatura alemã, tecer uma análise e comparar o português brasileiro e o alemão, no que tange às dificuldades de tradução desta particularidade da língua alemã e os aspectos socioculturais, pessoais e/ou emocionais nela envolvidos. Trata-se, então, de uma contribuição à pesquisa contrastiva das partículas modais, com ênfase nas questões tradutológicas. Para tanto, é necessário conhecer nosso objeto de estudo. No próximo capítulo, apresentamos as partículas modais em detalhe, sua definição e algumas considerações sobre suas funções e usos na língua alemã, que serão a base para o trabalho proposto.

15 (WEYDT, 2003, p. 243-257)

2. REVISÃO DA LITERATURA

*“Übersetzen heißt dialogisch Denken,
heißt Inbeziehungsetzen und Auswählen, um ein
zielkulturell kohärentes Textverständnis zu
ermöglichen”*

Kupsch-Losereit¹⁶

2.1 PARTÍCULAS MODAIS

2.1.1 Definição

A definição das partículas modais é um tema polêmico entre os estudiosos do assunto. Justamente por agir em conjunto com outros elementos da frase, a descrição de seu sentido é bastante difícil. A mesma partícula pode aparecer em contextos diferentes com outros propósitos, por isso Beerbom (2002, p. 31) as define como um “camaleão lingüístico”. Tal constatação contribui para uma das dificuldades nos estudos das partículas: classificá-las em determinado grupo. Isso se deve, também, ao fato de elas assumirem diferentes funções, ora como adjetivo, ora como advérbio, ora como partícula modal. As partículas modais podem pertencer a diferentes classes de palavras, como citado e exemplificado por Helbig e Helbig (1999, p.11):

Ex. 2:

Das kostet **eben** viel Zeit. (partícula modal)

Isso vai custar muito tempo mesmo.

Ex. 3:

A: Das wird ihnen kaum gelingen.

B: **Eben.** (Antwortpartikel – partícula de resposta)

¹⁶ “Traduzir significa pensar dialogicamente, significa procurar interligações e fazer escolhas para possibilitar uma compreensão textual coerente com os objetivos culturais.” (Tradução minha)

A: Isso ele não vai conseguir.

B: **Pois é**

Ex.4:

Die Landschaft ist hier echt **eben**. (adjetivo)

*A paisagem é bem **plana** aqui.*

De forma geral, são classificadas como *partículas* todas as palavras que não sofrem flexão, englobando-se nessa classe elementos que normalmente são caracterizados como advérbios, conjunções e preposições. Segundo Beerbom (1992, p. 24), trata-se de uma “*Papierkorbkategorie*”, uma “categoria de cesto de papel”, composta por elementos heterogêneos. Conforme já esboçado, há diferentes subclasses de partículas.¹⁷ Para as partículas modais¹⁸, foco de nosso trabalho, destaco com base em Helbig/Buscha (2004, 195), em resumo suas principais características:

- Não sofrem flexão.
- Não podem ser colocadas na primeira posição da frase, ao contrário dos advérbios, por exemplo.
- Não podem ser usadas como resposta isolada a uma pergunta.
- Estão dispostas depois do verbo conjugado.
- Não são acentuadas.
- Podem ser eliminadas sintaticamente sem que a frase seja considerada gramaticalmente incorreta ou seu sentido básico seja alterado.
- Modificam o enunciado, pois possuem um efeito comunicativo que atua sobre a frase toda.
- São encontradas, em sua maioria, em tipos específicos de frases, de acordo com a intenção e o ato de fala. Assim, por exemplo, *denn* e *etwa* aparecem como partícula apenas em perguntas.

¹⁷ Uma exposição completa de toda a classificação está disponível na obra de Helbig e Buscha (1993, p. 475).

¹⁸ Também denominada *Abtönungspartikel* (partículas atenuantes), nas obras de Weydt e Helbig.

De acordo com o tipo de frase e a situação comunicativa, uma mesma partícula modal pode expressar intenções diferentes.

Ex. 5: Em afirmativas:

*Das Leben ist **doch** ungerecht.*

Ex. 6: Em imperativas:

*Mach **doch** Fenster zu!*

Ex. 7: Em exclamativas:

*Das ist **aber** nett!*

*Das ist **ja** eine Unverschämtheit!¹⁹*

Com relação ao enunciado, Helbig e Helbig (1999, p. 9) expõem:

Die Partikel haben keinen Einfluß auf den Wahrheitswert und auf die Grammatikalität des Satzes. Sie können in den Sätzen, in denen sie stehen, eliminiert werden, ohne dass die Sätze (syntaktisch) ungrammatisch werden und ohne dass sich (semantisch) am Wahrheitswert etwas ändert.²⁰

Se as partículas não interferem no valor de verdade da frase, tampouco no aspecto gramatical, elas podem mesmo ser eliminadas sem prejuízo algum? Essas pequenas partículas possuem, a meu ver, importantes funções no contexto em que são utilizadas, as quais serão destacadas a seguir.

2.1.2 Função das partículas modais

Com as contribuições da Pragmática, desde o início da década de 1970, as

19 Detalhes sobre a função de cada partícula analisada serão apresentados no subcapítulo 3.3. Exemplos retirados da Gramática Duden, 2005, p.599.
A vida é mesmo injusta.
Feche a janela!
Que simpático!
Mas que pouca vergonha!

20 As partículas não têm influência no valor de verdade e na gramática da frase. Elas podem ser eliminadas, sem que a frase torne-se gramaticalmente ou sintaticamente incorreta e sem perder seu valor semântico. (Tradução minha)

discussões em torno da análise de fenômenos concretos da comunicação ganharam força.²¹ As partículas modais, elementos presentes nas entrelinhas da comunicação, fazem parte desta discussão, embora tenham sido consideradas até então como sem importância, as chamadas “*Füllwörter*”, “palavras que nada dizem”²². A citação de Reiners “*Läuse im Pelz unserer Sprache*” (apud BEERBOM, 1992, p. 21)²³ utilizada em toda bibliografia sobre esse assunto, ilustra o preconceito lingüístico com relação às partículas presentes na língua oral.

Segundo Polenz (1985, p. 195), aspectos como a relação com o “eu” (*Ich-Bezüge*) e a exposição de sentimentos e de opiniões pessoais, aliada a recursos lingüísticos como interjeições, advérbios e partículas modais, são evitados em textos oficiais, com a intenção de tornar o texto mais objetivo. Essa tendência estilística era praticada também no ensino, de acordo com o ideal de exposição dos fatos de “forma límpida”.

Beerbom (1992, p. 21) comenta que a avaliação negativa das partículas modais tem origem no fato de que, durante muito tempo, a língua falada – repleta de partículas, devido à sua natureza de comunicação – não possuía o mesmo valor da escrita. Beerbom (1992, p. 22) esclarece que “na conversa espontânea e direta, há a necessidade e a oportunidade de recorrer ao que foi exposto e de estabelecer uma relação com o interlocutor”, e as partículas podem atuar como conectores, relacionando enunciados a partir de um conhecimento comum ou com base em algo já mencionado:

Ex. 8:

*Ich gehe nicht schwimmen, das Wasser ist ja noch zu kalt.*²⁴

Tais partículas contribuem, portanto, para conjugar as falas na interação e para definir a situação atual da comunicação. Segundo Beerbom, com elas “o falante pode se remeter ao que foi exposto, ou mesmo considerar o que não foi externado”, para representar sua forma de enxergar as coisas e suas expectativas. “No texto escrito, ao contrário, não há necessariamente uma história anterior em comum. Os interlocutores nem sempre estão presentes”.²⁵

21 Compare: (FEYRER, 1998, p. 17) e (POLENZ, 1985, p. 195).

22 (HELBIG, HELBIG, 1999)

23 “Piolhos no pêlo de nossa língua” (Tradução minha)

24 (HELBIG; BUSCHA 2004, p.197). “Eu não vou nadar, a água está é fria.” (Tradução minha)

25 Beerbom, 1992, p.22

Evidentemente, as partículas modais podem também figurar no texto escrito, de acordo com o gênero e a intenção deste texto. “Existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do tipo de situação comunicativa” (KOCH, 1992, p. 69). As partículas modais, freqüentes na conversação, aparecem também em *e-mails*, SMSs, histórias em quadrinhos, textos informais, etc. Em comunicações oficiais, científicas ou formais, elas são mais raras, pois nesses casos não se objetiva interferir no decorrer da conversa ou receber *feedback*.

Feyrer descreve outro aspecto interessante das partículas modais, ao abordar a relação entre os interlocutores de determinada estrutura social e suas regras de cordialidade, contexto em que muitas vezes não se expressa explicitamente o que se quer dizer:

Às vezes, enfraquecemos nossas exposições, enfatizamos esta ou aquela informação. Movimentamo-nos em um complexo comunicativo que se apresenta como um conglomerado lingüístico ou não-verbal. Nesse complexo, tentamos como indivíduos no âmbito lingüístico ou pragmático expor nossas posturas e emoções. Nós cedemos às nossas afirmações uma certa modalidade. (FEYER, 1997, p. 11).

A importância da modalidade aparece também no aspecto subentendido dos textos. Assim, para Polenz (1985, p. 195), “Os componentes modais e pragmáticos são imprescindíveis para o entendimento do texto enquanto ato comunicativo, e para questionamentos durante a leitura nas suas *entrelinhas*.” Essas partículas têm um significado modal em seu contexto, pois exprimem uma opinião subjetiva, uma reação ao que foi dito. São, portanto, carregadas de uma função emocional, que é importante para entender o valor atribuído ao enunciado. Principalmente por sua diversidade e nuances, as partículas modais representam um problema de tradução, uma verdadeira charada a ser decifrada.

Tal charada é descrita por Hans Jürgen Heringer, como:

*Die harte Nuss der semantischen Beschreibung von Partikeln ist, dass sie eher global etwas signalisieren. Es ist deswegen schwierig, die genaue Wirkung in einem Satz zu beschreiben, und ebenso schwierig, eine allgemeine Bedeutung anzugeben.*²⁶ (apud MÖLLERING, 2001, p. 130-151)

26 “A dura noz da descrição semântica das partículas modais é que elas sinalizam algo global. Por isso é difícil descrever seu efeito exato na frase e, da mesma forma, é difícil encontrar um significado geral para elas”.

Essas pequenas partículas possuem, portanto, uma importante função estratégica de interação, que se encontra por trás do que foi dito. Por meio das partículas, pode-se antecipar a reação dos interlocutores, bem como manipular ou guiar uma conversa. De fato, não se pode dizer que as partículas modais são pobres de sentido. Heggelund apresenta uma série de exemplos²⁷, nos quais frases com e sem partículas são contrapostas. Nas frases com partículas, há uma forte carga emocional que ganha força com a entonação. Como demonstrado abaixo, não se pode considerar tais frases como sinônimas:

Ex. 9:

Das war aber eine Reise! *Das war eine Reise!*

Ex10:

Wo ist bloß die Zeitung? *Wo ist die Zeitung?*²⁸

Enquanto interlocutores, podemos deixar claro o que queremos sem precisarmos ser diretos, sem precisarmos repetir o que já é conhecido pelo receptor, sem precisarmos explicitar totalmente a situação.²⁹ Há recursos que podem assumir essa função, como as partículas modais em alemão ou a entonação no espanhol, no português ou no inglês.³⁰

Uma análise mais específica da função das partículas será esboçada durante a análise das partículas modais (subcapítulo 3.2).

2.1.3 Freqüência das partículas modais

Com base na revisão da literatura referente a esse assunto, o reconhecimento de que as partículas modais fazem parte do sistema lingüístico é a perspectiva atual da pesquisa que envolve o idioma alemão. No entanto, desde o

27 HEGGELUNG, K. "O significado das partículas modais em diálogos sob as premissas da Teoria dos Atos de Fala e as perspectivas no ensino de alemão como língua estrangeira." *Linguistik online*. Disponível em: <<http://www.linguistik-online.de>> Acesso em: 10 set. 2007.

28 Mas que viagem! / E onde é que está o jornal?
Sem partículas as frases são neutras: Essa foi uma viagem! Onde está o jornal?
Veja: (HEGGELUNG, 2001)

29 Compare (FEYRER, 1997, p. 11-12)

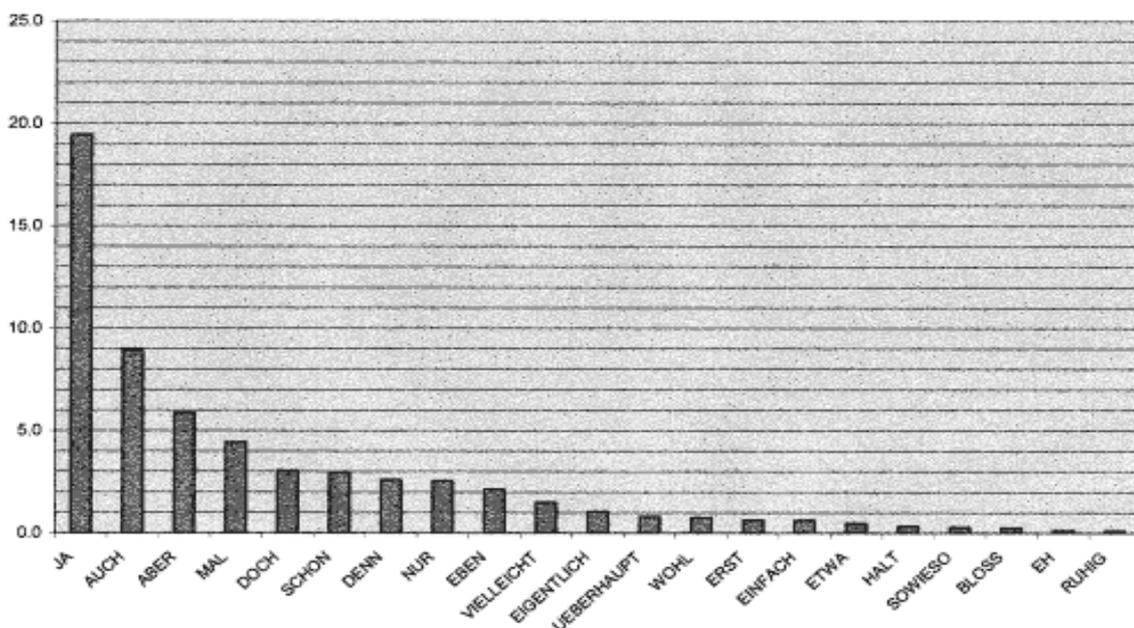
30 Compare (REIß, 1971, p. 21)

início dos trabalhos lingüísticos que abordam o tema, há alguns pontos em aberto como a questão do significado e da definição das modais, bem como quais itens lexicais se encaixam nessa definição. Mas, de modo geral, há um consenso entre os autores com relação às mais freqüentes.

Para Helbig e Buscha (2004, p. 195), as partículas modais mais representativas do idioma alemão seriam: *aber, auch, bloss, denn, doch, eben, etwa, halt, ja, mal, nur, schon, vielleicht*.

Um interessante levantamento das principais partículas modais foi realizado também por Möllering³¹, a partir do banco de dados do Instituto de Língua Alemã de Mannheim ("Datenbank Gesprochenes Deutsch" – DGD), que possui um extenso arquivo com transcrições e gravações do cotidiano dos falantes³². Este banco de dados possui 28 documentações de *corpora* diferentes, desde interações verbais em diferentes contextos, às variações dialetais e estrangeiras. Por meio deste estudo, constatou-se que as partículas mais freqüentes são: *ja, aber, mal, doch, schon, denn, und nurlbloss*.

GRÁFICO 1: FREQUÊNCIA DE PARTÍCULAS A CADA 1000 PALAVRAS



Fonte: (MÖLLERING, 2001).

31 (MÖLLERING, 2001)

32 Disponível em: <<http://dsav-oeff.ids-mannheim.de/DSAv/DSAVINFO.HTM>> Acesso em: 05 ago. 2007

Hentschel e Keller (2006) realizaram outro estudo com base no *Berlin Corpus* e verificaram a hierarquia das partículas, confirmando o uso mais comum para as partículas: *ja* (26%), *doch* (18%) e *mal* (16,1%).³³

Como pode ser abstraído dos dois levantamentos estatísticos apresentados, as partículas modais são um importante e freqüente aspecto da comunicação diária das pessoas. Com relação aos contos que compõem o *corpus* deste trabalho, comprova-se mais uma vez os resultados da estatística, já que as partículas a serem analisadas também estão entre as mais freqüentes apontadas nos levantamentos.

Antes de partirmos para os demais estudos que nortearam a base deste trabalho (capítulo 2.3), vale destacar importantes considerações acerca de elementos envolvidos no processo comunicativo. Como já citado, as partículas modais orientam o interlocutor ao interpretar o enunciado em um respectivo contexto conversacional ou argumentativo, já que expressam o lado emotivo do estado de relações entre os indivíduos envolvidos na situação comunicativa. Como o uso destas partículas é fortemente determinado pelo seu contexto lingüístico e situacional, consideramos relevante destacar essa característica, conforme abordaremos no capítulo a seguir.

2.2 MODALIZAÇÃO E CONTEXTO

Uma característica das partículas modais é sua relação contextual e suas diferentes relações com outros fatores lingüísticos, situativo-pragmáticos, como também extralingüísticos, que fazem sentido somente em determinadas situações. Essa mudança de foco/efeito é o que dificulta sua descrição ou definição.

Com a função modificadora de ilocução³⁴, as partículas definem uma situação, guiam uma conversa, assumindo ainda a função de conectoras. Ao promover o gerenciamento de um contato ou permitir conclusões sobre as relações pessoais de comunicação, elas também dão indícios sobre a interpretação desejada

³³ Estudo disponível em: <http://www.linguistik-online.de/29_06/index.html>. Último acesso em: 06.07.2008

³⁴ “Através da Teoria dos Atos de Fala, a pragmática volta-se para o estudo e descrição das ações que os usuários da língua, em situações de interlocução, realizam através da linguagem. Uma ilocução neste âmbito, significa aquilo que o falante intenciona com a fala. Já a locução é aquilo que foi dito ou escrito.” (WAGNER, 2001, p. 88)

pelo falante, assumindo, neste caso, uma função argumentativa.³⁵

Segundo Marcuschi (1986, p. 7),

o processo de conversação não é um fenômeno anárquico e aleatório, mas altamente organizado. [Este processo] é desenvolvido, percebido e utilizado pelos participantes da atividade comunicativa, ou seja, as decisões interpretativas dos interlocutores decorrem de informações contextuais e semânticas mutuamente construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos, culturais, entre outros.

Nesse contexto, para agir coordenada e cooperativamente, as pessoas usam elementos, lingüísticos ou não, que criam condições à compreensão mútua, para interferir, agir e reagir, desenvolver e resolver conflitos interacionais.

Para a tradução, a dificuldade consiste em analisar essa função de modificadora da ilocução e defini-la em um contexto específico. Além disso, a função argumentativa representa um papel importante no processo tradutório, já que estruturas argumentativas implícitas no texto podem se tornar explícitas na língua de chegada, exigindo uma determinação exata do tradutor,³⁶ como podemos constatar em nosso *corpus*.

E a partir destas considerações qual seria, então, a relação texto e contexto? Quais as implicações de tal relação para o processo tradutório?

Com a aplicação dos princípios da pragmática lingüística, houve a necessidade de um enfoque diferente de texto. Um texto não é simplesmente uma frase ou palavra isolada, mas, sim, um “tecido de informações que se insere em uma determinada situação comunicativa, em um determinado contexto. De acordo com a situação, há diferentes gêneros textuais, ou seja, diferentes tipos de texto com funções específicas”.³⁷

Neste âmbito, determinado enunciado só se torna inteligível em seu contexto. Sob o ponto de vista de Koch, “a noção de contexto encerra uma justaposição fundamental de duas entidades: um evento focal e um campo de ação dentro do qual o evento se encontra inserido” (2003, p. 22). Segundo a autora, os fenômenos básicos que a análise de contexto considera são: “o cenário, o entorno sociocultural, a própria linguagem como contexto, os conhecimentos prévios e compartilhados, o contexto como elemento interativo e um evento focal”.(KOCH,

35 Compare: Feyrer (1998, p.43) e Beerbom (1992, p.33), as autoras abordam neste ponto a função das partículas modais e sua relação com os aspectos pragmáticos e semânticos do texto.

36 Compare (FEYRER, 1997, p.22)

37 Ver (GROSS, 1998, p. 131)

2003, p. 22)

Koch (2003, p. 32) afirma ainda que “os produtores de texto pressupõem sempre determinados conhecimentos contextuais ou situacionais da parte do interlocutor.” Há as denominadas “pistas de contextualização”, os sinais verbais e não-verbais, usados pelos falantes/ouvintes na interação para relacionar o que é dito em dado tempo e em dado lugar ao conhecimento adquirido, com o objetivo de manter o envolvimento conversacional e alcançar o fim pretendido. Entre essas pistas, Koch (2003) destaca: “a prosódia (entonação, acento de intensidade, mudanças de clave); sinais como pausa; hesitação; tom de voz; escolha do registro; seleção lexical e expressões que caracterizam a conversação”, como as partículas modais.

Os sujeitos que se relacionam encontram-se em um conjunto social, que tem suas convenções, suas normas, que lhe impõem condições. Sendo assim, desconsiderar o contexto e suas implicações durante o processo de tradução significa ignorar aspectos decisivos para a tomada de decisões e escolha de estratégias. Durante a interação, cada um dos parceiros traz sua “bagagem cognitiva”, e por vezes “algum conhecimento compartilhado”, uma vez que pertence a uma sociedade marcada por estruturas hierárquicas, papéis e relações específicos.³⁸

Neste processo, como importante recurso lingüístico, característico do idioma alemão, as partículas modais figuram na conversação modelando os enunciados, atuando como guias, ligando as informações, facilitando o contexto interativo e realizando uma avaliação deste. Como nosso estudo baseia-se, sobretudo, no texto escrito elaborado a partir da fala, especificamente o gênero contos, vale destacar algumas características básicas da conversação, expostas a seguir.

2.2.1 Análise da conversação

De acordo com Koch (1992, p. 67), a Análise da Conversação é uma disciplina que tem por objetivo trabalhar “somente com dados reais, analisados em seu contexto natural de ocorrência. Seu conceito fundamental é, portanto, o de

³⁸ Compare: (KOCH, 2003, p. 24-29)

interação”. Para efeito do trabalho aqui apresentado, vale analisar alguns de seus conceitos básicos ao comparar a linguagem falada e a escrita.

De acordo com as considerações de Koch (1992, p. 68-70), como diferenças entre a fala e a escrita podemos citar o fato de que a fala não é planejada, ela é, por vezes, incompleta, fragmentada e pouco elaborada. Há a predominância de frases curtas, simples ou coordenadas. Conforme já mencionado anteriormente, pode existir, entretanto, “uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita”³⁹, dependendo da situação comunicativa e do gênero textual. No caso da *corpora* do presente trabalho, os contos, ricos em diálogos, representam essa escrita informal que se aproxima da fala.

“O texto falado emerge no próprio momento da interação”. Em uma atividade de “co-produção” em que “os interlocutores empenham-se juntos na produção do texto.”⁴⁰ Este processo de conversação organiza-se em turnos, que consistem “em intervenções de cada um dos participantes no decorrer da interação. [...] E quando se fala, fala-se de alguma coisa: este é o tópico – assunto sobre o qual se fala.”⁴¹

Fávero, Andrade e Aquino (2002, p. 37) afirmam que “o tópico discursivo se estabelece num dado contexto em que dois ou mais interlocutores, engajados numa atividade, negociam o assunto de sua conversação”. Mais adiante, as autoras (2002, p. 39) acrescentam que “as marcas da delimitação entre tópicos podem ser os marcadores conversacionais, elementos prosódicos, perguntas, repetições, paráfrases, etc.”

A conversação, enquanto criação coletiva dos interlocutores, possui elementos básicos de organização textual, entre eles os *marcadores conversacionais*. Esses marcadores em português –claro, certo, uhn, ahn, viu, sabe, né, quer dizer, eu acho, então, daí, etc. – apresentam uma variada gama de partículas, palavras, expressões e orações de diversos tipos. ⁴²

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2002, p. 46),

os marcadores asseguram não só o desenvolvimento continuado do discurso [...], mas também operam na organização hierárquica do texto, na medida em que funcionam para garantir a coesividade entre os tópicos.

39 (KOCH, 1992, p. 69)

40 (KOCH, 1992)

41 (KOCH, 1992, p. 71-72)

42 Compare (KOCH, 1992, p. 106)

Em linhas gerais, as autoras afirmam que os marcadores conversacionais orientam as atividades do locutor e de seu interlocutor, desempenhando “papel de especificadores, coordenadores, subordinadores, entre outros”. Além disso, eles podem “restringir e articular relações, bem como sustentar a interação”. Ao investir em uma conversação, os interlocutores agem de acordo com suas intenções e “buscam construir um evento comunicativo”.⁴³

Podemos dizer que, ao longo do texto, os marcadores fornecem as pistas para os interlocutores, visto que “pontuam o texto” (KOCH, 1992, p. 106). Estes assumem, portanto, uma função semelhante à das partículas modais no alemão. Ao promover “a condução e a manutenção do tópico discursivo, os marcadores instauram a solidariedade conversacional entre os interlocutores, na medida em que propiciam dinamismo e continuidade à interação.”(FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2002, p. 49).

Partindo dessas considerações, é válido ressaltar que não basta estudar a língua como um “sistema formal, abstrato, [...], nem como um conjunto de enunciados virtuais cujo significado é determinado fora de qualquer contexto.”⁴⁴ O avanço dos estudos que consideram os vários aspectos da situação comunicativa abriram novos rumos na pesquisa sobre interação e linguagem. No que tange às partículas modais, são basicamente duas linhas de pesquisa que caracterizam tal processo. Uma delas, parte da análise semântica da partícula modal sem considerar o contexto comunicativo (minimalismo), a outra analisa a partícula inserida em determinada situação comunicativa (maximalismo). A seguir esboçamos as principais características de ambas.

2.2.2 Análise lexical do contexto semântico: Minimalismus

Duas posições caracterizam a pesquisa das partículas modais. Uma delas, a linha do *Bedeutungsminimalismus*, buscava encontrar um significado básico e geral para elas. Os minimalistas trabalham dedutivamente, já que partem de uma definição, de um significado, ilustrado por exemplos selecionados. Para eles, é necessário definir um significado básico para cada partícula, independentemente do

⁴³ Considerações extraídas de (FÁVERO, ANDRADE E AQUINO, 2002, p. 47-48).

⁴⁴ (KOCH, 1992, p. 110)

contexto. Assim, com base em *Minimalpaaren* (pares mínimos)⁴⁵, por meio de exemplos de duas frases que se diferenciam apenas pelo uso da partícula modal, procura-se ilustrar esse significado (*Grundbedeutung*).

Ex. 11:

Ich war gestern nicht da.

*Ich war **ja** gestern nicht da.*⁴⁶

Alguns autores trabalham em cima de protótipos nesta linha, a partir dos quais se definem características básicas para cada elemento, como forma de classificá-los em diferentes categorias – Veja: Prototypensemantik, em (MORONI, 2005, p. 23). Neste aspecto, inclui-se a distinção entre as partículas modais e seus homônimos.

Para os defensores do minimalismo, há um significado para cada partícula, que pode ser identificado a partir da comparação entre as classes de palavras e sua função (por ex: advérbio, adjetivo, partícula modal). Dentre os seus representantes, figura o próprio Weydt (apud Moroni, 2005, p.23) que considera haver um significado básico para cada partícula. Da mesma forma, Posner⁴⁷, Bublitz, Thurmair e Hentschel procuraram uma definição semântica para cada uma delas.⁴⁸

2.2.3 Análise funcional do contexto situativo: Maximalismus

Enquanto a linha minimalista acredita ser possível definir um significado fixo para as partículas modais, para outros autores seus significados variam de acordo com o contexto. Essa abordagem é intitulada *Bedeutungsmaximalismus* e tende a projetar o componente situacional da frase e seu contexto para a partícula.

Ferner (2002, p. 6) apresenta os pontos divergentes das abordagens em questão em seu trabalho sobre as partículas modais no ensino de alemão como língua estrangeira⁴⁹. De acordo com o autor, a linha de trabalho é o que diferencia as

45 Veja em detalhes no trabalho de Moroni (2005, p. 20)

46 “Eu não estive lá ontem” (Tradução minha). Exemplo citado por: (MORONI, 2005, p. 22)

47 (apud FEYRER, 1997, p. 65)

48 Citados por (MORONI, 2005, p. 23)

Veja também: (KNOW, 1997, P. 11-13)

49 Ferner aborda as partículas modais como problema para a aula de alemão como língua estrangeira e faz uma análise dos livros didáticos e de gramáticas disponíveis.

duas abordagens: “os maximalistas utilizam o processo indutivo, ou seja, procuram descrever as ocorrências das partículas. Ao contrário do método dedutivo dos minimalistas, que definem o significado básico destes elementos.”

Os maximalistas consideram as partículas em uso, segundo um processo de interação, com suas convenções e regras. Neste trabalho, destacamos a importância do contexto na interação. Sem considerá-lo, perde-se uma gama de informações necessárias para alcançar o objetivo proposto.

A discussão dentro da pesquisa das partículas é, portanto, controversa. Deve-se estudá-las a partir das situações em que aparecem para então compreendê-las e definir sua função ou deve-se a partir da determinação de seu significado básico para interpretar todos os casos em que aparecem?

Ferner (2002, p. 6) aponta para o fato que é compreensível a busca por um significado básico, para a inserção em dicionários ou para fins didáticos. Para Graefe (2000), principalmente no ensino do alemão como língua estrangeira, faz-se necessário trabalhar com significados básicos, já que a definição ainda é abstrata, de difícil compreensão e carece de exemplos empíricos.

Em contrapartida, no livro de Helbig (1999) “*Deutsche Partikeln - richtig gebraucht?*”, as partículas modais são delimitadas com relação às outras classes de palavras (advérbio, adjetivo, conjunção, etc.) e pelo tipo de frase que geralmente aparecem, ou seja, a análise parte do contexto em que estas se inserem.

A meu ver, as duas abordagens devem se complementar e não criar delimitações. Se para o ensino das partículas modais ou para o dicionário, a procura de uma definição do “significado básico” é válida, por outro lado, na tradução, faz-se necessário a análise da função da partícula no contexto em que esta se insere. Beerbom (1992, p. 34) e Franck (apud BERBOM, 1992, p. 34) são representantes desta linha, que considera a caracterização do significado a partir das indicações fornecidas pelo uso e contexto no qual se insere a partícula modal.

No trabalho proposto, procura-se conciliar aspectos relevantes de cada uma delas. Trata-se de uma abordagem que visa partir da função comunicativa e textual dessas partículas, sem desconsiderar seu significado básico, pois estas palavras têm funções específicas, que se completam em conjunto com outros elementos lingüísticos, em um contexto específico.

Conforme já mencionado, a intenção não é traduzi-las e, sim, traduzir um

texto no qual elas aparecem. Se as partículas assumem um papel importante no texto de partida, então é tarefa do tradutor buscar recursos da língua de chegada para manter esta característica. A análise deve ser feita orientada para função comunicativa na interação social em questão. Como citado por Feyrer, e de acordo com Wittgenstein e Gornik-Gehardt, *“die Bedeutung eines Wortes ist sein Gebrauch in der Sprache”*.⁵⁰

Dentre os vários trabalhos realizados sobre as partículas modais, selecionamos algumas pesquisas, expostas a seguir. Outros trabalhos, centrados na lingüística contrastiva e diretamente ligados à questão da tradução das partículas modais, serão apresentados como pesquisas tradutológicas, seguidos de dois importantes trabalhos sobre a modalidade e a tradução, relação esta fortemente determinada pelo fator cultural, e analisada a partir da linha funcionalista da tradução⁵¹.

2.3 PESQUISAS ESPECÍFICAS SOBRE AS PARTÍCULAS MODAIS

2.3.1 Análise da partícula “doch”: Graefen (2000)

O objetivo do trabalho de Gabriele Graefen é possibilitar o esclarecimento da função do elemento *doch* em alemão, e ainda tecer uma crítica à divisão de classes de palavras existente, que não aborda as partículas modais como classe independente. Para a autora, essa insatisfação com a atual classificação se justifica porque as partículas são diferenciadas por contextos, ou seja, o olhar para o papel da situação e do contexto lingüístico ficou mais aguçado, mas não serviu para definir o objeto de estudo. Para ela, quanto mais se tenta buscar significados e paráfrases dentro de um contexto, tanto mais as respostas para a questão da identificação das partículas parecem confusas e arbitrárias.

Graefen considera que as partículas não interferem no conteúdo proposicional do enunciado. Entretanto, o que deve ser avaliado é o que elas trazem de novo para ele. A autora defende a avaliação das partículas com relação à

50 (apud FEYRER, 1998, p. 43): “O significado de uma palavra é seu uso na língua”.(Tradução minha)

51 Teoria abordada no cap. 2.6.

ilocução do ato de fala e à idéia do *Bedeutungsminimalismus*: formular um significado geral básico das partículas. Seguindo este princípio, ela usa a partícula *doch* como exemplo para sua argumentação.

Para Graefen (2000), o *doch* aparece quando um falante pretende guiar o processo de compreensão, frisando sua opinião. Com o elemento *doch*, o falante indica ainda o conteúdo proposicional recorrendo a um fato já passado. Tal partícula aparece de forma mais marcante e freqüente onde o discurso pressupõe a contradição, fato que advém da função básica do *doch* de contradizer um enunciado ou pergunta negativa. A isso se acrescentam os elementos já conhecidos ou indicações que se relacionam.

Graefen cita exemplos extraídos do “Freiburger Korpus”, de uma entrevista com Günther Grass. Um estudante utiliza-se da partícula para levantar questionamentos e críticas. Através dos exemplos, a autora procura mostrar que o estudante faz uso do elemento *doch* para guiar a conversa e colocar sua opinião perante o assunto, ou seja, para reforçar a argumentação baseado em um conhecimento anterior (como: *Zitrone ist doch nie schwarz*).⁵²

A autora afirma ainda que as partículas estão ligadas a emoções, as quais desempenham um importante papel em sua descrição, mas nem sempre são abordadas. Trata-se de um fato implícito, que não modifica o valor ilocutivo do enunciado, mas garante uma nova representação do mesmo. Graefen tece críticas pertinentes ao atual estado de pesquisas das partículas modais, bem como à abordagem em sala de aula. De fato, não há um modelo ideal que possa solucionar todas as lacunas apresentadas.

2.3.2 Lothar Lemnitzer (1998): “Wann kommen wir endlich zur Sache?” “Quando é que vamos chegar ao assunto?”

De forma descontraída, o autor apresenta uma análise das partículas com base em um *corpus*, composto por 66 milhões de palavras, selecionado do jornal FAZ, o *Frankfurter Allgemeinen Zeitung*, no período que compreende os anos 1990-1992. Em certos momentos de seu trabalho, o autor utilizou-se também, para efeito

⁵² Limão nunca é preto, ora. (Tradução minha)

de comparação, do corpus do *Tageszeitung* (TAZ). O *corpus* da pesquisa de Lemnitzer tem sua base, portanto, em material autêntico. O autor aproveita os recursos da análise textual e estatísticos para seu estudo da função e significado das partículas combinadas.

Neste processo, uma dificuldade apresentada pelo autor refere-se às diferentes funções assumidas pelos elementos em questão - ora conjunção, ora partícula modal.

Para a escolha dos elementos, Lemnitzer se orientou em Thurmair (1989)⁵³. O foco do trabalho é na combinação de partículas modais, que foram selecionadas, organizadas e classificadas em seus diferentes tipos e formas de apresentação.

Os exemplos citados e o *corpus* disponibilizado pelo autor são bastante interessantes. Lemnitzer preocupou-se em definir os tipos de combinação a partir da sua função básica, para em seguida analisar as partículas em conjunto no contexto. Seus exemplos práticos da linguagem jornalística mostram que as partículas encontram-se presentes não somente na língua falada, mas assumem funções diversas também na linguagem escrita.

A meu ver, a tentativa de Lemnitzer de classificar as combinações em *colocações transparentes* e *lexemas opacos* ainda carece de um trabalho complementar. O próprio autor também admite a dificuldade de diferenciar e criar uma linha exata de separação entre os grupos de partículas e advérbios. Interessante aspecto no trabalho de Lemnitzer é a análise do ponto de vista textual, o perfil das combinações e sua ocorrência na prática, bem como o efeito e função que representam.

Embora não trabalhadas a fundo, as diferenciações entre partícula modal, de intensidade e advérbio, citadas no trabalho de Lemnitzer, são um convite à análise e reflexão nesse meio complexo das partículas modais. Há decerto que se considerar a proposta do trabalho e sua dimensão: um artigo que visa apenas demonstrar o quão complexas são as partículas e suas combinações.

Em vez de trabalhar com modelos construídos, o autor selecionou exemplos práticos do cotidiano e analisou, a partir desses elementos, as intenções e funções neles presentes. O trabalho apresenta um *corpus* expressivo e bastante atual, apesar da dificuldade de se separar, em meio ao volume de informações, aquelas

53 Thurmair, Maria (1991), S. 377-388.

que serviram como base para a análise das partículas e suas combinações.

2.3.3 Heggelund (2001): “O significado das partículas modais em diálogos sob as premissas da Teoria dos Atos de Fala e as perspectivas no ensino de alemão como língua estrangeira.”

Em seu artigo, Heggelund levanta duas discussões sobre o assunto: a análise das partículas sob as premissas da teoria dos atos de fala; e a necessidade de abordar o tema com foco no ensino de alemão como língua estrangeira.

Como condição para análise do significado e da função das partículas, há que se determinar uma teoria lingüística como base. Teorias relevantes neste contexto destacadas pelo autor são: a Teoria dos Atos de Fala, a Teoria da Relevância e a teoria da Polifonia. Dentre estas, Heggelund apresenta com destaque a Teoria dos Atos de Fala desenvolvida por John Langshaw Austin. Na obra de Austin, aponta Heggelund, o ato de fala é dividido em três níveis: o locucionário (o que é dito), o ilocucionário (o que é feito, no momento da fala) e um perlocucionário (o efeito ou a reação do ouvinte ao que foi dito).

O autor expõe que John R. Searle deu seqüência ao trabalho, dividindo o ato de fala em duas partes: o ato exposto e o ato proposicional. Também para Searle o ato ilocucionário encontra-se no centro de interesse, afinal o significado de uma exposição acontece a partir da proposição, seu conteúdo semântico, e da ilocução correspondente (da função comunicativa ou pragmática).

Heggelund aborda as questões como: De que maneira as ilocuições são sinalizadas? As partículas modais podem indicar a força ilocutiva de um enunciado? Fora de contexto ou situação, a exposição pode ter vários significados. Entretanto, segundo o autor, há recursos lingüísticos e não-verbais que contribuem para tornar a afirmação mais clara. São os indicadores ilocucionários, como verbos performativos, tipo de frase, seqüência de palavras, entonação, gestos e outros fatores situacionais. A maioria destes indicadores está ligada à situação concreta de fala.

Para o autor, freqüentemente um enunciado possui uma função comunicativa diferente do indicador ilocucionário formal. Uma pergunta como “*Bist du verrückt?*” (você está louco?) não se trata de uma pergunta de forma pragmática.

Forma e função se diferenciam, são os atos de fala indiretos, que podem ter a forma convencional de ato indireto: “*Können Sie mir bitte sagen, wie spät ist es?*” (pedido em forma de pergunta: “O senhor pode me dizer que horas são?”). E há aqueles que têm uma força ilocutiva no contexto em que se inserem, como: *Es zieht hier* (Está ventando aqui! – apenas uma constatação ou pedido para fechar a porta ou janela).

Em um outro momento, o autor lança outra questão: como entender o que o falante deseja realmente? Para resolver essa questão, diz Heggelund, Searle apresenta dois atos ilocucionários, o primário (não-verbal) e o secundário (verbal), e nesse sentido o ouvinte precisa deduzir o primário (intenção) a partir do secundário. Neste ponto, Heggelund (2001) levanta ainda a seguinte questão polêmica: as partículas modais são consideradas indicadores ilocutivos? Helbig (apud HEGGELUND, 2001) defende essa posição, fundamentado no fato de que a partir de um mesmo ato locucionário, diferentes ilocucionários podem ser produzidos, como nos seguintes exemplos:

Ex.: 12

*Du kannst **mal** das Fenster schließen.* (um imperativo suave)

Ex.: 13

*Du kannst **ja** das Fenster schließen.* (um conselho)

Ex.: 14

*Du kannst **doch** das Fenster schließen.* (conselho ou concordância com um desejo do parceiro)

As partículas modais agem sobre a locução da frase, modificando-a ou tornando-a ainda mais precisa. Por outro lado, Heggelund (2001) afirma que se as partículas possuíssem a característica de indicadores ilocutivos, há de se esperar que sinalizassem determinados atos de fala e não diferentes atos de acordo com a situação. Evidentemente, não somente elas, mas também outros fatores determinam o tipo de locução ou cada variante de locução, como acentuação, tom de voz, movimentos corporais e contexto. Como o próprio autor admite, esse aspecto ainda carece de pesquisa.

De acordo com Heggelund (2001), nem tudo precisa ser explicitado na

língua diária (enquanto item lexical) para que o entendimento aconteça. Uma conclusão pode ser presumida e deduzida e as partículas modais, em conjunto com outros elementos, colaboram para isso.

Que as partículas modais são difíceis de ensinar e de aprender ninguém contesta. Tanto as gramáticas como os dicionários não oferecem grande ajuda aos aprendizes do idioma nem aos tradutores. Heggelund (2001) afirma que o uso em um contexto concreto de uma partícula inadequada pode causar muito estranhamento, e uma reação contrária à desejada. Frequentemente os aprendizes de alemão evitam utilizá-las, reproduzindo uma língua mais rígida e não idiomática.

O autor apresenta uma série de conceitos, a partir das teorias semântico-pragmáticas, dos aspectos da análise conversacional e das abordagens orientadas para argumentação, levantando questionamentos ao longo do texto. Muitos deles carecem de resposta e continuam em aberto. O próprio autor menciona várias vezes o caráter polêmico do estudo das partículas.

Um consenso geral, entretanto, diz o autor, reside no fato de que as partículas modais possuem uma importante função comunicativa, principalmente na língua falada. Além disso, os vários aspectos contextuais e pragmáticos devem ser considerados durante os estudos sobre as partículas.

2.3.4 Partículas discursivas no português – Ilonka Kunow (1997)

O objetivo do trabalho de Kunow é oferecer uma análise da conversação na comunicação informal e institucional, abordando temas como organização da fala, uso de marcadores, das partículas modais e outras partículas discursivas de grande importância para a manutenção da conversa, para argumentação ou como guia da comunicação.

Em princípio, a autora oferece um panorama geral dos estudos na área, que se concentraram em seus primórdios nas características sintáticas das partículas. Tais estudos procuraram definir um significado global para elas. Este tipo de pesquisa baseava-se nas idéias do *Bedeutungsminimalismus*,⁵⁴ ou seja, para cada partícula seria dado um significado semântico.

⁵⁴ Veja: Capítulo 2.2

A autora afirma que na gramática tradicional o termo *partícula* refere-se a palavras pequenas que não sofrem flexão. Enquanto elementos da língua falada, elas podem aparecer como: sinal estrutural, no início ou fim de um discurso; como *Turn-Taking*, que dão seqüência ou guiam um turno; sinal de contato por parte do falante e por parte do ouvinte; pausa ou hesitação; interjeições; e sinal de correção.

Kunow observa que as partículas conduzem a conversação e a argumentação. A preocupação de contextualizar as partículas e demonstrar sua função com conectores e guias do processo faz-se presente durante todo o trabalho. Assim, a autora analisa as partículas discursivas em grandes grupos: como partículas modais, como sinais estruturais, enquanto elementos no processo de planejamento cognitivo e comunicação; e também como sinais de abertura, fechamento, ou como conectores e sinais de pausas.

A teoria apresentada pela autora é desenvolvida a partir dos marcadores para a organização discursiva. Marcadores, segundo sua concepção, são meios de expressão que se referem a uma parte da exposição, que não contribuem para o conteúdo proposicional, mas indicam ou sinalizam funções pragmáticas, podendo assumir uma função argumentativa.

Segundo Know (1997), a atitude social produz e reproduz o dia-a-dia, com suas regras e técnicas, como forma de organização social. A fala baseia-se não somente no conhecimento de mundo comum, mas também na parcela individual de cada interlocutor. Enquanto sistema simbólico subjetivo e individual, a língua é reconhecida em contextos específicos. As condições e a seqüência da conversa precisa ser sempre renegociada. Para que ela tenha sucesso, são necessários meios de compreensão dos parceiros.

Alguns problemas sobre a análise dessas partículas devem ser considerados, tais como a delimitação das partículas e a determinação dos tipos e das funções. Para tanto, a autora propõe uma metodologia baseada na análise da conversação. Partindo de um *corpus* heterogêneo da comunicação diária, Kunow tece reflexões sobre a etnografia do discurso, ligada ao contexto sociocultural. Como *corpus* para o trabalho, figura o projeto “Português fundamental” (capítulo 3.3, no trabalho de Kunow, 1997) que tem o objetivo de realizar uma análise do vocabulário básico e uma gramática voltada para o uso oral da língua. 1800 entrevistas foram gravadas e disponibilizadas para pesquisa em análise da conversação. Vale

ressaltar que toda entrevista tem um objetivo temático, além de local e tempo planejados. Entretanto, durante esse processo, tentou-se manter uma situação “natural” de conversação.

Como resultados de uma minuciosa descrição, Kuwon (1997) conclui que além da função de contribuir para a organização da fala, as partículas figuram na troca de falantes, na estrutura temática, na relação do enunciado com o contexto e ainda asseguram o entendimento dos dois lados. A autora também demonstrou que a utilização das partículas indica as condições de interação social, de acordo com o tipo, as regras, a temática, o envolvimento e as emoções nelas implícitas, bem como o grau de confiança entre os interlocutores.

Diante do conjunto de partículas exploradas detalhadamente no trabalho, podemos perceber que se trata de um tema vasto, com várias questões em aberto. Para a autora, o caráter da comunicação oral corresponde a um contexto dinâmico, onde os interlocutores constroem em conjunto o contexto. Todos os fenômenos que se encontram nele, como a prosódia, a velocidade, o ritmo, as pausas, as variedades lingüísticas, a variação lexical, e tantos outros fatores, funcionam como pistas de contextualização. Todos eles indicam que as partículas não possuem um significado inerente, mas atuam de forma multifuncional.

2.3.5 Moroni (2005): sintaxe e prosódia

O destaque para o trabalho de Moroni é a concentração na análise das partículas modais a partir da interação entre a prosódia e a sintaxe.

Moroni (2005) considera que a escrita se diferencia da fala basicamente através da prosódia, do tom em que determinada informação foi passada: “*Der Ton macht die Musik*”. Atualmente, um leque maior de fenômenos interativos é estudado nesta área, dentre eles as partículas modais. “Em que medida a análise do ritmo e entonação está interligada ao uso e posição das partículas modais na frase?”, eis a questão que norteia seu trabalho.

Neste trabalho, Moroni apresenta a teoria *Topik-Fokus-Gliederung* (tópico-foco-estrutura) em seu modelo de análise e afirma que a partícula modal pode influenciar o ritmo de um texto escrito, pois ela determina, dependendo de sua

posição, o tom dado à sentença. A autora parte dos trabalhos de Jochim Jakob(1988), que desenvolveu a teoria do “*Fokus und Hintergrund*”. O foco é a parte acentuada, com a informação importante para o locutor, a resposta para a pergunta em questão; o *Hintergrund*, por sua vez, representa a informação já mencionada e, portanto, não acentuada. Quando tal informação já conhecida é destacada por uma elevação do tom, passa a ser denominada por *tópico*.

Em seu trabalho, a autora parte de um rico *corpus* para analisar o papel da prosódia na posição das partículas modais e sua relação com a sintaxe da frase e os elementos que a compõe. Com base ainda na obra de Krivonosov (1977) e Thurmair (1989), Moroni desenvolve tais conceitos a partir da teoria do *Thema-Rhema-Gliederung*, ou seja, do que é conhecido e do que é novo no enunciado, para justificar a posição da partícula modal nas frases alemãs.

Trata-se de uma importante contribuição para o desenvolvimento de uma futura análise semântica das partículas modais que considere a relevância da prosódia para este tema. Para Moroni (2005, p. 104), a interação entre tempo, frequência e intensidade dos sons contribui para a percepção do que foi expresso. Uma detalhada análise deste processo é feita ao longo de todo segundo capítulo de seu trabalho.

Os textos analisados fazem parte do banco de dados do Instituto de Mannheim (Datenbank gesprochenes Deutsch⁵⁵) Com base nesse *corpus*, Moroni realizou análises estatísticas de frequência e tipos de ocorrência: se a partícula se concentra no foco (*Fokus*) ou na informação já conhecida (*Hintergrund*). Ela concluiu que 77% das partículas modais se concentravam no foco, ou seja, na introdução do elemento novo. Para Moroni (2005), as partículas modais são uma importante sinalização para a prosódia. Através delas, o autor de um texto escrito pode indicar a entonação da frase.

55 Disponível em: <<http://dsav-oeff.ids-mannheim.de/>>

2.4 PESQUISAS SOBRE A TRADUÇÃO DAS PARTÍCULAS MODAIS

2.4.1 Weydt (1969) e Krivonosov (1977/1989)

Os precursores no estudo das partículas modais foram Weydt (1969) e Krivonosov (1977/1989). Segundo Aleksej Krivonosov, que escreveu a primeira monografia sobre as partículas modais em 1963, na qual as organizou de acordo com seu sentido semântico, estas não possuem um sentido lexical isoladamente. Na verdade, elas possuem uma função modal que indica uma posição subjetiva do falante em relação ao que foi expresso. Weydt (1969) utilizou os mesmos argumentos em seu trabalho. Para ele, as partículas modais, por ele denominadas *Abtönungspartikel* (“partículas atenuantes”), caracterizam o discurso do falante.

Para Krivonosov (1989, p. 32), quando nos deparamos com frases do tipo “*Was ist das?*” (“O que é isso?”) e acrescentamos nelas partículas modais (*ja, denn, eben, mal, ruhig, usw*) percebemos a modalidade nas entrelinhas do enunciado. Assim, se o falante expor: “*Was ist das denn?*” (“O que que é isso?”), não se trata mais de um mero questionamento, mas há um sentimento, uma emoção aliada ao que foi dito (KRIVONOSOV, 1989, p. 32). Sua avaliação subjetiva está representada pelas partículas modais, que, aliadas à entonação, exprimem a modalidade do enunciado.

Weydt as definiu a partir de uma perspectiva pragmática e procurou por formas e expressões do francês que correspondiam àquelas do alemão. Estas pequenas palavras se referem à frase como um todo, diz Weydt. Para o autor, as partículas não contêm, em geral, nenhuma informação nova para o ouvinte, mas repetem uma informação já conhecida. As partículas modais exprimem a atitude ou posição do falante diante do exposto e comunicam ao ouvinte de que forma ele deve situar ou avaliar o conteúdo que ouviu.⁵⁶

Entre as obras de Weydt, há ainda materiais desenvolvidos para o ensino das partículas modais, que apresentam exemplos construídos e a análise das intenções por trás de seu uso.⁵⁷ Com relação ao aspecto tradutório, Weydt define a

⁵⁶ As obras que representam um marco inicial para os estudos das partículas modais (KRIVONOSOV, 1963) e (WEYDT, 1969) são citadas em toda literatura sobre o tema. A partir delas, as pesquisas na área ganharam impulso e diferentes abordagens se desenvolveram.

⁵⁷ WEYDT H.; HARDEN, Th.; RÖSLER, D.. *Kleine deutsche Partikellehre*. Stuttgart, 1983.

tarefa do tradutor da seguinte forma: “*Er (Übersetzer) darf sich gerade nicht fragen, wie die deutschen Partikeln wiedergegeben werden, sondern er muss vergessen, dass es im Deutschen Partikeln gibt.*”⁵⁸

Ao traduzir, o objetivo deve ser concentrar-se no texto como um todo e compreender o contexto situacional em que estão inseridas as partículas.⁵⁹

2.4.2 Franco (1991): descrição contrastiva

Antonio Franco, da Universidade de Coimbra (1991), realizou um extenso trabalho comparativo em relação ao português lusitano, fazendo a descrição contrastiva dos usos das partículas modais. Nele, Franco (1991) aborda as semelhanças do uso das partículas modais nos idiomas alemão e o português sob o aspecto linguístico. Seu trabalho concentra-se sobretudo em uma análise sintática, no nível da norma lingüística. A análise baseia-se em exemplos construídos, a partir das partículas: *acaso, afinal, bem, cá, e, é que, então, já, lá, mas, não, se calhar, sempre e também.*

Franco (1991, p. 248) parte da análise dos recursos do português, indicados por ele como as partículas modais dessa língua. Tomando-se em consideração o contexto em que ocorrem, Franco (1991, p. 20) procurou os “respectivos equivalentes” em alemão. Mas não se restringiu somente a isso. A mesma partícula foi utilizada como ponto de partida para mostrar que podem ser expressas com outros elementos em outras situações e em outros tipos de frase.

O citado autor expõe que

numa dada comunicação, cada um dos intervenientes lança mão de uma série de procedimentos comuns, assentados em regras sociais, no saber comum dos indivíduos, em interesses e convicções de que aqueles, pelo menos parcialmente, partilham. O seu saber, interesses e ações orientam-se numa determinada direção, estabelece-se uma base de cooperação, quando se deseja entender e ser entendido. Procedimento baseado numa convenção. (FRANCO, 1991, p. 222)

58 “O tradutor não deve se perguntar como uma partícula será reproduzida, ele deve sim esquecer que existem partículas modais no texto alemão”.

59 WEYDT, Harald (2003): *Nachts schlafen die Ratten doch - Os ratos dormem de noite. Partikeln in der literarischen Übersetzung*: Neste trabalho, Weydt analisa o conto de Borchert e faz referências ao trabalho do tradutor.

Mais adiante, o autor esclarece:

[...] as PMs, cujas funções consistem em fornecer ao ouvinte indicações não só quanto à avaliação que o falante faz do saber daquele, mas também quanto às suas próprias expectativas; em avançar e/ou certificar-se da existência ou não de pontos comuns entre os interlocutores e em apontar para que o que já previamente foi dito ou em preparar o que se seguirá na conversação, são neste sentido elementos convencionais. (FRANCO, 1991, p. 223)

Para efeitos de estudo das partículas modais (denominadas por ele como PMs) na interação verbal é também imprescindível sublinhar de igual modo a importância do ouvinte. Diz o autor (1991, p. 27), que “as PMs são elementos usados pelo falante para assinalar o modo como quer que o ouvinte entenda ou receba”. Para Franco,

o ouvinte, como agente na interação, assume também papel de produtor de enunciados alternadamente. A interação verbal não consiste simplesmente no somatório dos atos de fala que se sucedem uns após outros. Os atos assumidos por um e por outro, isto é, os atos de fala e os atos de recepção seguem-se alternadamente, mas interpenetram-se de maneira coordenada. (FRANCO, 1991, p. 219)

2.4.5 Welker (1990): as partículas modais “*aber, eben, etwa e vielleicht*”

Na Universidade de Brasília, Welker (1990) escreveu sobre o uso das partículas modais e seus equivalentes no português brasileiro. O objetivo principal deste trabalho foi encontrar, no português, equivalências para as partículas modais alemãs *aber, eben, etwa e vielleicht*. Esta análise, na qual necessariamente tiveram que ser levados em conta os contextos e as atitudes dos falantes, foi feita dentro do quadro da Lingüística Pragmática.

Welker realizou seu estudo com base na linguagem falada coloquial, a partir de informantes (falantes nativos do português brasileiro). Alguns enunciados foram encontrados em obras de ficção, mas sempre pertencentes à linguagem falada coloquial.

O mérito de seu trabalho é ser um dos pioneiros na lingüística brasileira sobre o assunto. Através dele, Welker conclui que no português existem vocábulos e locuções que se assemelham às partículas modais alemãs. São consideradas por Welker partículas modais portuguesas, conforme a definição alemã: *aí, bem, já, lá, mesmo, não*. Poder-se-ia acrescentar as ocorrências não-iniciais de *afinal e*

simplesmente.

De forma detalhada, as partículas modais *aber*, *vielleicht*, *etwa* e *eben* são descritas a partir de exemplos construídos ou extraídos de obras de ficção, e partindo deles, Welker busca expressões correspondentes no português brasileiro.

2.4.6 Beerbom (1992) e Feyrer (1997)

A modalidade é algo muito específico de cada língua, de cada povo e contexto. Por isso mesmo, a análise e a tradução de estruturas modais representam um desafio para o tradutor. Nos livros de Beerbom (1992) e Feyrer (1997) são abordadas questões sobre a relevância da tradução das partículas modais e a importância da análise contextual e cultural neste processo. Também foram apresentados comentários e alternativas de tradução das partículas modais para o espanhol e para o francês, com base no *corpus* de obras literárias selecionadas como representativas para os tipos e caracterizações mencionadas.

Ao comparar as estruturas lingüísticas, as características contextuais e a função da partícula em determinada situação, as autoras se basearam nos postulados da teoria funcionalista de Christiane Nord, que considera os aspectos intratextuais e extratextuais da situação comunicativa ao traduzir.

Tanto o livro de Feyrer como de Beerbom pertencem ao pequeno grupo de obras que abordam o tema partículas modais voltado para a tradução, com base em uma análise contrastiva. Beerbom parte da análise de Helbig⁶⁰ e considera aspectos semântico-pragmáticos na tradução. A classificação apresentada por Beerbom procura abordar os diferentes usos e formas de transferência lingüística, de maneira bem mais concisa do que Feyrer. Isso porque Feyrer se detém a uma única partícula modal: o *doch*, enquanto Beerbom analisa outras partículas: *ja*, *doch*, *schon*, *eben*, *halt*.

Beerbom destaca o aspecto interativo das partículas e seu valor dêitico como característica relevante para sua análise. Por meio da manutenção da relação, indicando-se o que foi dito pelo parceiro, realçando uma informação comum ou expectativas que o falante supõe, o ouvinte é integrado e a relação com ele é

60 Gerhard Helbig, *Lexikon deutscher Partikeln* (Leipzig, 1988)

mantida.

Feyrer se concentra na partícula *doch*, mas não deixa de enfatizar a importância de considerar o contexto e outras partículas que, combinadas com o *doch*, produzem determinado efeito. O foco no trabalho de Feyrer é a questão do grau de adversidade. A intensidade emocional da exposição é a base para a escolha do tradutor. E esse fato está fortemente ligado ao contexto. Em uma análise ampla de todos os fatores ligados ao contexto, é abordada, como consequência, também esta característica.

Para seu trabalho, Feyrer utilizou, inicialmente, exemplos da obra de Helbig, complementando-a, a seguir, com exemplos autênticos da literatura. Trata-se de uma análise detalhada com opções de escolha e crítica das traduções realizadas. As análises apresentam por vezes tipos muito próximos dos outros e não esclarecem as lacunas entre eles. Também o trabalho se estende a partir da apresentação do corpus de Helbig, de forma detalhada, para em seguida rever os mesmos conceitos, ampliando a terminologia e acrescentando o fator da adversidade forte e fraca. Neste sentido, a análise de Beerbom parece-nos mais objetiva.

Evidentemente, as obras mencionadas relacionaram tópicos importantes de análise, citados, também, ao longo do trabalho aqui proposto. Sem dúvida, ambas representam uma importante fonte de pesquisa e consulta, ricas em exemplos e sugestões. Entretanto, as considerações sobre o estudo das partículas ainda carecem de uma visão mais objetiva e menos isolada. É importante estar mais envolvido com a obra literária em si, para que os fatores nela presentes sejam também conhecidos e considerados, como: “Qual o papel do contexto?” ou “Como as informações situacionais podem nos ser úteis?”

2.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PESQUISAS MENCIONADAS

Já sabemos que traduzir as partículas modais isoladamente não faz sentido. O entendimento destas partículas é determinado pelos fatores pragmático-situacionais, tais como intenção do falante e situação comunicativa no contexto lingüístico e extralingüístico. O papel comunicativo do interlocutor no contexto social e a aceitação de normas convencionais de cordialidade e de adequação são

importantes neste processo.

Pode-se constatar, a partir dos estudos expostos, que as questões lingüísticas impulsionaram também os estudos das partículas modais ao centrarem o estudo da linguagem como atividade social. Sob os ângulos apresentados, dentro da prosódia e sintaxe, em um trabalho lingüístico-contrastivo, a partir de uma perspectiva tradutória ou dentro do ensino de alemão como língua estrangeira, a discussão sobre as partículas modais abre outros questionamentos que envolvem diferentes áreas de conhecimento.

Além da teoria dos atos de fala, os autores citados mostram também que a análise da interação e da comunicação em si contribui para caracterização das partículas modais. A forte ligação com o contexto e a mudança de efeito a partir do seu uso com outros meios lingüísticos e não-lingüísticos são importantes aspectos presentes na análise destas partículas.

É bastante problemático identificar as diferentes funções e formas que aparecem em várias situações. Aqui fica nítido o problema da tradução de palavras fora de seu contexto. Como já fora mencionado ao longo do trabalho, sem considerar a situação e as nuances do diálogo, o trabalho de tradução torna-se incompleto.

Durante a procura por correspondentes para as expressões modais acontece com grande frequência a mudança do tipo de frase - uma frase declarativa torna-se interrogativa ou exclamativa, por exemplo. O importante, portanto, é o significado comunicativo e não a forma. Ora, um imperativo pode indicar, por exemplo, um desejo. Conforme será abordado no capítulo seguinte, referente à teoria funcionalista, há uma intenção, uma função comunicativa por trás do que foi dito.

2.6 ABORDAGENS FUNCIONALISTAS DA TRADUÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES

2.6.1 Justificativa para a escolha

A comunicação se realiza em um meio, em um tempo e lugar, com determinada intenção. Como Reiß e Vermeer (1991, p. 18) definem, trata-se de uma

ação (*Handlung*) com um propósito (*Zweck*). Por isso mesmo, é preciso ir além, é preciso considerar todos os aspectos dessas situações particulares, mergulhadas em culturas diferentes. Traduzir pode ser visto como um tipo especial de comunicação transcultural, já que se trata de uma ação social, e as línguas de duas culturas se interligam neste processo. “Mudar a língua é mudar para outro mundo” (KUPSCH-LOSEREIT, 1999)⁶¹.

A partir das idéias funcionalistas defendidas por Katharina Reiss e Hans Vermeer, os estudos de tradução tomaram um novo rumo. Antes disso, acreditava-se que traduzir era simplesmente transportar significados de uma língua para outra. O tradutor transportaria a “carga de significados” sem interferir nela ou interpretá-la. Mas como falar em significados estáveis, quando o próprio significado de um item lexical não é fixo, mas muda conforme o contexto em que ocorre?

O princípio da funcionalidade salienta que o ponto de partida para a tradução é estar coerente com o sistema cultural no qual o texto está inserido, com suas implicações e funções. Toda ação tem um propósito (REIß; VERMEER, 1991, p. 7). E a tradução é uma ação social. Com efeito, segundo os autores representantes desta teoria, o ato comunicativo acontece porque as pessoas têm uma razão para se comunicar, utilizando-se de elementos situacionais verbais e não-verbais. Neste contexto, a língua enquanto parte de uma cultura carrega consigo características particulares.

Uma abordagem funcionalista torna-se adequada justamente para a análise das partículas modais voltada para a tradução. A base para o trabalho do tradutor ao *transferir* estruturas modais é se orientar para a finalidade, para a função. A modalidade na tradução é extremamente orientada para o receptor e, por causa da necessidade de interpretação, é, também, determinada por ele. Junto à tradução de estruturas modais, trata-se não apenas de uma transferência lingüística, mas, sim, de uma transferência cultural. Deste modo, cria-se na língua de chegada um outro enunciado que tem para os novos potenciais destinatários aproximadamente o mesmo valor comunicativo no enunciado de partida.

Os estudos que nortearam a abordagem funcionalista serão apresentados a seguir. A começar por Katharina Reiß (1971), que deu com seu trabalho os primeiros sinais para as mudanças de paradigmas da tradução.

61 “Die Sprache wechseln heisst in eine andere Welt wechseln”. Veja: (Kupsch-Losereit, 1995, p. 1-15)

2.6.2 Reiß (1971)

Em seu modelo, Reiß (1971, p. 24) destaca a importância da análise textual como guia para o trabalho de tradução. Para a autora, a relação funcional entre o texto de partida e de chegada, definindo com clareza o tipo textual do “original”, é condição para atingir os objetivos tradutórios.

A descrição dos tipos textuais de Reiß (1971, p. 32) foi realizada com base nas funções de linguagem do modelo de Karl Bühler (apud REIß, 1971, p. 32): representação, função e apelo. Com base nestas funções, são três os tipos textuais básicos: informativo (centrado no conteúdo: artigo científico, livro técnico), expressivo (centrado na forma: poesia) e apelativo (centrado no apelo: propaganda, discurso, sermão). Há ainda os textos híbridos (*Mischtypen*), mas para o tradutor interessa a função dominante.

Conforme Reiß (1971, p. 52) afirma, a análise de uma tradução deveria ser feita a partir da determinação do tipo textual, que define o método tradutório. Isto significa, por exemplo, questionar-se diante dos textos que privilegiam o conteúdo, se a informação foi mantida; ou diante de textos apelativos, se o efeito pretendido foi alcançado.

A tradução ideal para Reiß deveria manter o objetivo do original no texto de chegada, ou seja, o equivalente no conteúdo e na função comunicativa. O foco em seu trabalho ainda é o texto de partida. Entretanto, Reiß (1971, p. 55-71) já aborda aspectos intra e extralingüísticos, além do nível textual, oferecendo a base para o princípio da funcionalidade e para os trabalhos posteriores de Vermeer e Nord, resenhados a seguir.

2.6.3 Vermeer/Reiß (1991)

Para Vermeer, traduzir não é meramente um processo lingüístico, mas um tipo de ação humana intencional, pois a tradução está mergulhada em culturas, enquanto situação particular: “*Eine Sprache ist Element einer Kultur. (...) Kultur ist*

die in einer Gesellschaft geltende Norm und deren Ausdruck". (VERMEER, 1991, p. 26)

A ação humana almeja o alcance de um objetivo e com isso interferir no estado de coisas. Assim funciona na tradução: "*Die Dominante aller Translation ist deren Zweck.*" (REIß; VERMEER, 1991, p. 96). O *skopos* (do grego) definido pela *Skopostheorie* é determinado pela finalidade ou propósito de uma tradução. Segundo a *Skopostheorie*, o propósito (*skopos*) dentro da tradução e o próprio leitor/receptor definem as decisões tradutológicas. Vale considerar, de acordo com Vermeer, que todo ato de fala e, por conseguinte, a tradução estão inseridos em uma situação, que é definida por um tempo, por um local e por instituições e sistemas de interação. Neste contexto, estão presentes as experiências anteriores, compartilhadas ou não, as condições socioculturais como normas, sistema de valores, convenções, tradições, etc.

A *Skopostheorie* determina que se tracem estratégias fixas ou que se generalizem as situações. Toda decisão sobre esta ou aquela estratégia depende do *skopos* da tradução e de seu encargo tradutório (*Übersetzungsauftrag*). Traduzir, neste âmbito, significa produzir um texto na situação-meta, para um propósito na língua-alvo, e, de acordo com as circunstâncias do receptor, para cumprir suas expectativas e necessidades comunicativas.

No trabalho de Reiß, o texto original era medida de todas as decisões na tradução. Vermeer complementa a teoria de Reiß, pois, para ele o texto original oferece informações para a língua-alvo (*Informationsangebot*)⁶².

Nord (1991) desenvolveu seu modelo com base nas premissas de Reiß e Vermeer, ampliando a visão para além do texto de partida e de chegada, considerando os demais aspectos envolvidos no contexto.

2.6.4 As premissas de Nord (1991/1993) e nosso objeto de estudo

O texto é o instrumento de comunicação inserido no contexto sociocultural específico, diz Nord, e a tradução como ação é voltada para o receptor. A autora parte da compreensão das funções da linguagem e da seleção de estratégias

⁶² Termo adotado por Vermeer (1991, p. 35)

adequadas ao propósito da tradução. No entanto, salienta que o texto enquanto expressão da intenção de seu produtor somente se realiza por meio da recepção. Apesar de seu caráter prospectivo, voltado para o leitor, a autora destaca a lealdade com o autor original e com o *Auftraggeber* (mandante da tradução).⁶³

Para o desenvolvimento deste trabalho, consideramos o modelo de Nord, sob a perspectiva da teoria funcionalista. O modelo aponta em detalhes os vários fatores a serem considerados no processo tradutório, também para os textos literários. Vale destacar que várias críticas foram lançadas a esse modelo quando aplicado a textos literários. O ponto de maior debate figura no aspecto “intenção do autor”, visto que tal tema é questionável, considerando as atuais discussões nos estudos de tradução: pode-se realmente determinar tal intenção? A própria autora sugere que a impossibilidade de determinar essa intenção pode existir.⁶⁴

Nord comenta, entretanto, que o importante é que se esgotem as possibilidades de acesso à intenção do autor, como instrumento de análise e facilitador do processo. Tal postura não pressupõe que o tradutor deva, necessariamente, prender-se a tal conceito, sem considerar os outros aspectos envolvidos, como a biografia do autor, os eventos históricos que influenciaram seu trabalho, etc. O tradutor, neste caso, é um leitor crítico do texto, que aproveita todas as fontes de informações a respeito do autor e do texto de partida. Como define a autora:

Im Zusammenhang mit einer übersetzungsrelevanten Textanalyse ist der Translator zweifellos verpflichtet, alle zur Verfügung stehenden Recherchierquellen zu nutzen. [...] Bei literarischen Texten wird es sich in der Regel nicht um das Niveau des Literaturwissenschaftlers, aber doch um das eines kritischen Rezipienten und nicht eines normalen Rezipienten handeln. (NORD, 1991, p. 57)

Como Nord descreve, a função do texto é fortemente determinada pela situação em que a mensagem está inserida. É preciso considerar os fatores que se referem à situação na qual o texto é produzido e utilizado (extratextuais) e os que se referem ao texto em si (intratextuais). Como fatores extratextuais, temos o próprio emissor e suas intenções; o receptor e seu meio; o tempo; o local da comunicação; o motivo para produção do texto e a sua função. Os fatores intratextuais, por sua vez, referem-se ao estilo; ao tema; ao conteúdo do texto e à sua estrutura (NORD,

63 Compare: (NORD, 1993, p.18)

64 Sobre esse tópico, Leal (2007, p. 55) tece uma crítica ao trabalho de Nord.

1991, p. 8).

Em seu modelo, Nord trabalha a partir das *W-Fragen* (perguntas) do alemão para levantar os aspectos intratextuais e extratextuais: quem (*wer: Produzent/Sender*); para quê (*wozu: Senderintention*); para quem (*wem: Empfänger*); através de qual meio (*über welches Medium: Medium/Kanal*); onde (*wo: Ort*); quando (*wann: Zeit*); por que (*warum: Kommunikationsanlass*) e com qual função (*Mit welcher Funktion?*).⁶⁵

Assim sendo, diz a autora, como o ato comunicativo só se completa no momento da recepção, o tradutor deve tentar produzir na cultura de chegada um novo instrumento comunicativo a partir das intenções do produtor do texto e de acordo com as circunstâncias do receptor. No caso específico das partículas modais, teríamos aqui um bom exemplo de elementos cuja tradução só poderá ser bem-sucedida se se considerar o texto na situação de chegada em detrimento da expressão literal.

Durante a análise do texto de partida, deve-se, diante do modelo teórico assumido, considerar suas características estruturais. Afinal, a partir da própria estrutura do texto e suas características constrói-se uma expectativa em relação ao conteúdo. A temática vinculada à época e ao gênero do texto também transmite informações importantes para o tradutor e receptor. Além disso, ao analisar o texto de partida, deve-se avaliar quais elementos – e de que forma – devem ser preservados para que preencham sua função. A função comunicativa do texto de partida é, portanto, importante para a tomada de decisões do tradutor.

Vale destacar que o texto de partida não é o único aspecto a ser considerado. Como já afirmado, ele representa uma oferta de informações (baseado em VERMEER, 1991, p. 35), a partir da qual um plano de tradução precisa ser formulado de maneira adequada e precisa, de forma que considere a intenção do autor, o tipo de texto e as normas sociolingüísticas específicas da língua de chegada. Para seu objetivo comunicativo, resumindo as considerações dos autores citados acima, o tradutor escolhe as formas de expressão adequadas, orientado pela função e, assim, produzindo um texto adequado no contexto sociocultural em que está inserido.

Em que medida é necessário que uma afirmação tenha uma expressão

⁶⁵ Considerações extraídas de: (NORD, 1991, p. 44)

explícita ou se simplesmente partirá de princípios pragmáticos, situativo-comunicativos, isso dependerá da língua de chegada, de seus usos lingüísticos, culturais e sociais. Assim, no caso dos contos de Borchert e Schulze, serão apresentados minha leitura do texto original e alguns questionamentos sobre as decisões tomadas.

Os próximos passos para a análise do *corpus* em questão se resumem em:

- Comentários sobre autores e obras (aspectos externos): qual seu papel no contexto histórico específico?
- Análise dos fatores intratextuais dos contos em questão: como está estruturado o texto de partida (gênero, aspectos formais, organização, etc.)?
- Considerações, alternativas e reflexões durante o processo tradutório.
- Apresentação da proposta de tradução para os trechos dos contos selecionados.

3. ANÁLISE DO CORPUS

No capítulo anterior, foi apresentada a base teórica escolhida para o desenvolvimento deste trabalho: a teoria funcionalista da tradução de Christiane Nord, que também considera a importância do contexto cultural, além dos princípios da Lingüística Textual e da Análise da Conversação, incluindo a Teoria dos Atos de Fala. De fato, para uma descrição funcional como a aqui proposta, não se pode considerar que haja apenas uma única teoria, na qual as várias facetas das partículas modais sejam tratadas. Afinal, os textos estão inseridos numa situação comunicativa e, além dos elementos lingüísticos, uma série de outros fatores deve ser considerada no jogo da comunicação, conforme demonstramos a seguir, na análise detalhada do *corpus*.

3.1 SELEÇÃO DO CORPUS: KURZGESCHICHTEN - CONTOS

*Ich glaube, Kurzgeschichten sind am besten mit Aquarellen
zu vergleichen, eine scheinbar rasche, aber mit viel intensiver Arbeit
gemachte Ausdrucksform.*

Böll⁶⁶

Característica da língua falada, as partículas modais estão freqüentemente presentes em diálogos e na linguagem informal. Tal fato nos leva à questão: que tipo de texto escrito, que apresenta partículas modais, seria interessante como base para um projeto de tradução?

O conto se apresenta como diálogo escrito mais próximo da língua falada simulada. Há algumas vantagens em usá-lo como base. A situação é conhecida e descrita de tal forma que o leitor obtém as informações de pano de fundo. Informações como comentários do narrador, a descrição, a posição e as emoções do interlocutor. Enfim, o leitor é testemunha de uma situação comunicativa.

O objetivo desta pesquisa é analisar as partículas modais como problemas de tradução. Por isso, a literatura apresenta-se como o tipo de texto mais viável para

⁶⁶ “Acredito que os contos podem ser melhor comparados com as aquarelas, uma forma de expressão aparentemente rápida, mas feita com trabalho muito mais intensivo.” (Tradução minha)

a análise em questão, já que é freqüentemente traduzida para outra língua. Muitas vezes, durante as pesquisas com partículas modais, as análises foram realizadas com base em exemplos construídos e sem contexto, o que descaracteriza o objetivo principal da pesquisa: avaliar como a língua é produzida dentro de determinada situação comunicativa.

Ao procurar um *corpus* para análise, deparamo-nos com o conto alemão, mais especificamente os contos do pós-guerra contrapostos aos contos contemporâneos. No caso do tipo de texto em questão, o relato direto do que as personagens falam ou pensam é uma das estratégias usadas pelos narradores para tornarem seus textos mais próximos do mundo real. A reprodução da interação é, portanto, uma das características intrínsecas do discurso narrativo.

A seleção do conto do *pós-guerra* como base para o *corpus* deste trabalho é justificada pelo seu caráter realista, por meio do qual procura-se representar o cotidiano de pessoas comuns, fazendo rico emprego do discurso direto. Em linhas gerais, Durzak (1983) expõe que, no pós-guerra, em um momento de desorientação e reiniciação literária, tal gênero permitia a expressão da verdade sem exigir necessariamente uma preocupação com a estética. Para o momento histórico, a *Kurzgeschichte* figurou no pós-guerra como uma ponte, dando continuidade ao desenvolvimento literário, refletindo a realidade concreta dos autores e dos leitores como marco da história da época.⁶⁷

Em contrapartida, como forma de comparação e análise, apresentamos ainda como base para o *corpus* um conto contemporaníssimo, que, tal qual o conto do pós-guerra, se relaciona com o seu tempo real. E a maioria de contos assim, que se ligam ao seu próprio tempo, põem em discussão questões sociais, políticas ou pessoais.

A respeito da literatura contemporânea, enquanto alguns críticos apontam o presente momento da literatura como fase de “total inércia”⁶⁸ e questionam a falta de produção, outros avaliam o momento como uma busca de dimensão existencial em meio às mudanças sociais, em que temas por vezes abordados em tom cômico retratam elementos trágicos da existência humana.⁶⁹

Característica básica do conto é sua forma comprimida, na qual é exposto

⁶⁷ Considerações extraídas de: (DURZAK, 1983, p. 10)

⁶⁸ Veja artigo de Weidermann no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, de 11 março de 2007

⁶⁹ Veja artigo de Ijoma no *Süddeutsche Zeitung*, de 23 fev. de 2007

um corte sobre conflitos e crises do dia-a-dia. O acontecimento se passa no presente e o discurso é direto em linguagem coloquial.⁷⁰ O cenário do surgimento dos contos permite compreender melhor essa relação com a realidade vivida pelas pessoas. Na literatura norte-americana, por volta de 1890, havia um mercado de revistas que atingia um grande número de pessoas. Os textos lá publicados, portanto, precisavam ser de fácil compreensão e os temas deveriam ser transportados para realidade e experiência dos leitores. Por isso mesmo, a *Kurzgeschichte* carregou o peso de um preconceito lingüístico, ao ser considerada de origem plebéia.⁷¹

Na Alemanha, a história do *short story* – *Kurzgeschichte* – tem como cenários acontecimentos cruciais e a propagação do nacional socialismo alemão. Somente após 1945, a *Kurzgeschichte* ganha forças, adaptada com base nos padrões americanos. Entre os mais importantes nomes que influenciaram a história alemã da *Kurzgeschichte* estão Ernest Hemingway e William Faulkner, considerados autores importantes da prosa norte-americana da primeira metade do século XX.⁷²

A *Kurzgeschichte* reflete um momento, uma situação específica, um acontecimento particular. Pode ser o momento da morte, de um conflito, de um encontro. A representação temporal é intensiva e comprimida pelos limites da estrutura narrativa. O autor dos *short stories* procura provocar o leitor desde o início, de modo aberto e repentino. Há uma *Steigerungskurve* (uma curva de ação) e um ponto culminante com uma ação surpreendente. Neste momento, o leitor é confrontado com uma mudança inesperada.⁷³

Segundo Kahle (1969, p. 18), “em todos os países envolvidos na Segunda Guerra Mundial, a primeira literatura do pós-guerra foi antiestética e realista.” Para as testemunhas da guerra, o conto parecia ser a forma mais apropriada de expressão literária. O modelo fornecido pela prosa norte-americana de *short stories* (*Kurzgeschichte*) ajustava-se bem à geração pós-guerra: seus heróis não eram super-homens, mas pessoas apagadas e vencidas.⁷⁴ A autenticidade do que se contava pelo conto, com os autores assumindo papéis como testemunhas oculares do que havia acontecido, tornou-se símbolo de uma época. Assim descrito nas

70 Sachlexikon: Kurzgeschichte, S.2. Digitale Bibliothek Band 9, p. 498

71 Considerações extraídas de (DURZAK, 1983, 11)

72 Veja: (SCHNELL, 1993, p. 98)

73 Compare: Sachlexikon, 1998: Kurzgeschichte. Digitale Bibliothek, Band 9, p. 25098

74 Compare: Kahle, S., 1969 p. 18

palavras de Ingeborg Bachmann⁷⁵: “Ninguém há de acreditar mais que a criação literária é possível fora da situação histórica.”

Um dos textos-base para este trabalho, o conto “*Nachts schlafen die Ratten doch*”, de Wolfgang Borchert, representa este momento de incertezas. Em seu conto, Borchert nos remete para seu tempo, levando-nos ao deserto de escombros em que se transformara a cidade. O conto é narrado a partir da perspectiva de um garoto de nove anos, que se depara com a sombra de um homem com uma faca na mão. Durante a história, o diálogo se desenvolve fazendo com que o adulto ameaçador se torne um interlocutor compreensivo, alguém que deseja saber o que o garoto faz ali, em meio aos escombros.

Como conto contemporaníssimo, foi selecionado o “*Berlin Bolero*” de Ingo Schulze, que conta a história de Robert e Doro, um casal que vive há dois anos em uma casa na *Winnstraße*, entre atritos e disparidades com a administração do prédio. Robert e Doro pretendem resolver os conflitos com a construtora e administradora, e, em meio às discussões, crises da relação vêm à tona.

Os dois contos são ricos em partículas modais, as quais possuem uma função importante para o desenrolar das cenas e para a interação dos personagens. E se as partículas assumem um papel importante no texto de partida, então é tarefa do tradutor buscar recursos da língua de chegada – no caso deste trabalho, o português brasileiro – para manter essa característica, mas sem se esquecer de se libertar da estrutura do original para ganhar forma e sentido na língua-alvo. Caso contrário, “o produto pode tornar-se artificial ou perder sua função”.⁷⁶

Antes de apresentar minha leitura e sugestão de tradução do conto, é interessante apresentar os autores e as suas histórias, bem como o meio social em que viveram e a cultura da qual fizeram parte.

3.1.1 O autor Wolfgang Borchert e o contexto da época (aspectos extratextuais)

Ao considerarmos o contexto, tempo e lugar da produção textual, facilitamos

⁷⁵ Ibid apud, p. 30

⁷⁶ Problema apontado por Ruth Bohnunovsky em seu artigo: “A impossibilidade da invisibilidade do tradutor e da sua fidelidade: um diálogo entre teoria e prática da tradução”.

a percepção da função comunicativa do texto, da intenção do autor e demais características textuais. Neste processo, considerar a história do próprio autor é parte importante.

Borchert faleceu aos 26 anos, em 1947. Sua vida foi marcada por prisões políticas, por experiências em batalhas na Segunda Guerra Mundial e por uma doença adquirida na guerra, que se agravou, levando-o à morte. A época por ele vivida foi marcada por inquietações, pela crise econômica mundial, pela ascensão de Hitler e pela guerra mundial.

Borchert se opunha a tudo que fosse convencional e isso se reflete em sua obra. Os resultados do devastador conflito mundial expostos em seu trabalho nos levam a refletir sobre tantos outros que ainda ocorrem. Com frases curtas e repetições freqüentes, que dão ênfase àquilo que é essencial, em linguagem considerada “nada rebuscada” pela crítica⁷⁷, mas direta e realista, Borchert retrata as emoções ligadas a uma geração de amarguras e de frustrações.

Qual seria a intenção do autor, com suas obras baseadas em cenas cotidianas, ao refletir sobre a realidade e privilegiar o coloquial em seus diálogos? Ele mesmo explica: *“Wir brauchen keine Dichter mit guter Grammatik. [...] Wir brauchen die mit dem heissen heiser geschluchtzten Gefühl [...], und ja sagen und nein sagen: laut und deutlich und dreifach und ohne Konjunktiv”*⁷⁸

Exprimir a verdade, ainda que dura e amarga, com personagens autênticos, alertar para os aspectos negativos da guerra, na esperança de que tais acontecimentos não se repitam mais, são algumas das intenções que podemos levantar a partir do confronto com o texto. Vale lembrar que, enquanto receptores de obras como essa, trazemos também a nossa própria expectativa, nossos conhecimentos prévios, necessidades e intenções que determinam as condições de recepção.

No caso do conto em questão, o próprio impacto diante do título e a fase histórica por ele vivida contribuem para criar essa expectativa. Como próximo passo, apresentamos a análise de *“Nachts schlafen die Ratten doch!”*.

⁷⁷ Compare: (TOGNOLI, 1978, p. 61)

⁷⁸ “Não temos necessidade de poetas com boa gramática. Temos necessidade dos que tenham sentimento quente roucamente soluçado, que afirmam e negam em voz alta, nítida e repetidas vezes e sem Konjunktiv”. (Tradução de TOGNOLI, 1978, p.65)
BORCHERT, W. Das ist unser Manifest. In: Gesamtwerk. Hamburg: Rowohlt, 1949. p.3 10.

3.1.2 *Nachts schlafen die Ratten doch!*

É claro que as ratazanas dormem à noite (aspectos intratextuais)

A literatura do pós-guerra é marcada pela perda de fé, de confiança, de sentimento de união, de si mesmo. As obras da época representavam uma tentativa de juntar o que sobrou. Em meio a essa busca, um gesto de solidariedade é descrito no conto de Wolfgang Borchert, por meio de uma cena nos escombros de guerra em uma cidade destruída.

Ao entardecer, um senhor procura alimento para seus coelhos. No meio de escombros, ele encontra Jürgen, um garoto abandonado (ou esquecido?). Este senhor tenta iniciar uma conversa amigável, no início, sem muito sucesso. Após certo tempo, o homem descobre que o irmão de Jürgen não conseguiu escapar a um ataque, pois acabou soterrado embaixo dos escombros. Jürgen está ali para evitar que os ratos o devorem. Ao convencer o menino de que os ratos dormem à noite, e com a promessa de um coelhinho como presente, esse senhor consegue se aproximar e promete acompanhá-lo até a casa dele.

No início, a história gera uma tensão, o homem tenta ganhar a confiança do garoto⁷⁹, que não parece interessado em um contato maior. Apesar disso, ele faz várias tentativas, até que consegue se aproximar do menino, o ponto culminante da história. Weydt (2003), que analisou o conto de Borchert em seu artigo, considera a frase "*Nachts schlafen die Ratten doch*", como este ponto culminante. Por fim, na última fase, o senhor tenta convencer o garoto a voltar para casa. Como um drama, a história se desenrola em um diálogo simples, mas com muitos elementos subentendidos que descrevem o sentimento de uma época. A guerra está ali representada, mas não se fala diretamente sobre ela.

O conto é narrado a partir da perspectiva de um garoto de nove anos. A desolação em meio aos escombros, a incerteza e o pavor é o ponto de partida da história. O poder de observação de Borchert "é muito aguçado", ele constrói uma atmosfera hostil, reforçando tudo isso pelo "estilo característico de repetições e muitas aliterações (repetição de fonemas) que intensificam impressões e realçam significados"⁸⁰, como na afirmação do homem:

⁷⁹ Compare: (WEYDT, 2003, p. 243-257)

⁸⁰ (TOGNOLI 1978, p. 118)

Nachts schlafen die Ratten doch. **Nachts** kannst du ruhig nach Hause gehen. **Nachts** schlafen sie immer.

Ou ainda, segundo Tognoli:

Staubgewölke flimmerte zwischen den steilgestreckten Schornsteinresten. Die Schuttwüste döste.

Do ponto de vista estilístico, o autor utiliza um vocabulário popular, com expressões simples que acentuam o realismo às suas construções. Uma realidade difícil, afinal as conseqüências da guerra para a infância foram alarmantes. As crianças tiveram de se tornar adultas em meio à guerra brutal.

As falas não são destacadas por aspas ou travessão, uma quebra do convencional. O diálogo curto deixa transparecer o amor pelo irmão e a compaixão do homem. Para descobrir o motivo da vigilância, o adulto procura tornar a conversa descontraída, adequando-a à idade do garoto, e usando truques psicológicos para chamar a atenção dele. Para que a “negociação” e/ou interação aconteça, o homem utiliza recursos lingüísticos que suavizam, provocam ou apresentam reações às falas do interlocutor: as partículas modais assumem um papel importante na construção da comunicação entre esses personagens.

Analisando o início do diálogo, enquanto Jürgen sempre responde com frases curtas e monossílabos (sem partículas), o homem tenta promover a relação, reiterando o contato, utilizando-se de construções ricas em partículas. O próprio título da história é expresso com uma importante partícula modal: “*Nachts schlafen die Ratten doch*”. Rico em partículas (32 diferentes colocações), o texto consiste em um excelente material para análise deste tipo de item lexical e para a busca de respectivos recursos do português que promovam função comunicativa semelhante.

Em suma, entre ratões e coelhos, entre o cinza dos escombros e o verde do mato, entre o amor do menino pelo irmão e a compaixão do homem, Borchert retrata o mundo infantil em meio à situação cruel da guerra e suas conseqüências para a infância.

Em relação ao uso de tantas partículas no diálogo entre o homem e o menino, podem ser levantadas questões, como: O que elas expressam no contexto?

É um elemento para tornar a conversa mais amigável⁸¹? Que tipo de efeito as partículas produzem?

Com base nesses questionamentos, apresentaremos como conclusão uma proposta de tradução para os trechos em destaque, com comentários sobre as dificuldades e as soluções apresentadas.

3.1.3 Ingo Schulze: “*Handy: Dreizehn Geschichten in alter Manier*” (“Celular: Treze histórias à moda antiga”)

Schulze, nascido em Dresden em 1962, estudou Filologia clássica na Universidade de Jena. Foi dramaturgo, jornalista e redator. Nos anos 90, viveu e trabalhou na Rússia. Em 1993, retornou para a Alemanha e, desde então, mora em Berlim, onde escreve seus livros e contos. Por *Simple Storys* (histórias simples da Alemanha Oriental), recebeu o Berliner Literaturpreis com a medalha Johannes Bobrowski. No ano de 2007, Schulze recebeu o Prêmio da Feira do Livro de Leipzig por seu segundo volume de contos, *Handy* (Celular). Seus livros foram traduzidos para 24 línguas.⁸²

Como escritor que viveu na Alemanha Oriental, a queda do muro e a reunificação são também temas de seus livros.⁸³ No seu mais recente trabalho, *Handy – Dreizehn Geschichten in alter Manier*, Schulze apresenta treze contos sobre o amor, jardins, vizinhos e celulares. Histórias, nas quais os protagonistas estão diante de importantes decisões e se questionam sobre seu próprio comportamento. O leitor apenas observa os acontecimentos e participa de monólogos internos, a partir dos quais é confrontado com mentiras da vida diária e suas conseqüências, tudo é colocado em xeque. A autenticidade de seus contos faz com que o leitor se identifique com determinados trechos ou situações.

Handy é um termo que se disseminou por volta dos anos de 1980 até o final dos anos de 1990 na Alemanha, pois todos possuíam ou podiam possuir um desses aparelhos, ou seja, o título do conto faz menção a algo do presente e é confrontado com o subtítulo “à moda antiga”. Também nos contos realidade e ficção se

81 Compare (WEYDT, 2003, p. 243-257)

82 <http://www.litrix.de/autoren/autor/ingoschulze/ptindex.htm> Último acesso: 10.07.2008

83 *Short Stories*, 1998 e *Neues Leben*, 2005

misturam, assim como as histórias e personagens.

Segundo Ingo Schulze, as histórias contadas no livro foram escritas entre 1996 e 2006, período em que ele observou as mudanças na sociedade alemã, como a polarização entre ricos e pobres. Em entrevista à Folha de São Paulo, Schulze diz que sua preferência pelo conto tem origem no “desejo de reagir de modo imediato ao mundo ao seu redor”. O conto é o tempo real, que se vivencia com mais proximidade, contando suas histórias.⁸⁴

3.1.4 *Berlin Bolero* (Bolero de Berlim)

Robert e Doro, um casal que vive no bairro de Prenzlauer Berg⁸⁵ em Berlim, como muitas das histórias de Schulze. O casal vive há dois anos em um prédio que passa por um processo de reforma. Parte deste trabalho realizado pelo próprio Robert, que é marceneiro. Doro é estudante de Direito há vários semestres.

Nestes dois anos, entre muitas brigas e conflitos com a administradora do imóvel, e entre as transformações sofridas na antiga DDR, o casal convive com todo tipo de dificuldades.

Robert e Doro levaram a briga adiante com a administradora, a construtora e com a lei, para poderem comprar a casa oficialmente. De repente, eles recebem a oferta de 200.000 Marcos para que se mudem. Mas Robert é um idealista, ele quer ficar no imóvel, cuja vista é formidável. Doro não se conforma e, em meio às discussões, abrem-se outras cicatrizes do relacionamento, que vêm à tona e tornam-se mais fortes do que a mudança propriamente dita. Trata-se de uma decisão maior do que apenas entre o dinheiro ou a casa. É uma discussão entre a convivência e a vida pessoal de cada um.

De início, não sabemos o assunto, o motivo do conflito. Ao longo da história, na cozinha e sob o efeito do álcool, a tensão aumenta e o final é surpreendente. Doro passa mal, Robert fica ao lado dela. E ao vê-la de olhos fechados, beija a sua boca. Uma cena um tanto repugnante que representa o ponto culminante do conto.

84 Veja: Entrevista na Folha de São Paulo por ocasião de sua visita ao Brasil: SIMÕES, E. Ingo Schulze leva contos e história alemã à Flip. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 jun. 2008, Ilustrada.

85 Bairro habitado por estudantes, intelectuais e trabalhadores. Hoje há muitos cafés, clubes e vida noturna em Plenzlauer. Depois da queda do muro, passou por um processo de renovação geral, reforma de prédios e da estrutura da cidade. (Veja: Tagesspiegel, 4.11.2007: Berlin baut um)

O desenrolar da história até este momento faz entender o quanto é difícil a convivência e a tomada de decisões a dois.

Para convencer o outro e demonstrar sua opinião diante dos fatos colocados em discussão, os personagens deste conto utilizam-se das partículas modais para enfatizar, questionar ou admitir. Tais situações serão apresentadas em destaque para efeito de análise das partículas modais, como será esboçado a seguir.

3.2 ANÁLISE DAS PARTÍCULAS MODAIS PRESENTES NO *CORPUS*

Uma das principais dificuldades na pesquisa sobre as partículas modais é sua polifuncionalidade. “É justamente tal fato, que ao mesmo tempo as torna interessante. Fato este que está interligado com a necessidade de interpretação do texto literário”, diz Feyrer (1997, p. 69). Essa é crítica que recai sobre a pesquisa das partículas, afinal seu estudo passa a ser muito subjetivo, pois depende ainda de uma determinação contextual.

De fato, não podemos trabalhar com exemplos isolados e determinar regras fixas, uma vez que nem sempre teremos elementos lingüísticos que substituam cada partícula. O intuito é entender a modalidade expressa pela partícula modal analisada e oferecer possibilidades de tradução, com elementos lingüísticos ou não.

A análise será apresentada na seqüência, com base nas partículas presentes nos contos: *wohl, denn, eben, doch, ja, (nicht) mal, ruhig (mal)*. O objetivo é apresentar algumas soluções para os problemas de tradução das partículas modais. É importante destacar os exemplos para uma análise mais dirigida, apenas para focar a respectiva situação. Junto a cada um deles, encontra-se destacado o número do parágrafo nos contos anexos, para facilitar sua identificação. Assim, apresento o contexto dos contos trabalhados, a análise de seus aspectos internos e externos para uma visão geral do contexto em que estão inseridos e, em seguida, as possibilidades destacadas em seus respectivos trechos.

3.2.1 A partícula *ja*

De acordo com as pesquisas feitas pelos estudiosos desse assunto, a partícula *ja* é considerada como a mais freqüente na língua alemã, juntamente com a partícula *doch*.⁸⁶

Nos estudos sobre partículas modais, há um consenso geral sobre o caráter da partícula *ja*: o fato de ela indicar que o assunto já é conhecido. Tal característica reforça sua força dêitica, já que o *ja* sinaliza conhecimento do tema.

O uso do *ja* pode indicar que o fato acabou de ser mencionado. Neste caso, é produzida uma conexão textual com a exposição anterior, que pode ser do próprio falante ou do interlocutor. Essa função anafórica do *ja* tem grande relevância para a função de conexão em textos narrativos: ao abordar assuntos já mencionados, pode-se ativar o conhecimento do leitor ou ouvinte, reforçando a relação com eles.⁸⁷

Segundo Beerbom, a partícula *ja* assume diferentes papéis em asserções e constatações. Em todos os casos, o falante sinaliza que o conhecimento do fato, ou pelo menos a possibilidade de conhecimento, é condição. O que é evidente é também conhecido. A diferença entre ambas as exposições está na forma como o conhecimento do falante (e do interlocutor) surge do fato exposto. Na constatação, por meio da percepção da situação no momento em que acontece, e na asserção, por meio do conhecimento de mundo, das exposições que se passaram, conforme relata Beerbom (1992, p. 135).

Na constatação, como mencionado, os fatos observados pelos parceiros na situação comunicativa são demonstrados em palavras. Por meio da partícula *ja*, o falante sinaliza a evidência do fato e a possibilidade de que o ouvinte também tenha conhecimento do assunto. Não é uma nova informação que é passada, mas, sim, algo que o ouvinte já deve saber. Com base nas considerações de Beerbom (1992, p. 133-135), pode-se dizer que o *ja* nas interações procura promover um consenso e frisar a existência do fato, considerando a posição do interlocutor. Desta forma o *ja* atualiza a relação entre os sujeitos.

Como primeira ocorrência no conto de Borchert, temos a partícula *ja* na frase exclamativa que se segue. No contexto em que aparece a colocação abaixo, o homem constata a esperteza de Jürgen e exprime sua surpresa e admiração,

⁸⁶ Veja: (BEERBOM, 1992, p. 125) e (MÖLLERING, 2001).

⁸⁷ Compare: (BEERBOM, 1992, p. 131)

tecendo-lhe um elogio:

Ex. 15:

*Donnerwetter, ja! sagte der Mann verwundert, **bist ja ein fixer Kerl.***

(L. 12)

*Caramba, isso mesmo! Disse o homem. **Mas que garoto esperto!***

Em português, optei pelo uso do *mas* associado ao *que*, que expressa surpresa, aliada a uma constatação evidente no momento da fala.

Ao indicar a admiração ou surpresa diante de um fato sentido como incomum, constata-se o ocorrido e cria-se unanimidade com o parceiro.⁸⁸ Neste ponto, o homem emite um juízo sobre a ação do menino e assume uma posição que se harmoniza com o que são por certo os interesses e as expectativas dele. A surpresa do falante sobre um fato constatado é perceptível e o sentido comunicativo da constatação está em transmitir ao interlocutor que o falante percebeu o fato.

A partícula *ja* também pode explicitar um fato que já é conhecido pelos falantes. Juntamente com *auch*, essa partícula intensifica a pergunta dirigida ao garoto e indica que o falante espera uma resposta positiva. O fato conhecido pode ser o desejo do falante ou é algo necessário e preconcebido de acordo com a experiência de vida comum. Esse é o motivo pelo qual o *ja* combina-se com *auch*, e transmite expectativa (BEERBOM, 140), como no trecho abaixo:

Ex. 16:

*Dann weisst du **ja** auch, wieviel drei mal neun sind, wie? (L. 14)*

*Então você **já** deve saber quanto é três vezes nove!*

Em português, o fato conhecido pelos falantes pode ser exposto pelo conjunto: *já deve saber*. Trata-se de uma indicação explícita a algo conhecido, mencionado anteriormente ou evidente. Segundo Beerbom (1992, p.154), o *ja* acontece frequentemente em relação com o verbo *wissen*, na qual o conhecimento de um fato é tematizado explicitamente. Assim, “o conhecimento compartilhado é reforçado”⁸⁹. Por isso também o uso do *ja* para reforçar a afirmação e o acordo entre os locutores.

A partícula *ja* assume, neste caso, a mesma função comunicativa de *doch*, isto é, como define Franco (1986), “indica que os fatos asseridos na proposição em

88 (HELBIG; BUSCHA 1993, p. 488)

89 (HELBIG; BUSCHA, 1992, p.154)

que se encontram são ou deviam ser do conhecimento do falante e do ouvinte.”⁹⁰

Como resposta à pergunta anterior, mais um exemplo do emprego da partícula *ja*:

Ex. 17:

Das ist ja ganz leicht. (L. 15)

Ah, isso é fácil!

Mais uma vez essa partícula sinaliza que o assunto é claro e conhecido pelos falantes. Associada à partícula *ganz*, seu efeito é reforçado. A partícula *ganz* é considerada uma *Steigerungspartikel*, segundo Helbig e Buscha (1993), e funciona como intensificador de uma característica. Optamos em português por associar o *ah* como marcador conversacional, e a exclamação.

O *ja* pode ser uma concessão, na qual o falante expõe sua concordância parcial com o ouvinte. Na colocação seguinte, o *ja* sinaliza um fato conhecido, com o sentido de “estou certo de que você sabe, assim como eu sei”.⁹¹

Ex. 18:

Aber du kannst hier ja nicht weg. (L. 26)

Mas como não pode sair daqui...

Em português, uma opção poderá ser o uso de *como*, indicando o assunto conhecido pelos falantes. A relevância de fatos comuns por motivos estratégicos é bastante clara em um tipo particular do uso do *ja* combinado com o *aber*. A função de consenso pode ser utilizada para determinados fins, evidenciando um fato dito como conhecido e aceito, do qual, contudo, o interlocutor precisa tomar conhecimento novamente. O falante o faz para apoiar sua própria argumentação e limitar as objeções do interlocutor, funcionando como uma justificativa. No caso do conto analisado, o motivo pelo qual ele não pode ver os coelhos é o conhecimento compartilhado. Nessas frases, “procura-se criar um acordo ou uma concordância entre os locutores, que possuem uma base de comunicação comum, a experiência anterior é indicada pelo parceiro”.⁹²

Já a suposição ou conclusão referente a um assunto não surge necessariamente de um fato conhecido, mas estão bem próximos da constatação.

90 Considerações baseadas na obra de Franco (1986, p. 347)

91 Considerações baseadas na obra de Franco (1986, p. 347)

92 Considerações extraídas de (HELBIG; BUSCHA, 1993, P. 493)

Na frase abaixo, como um apelo à concordância, Jürgen fala sobre seu irmão e sobre a grande possibilidade de ele ainda se encontrar no local:

Ex. 19:

Er muss hier ja noch sein. (L. 35)

Ele tem que estar aqui!

Em português, procuramos reforçar o fato com entonação marcada pela exclamação. O próprio modal *müssen*, expresso em português pela colocação *tem que*, traz essa carga de certeza.

O falante pressupõe que o ouvinte está na mesma esfera perceptiva do momento em que produz o enunciado, para ver e reconhecer o mesmo fato que ele, para confirmar o que é evidente.

Pouco antes de sair de cena, o homem ainda faz uma observação. Ele quer falar com o pai do garoto, ele quer ensinar como se constrói uma casa de coelhos. Neste contexto, o homem faz uso da partícula *ja*:

Ex. 20:

Denn das müsst ihr ja wissen. (L. 43)

Porque vocês têm de saber como se faz isso.

Mais uma vez o assunto é claro e conhecido pelos falantes. No caso acima, o *ja* representa uma argumentação: o conhecimento de um fato é posto em evidência. Este pode seguir como resposta para *warum-fragen* ou tratar-se de uma afirmação geral, por meio da qual se faz referência a um conhecimento de mundo comum (BEERBOM, 1992, p. 149). O receptor é instigado a considerar o fato. Em português, a entonação tem um papel importante e não há a necessidade de um correspondente lexical para a partícula modal na sugestão mencionada. Por outro lado, torna-se necessário explicar o que eles devem saber, daí a oração “*como se faz isso*” (veja no conto anexo, linha 43).

Mais adiante, ao se despedir, Jürgen reforça a informação de que ele com certeza ficará até à noite, até que as ratazanas durmam, como segue:

Ex. 21:

Ja, rief Jürgen, ich warte. Ich muss ja aufpassen, bis es dunkel wird.

(L. 44)

*Tá bom, gritou Jürgen, eu fico esperando. **Você sabe**, eu tenho que ficar tomando conta até anoitecer.*

No contexto acima, apresentamos como proposta de tradução para o português a utilização do verbo *saber*, frisando que o ouvinte tem conhecimento sobre o assunto.

Por meio da retomada de um fato conhecido, sinalizada pelo *ja*, o falante mostra não apenas confiança no saber do ouvinte, mas, também, dúvida sobre esse conhecimento, já que o falante reativa o fato da memória do ouvinte.

Já no conto de Schulze, há dois exemplos com o *ja*.

Doro apenas estuda e quando consegue um trabalho, não o mantém por muito tempo ou não recebe por ele. Robert sustenta a casa, assim ela não precisa mesmo trabalhar. A partícula intensifica a argumentação de Robert, evidenciando o fato já conhecido: Doro não precisa se preocupar com o trabalho:

Ex. 22:

*“Aber sie musste **ja** nicht arbeiten”. (L. 44)*

*“Mas ela não precisava **mesmo** trabalhar.”*

Para evidenciar a argumentação, optamos pelo uso do *mesmo* em português, que sinaliza o fato conhecido: Robert traz o dinheiro para casa. Doro não precisava se preocupar.

Em outra situação:

Ex. 23:

*“Mit jeder Woche müssen die Wohnungsbaufritzen daraufbezahlen, sie haben **ja** leere Wohnungen versprochen, leere, keine bewohnten.”
(L.21)*

Tradução sugerida:

*A cada semana precisam ser pagos os peões da construção, **mas** eles **tinham prometido** apartamentos vazios, vazios, não ocupados.*

Ao mesmo tempo, Doro indica a admiração ou surpresa diante do fato, sentido como incomum: se eles prometeram apartamentos vazios, como podem

cobrar? E ainda, ao constatar o fato, procura criar unanimidade com o parceiro (com base no conhecimento compartilhado). Em português, o tempo verbal composto “*tinham prometido*” acaba cumprindo a função de que o fato era conhecido.

3.2.2 A partícula *doch*

Devido a sua complexidade, *doch* é uma das partículas mais estudadas e citadas da língua alemã. Também possui os mais diferentes sentidos ilocucionários. De modo geral, há um consenso na literatura analisada neste trabalho de que ela possui um componente adversativo, um caráter de contrariedade.

Assim como a partícula *ja*, a partícula *doch* também indica algo conhecido ou pelo menos que possa ser deduzido. O conhecimento do fato pode estar apenas subentendido, para simular um consenso. Assim sendo, como no caso do *ja*, o *doch* possui também um caráter dêitico.

Doch expressa um contraste entre dois pontos de referência, que podem ser de natureza diversa. Pelo menos um deles é conhecido pelo ouvinte. Pode se tratar de uma exposição anterior ou de um comportamento não-verbal, de uma expectativa ou algo não exposto.

A exposição com *doch* pode tratar-se de uma crítica ao parceiro, já que pode se referir a uma falha do interlocutor. Mas como já foi mencionado, o contexto comunicativo é fator decisivo. Por vezes, a partícula *doch* também tem uma conotação de cordialidade, de admiração ou estímulo.

Tanto Feyrer (1997, p. 126) como Beerbom (1992, p. 175) afirmam que o caso mais comum de uso da partícula *doch* refere-se ao que acabou de ser mencionado no ato de fala e que será criticado ou não-aceito de alguma forma. Esse uso pode ser visto como uma objeção a ser lembrada. Algo é tematizado na exposição com o *doch* que o interlocutor não considerou na opinião do falante, embora ele pudesse ter conhecimento disto.

A diferença entre o uso do *ja* e do *doch* está no fato de que *doch*, pelo seu significado adversativo, trata mais diretamente do componente crítico, e o *ja* pode surgir como uma crítica mais implícita (não seria necessário mencionar o fato já conhecido, se o receptor o tivesse considerado). Segundo Beerbom (1992, p. 177), o uso do *doch* por vezes tem um caráter mais “agressivo” do que o *ja*.

O recurso do *doch* não surge apenas como uma reação, mas, sim, para orientar a fala ou os passos dela. Com seu uso, o receptor é lembrado de algo que é condição para os passos seguintes da conversação. O antagonismo sinalizado pelo *doch* parte do fato de que o assunto é conhecido e o falante supõe que tal fato não está sendo considerado. A confirmação do parceiro é preconcebida. Problemas potenciais, como o fato de ele não se lembrar ou uma problematização sobre o assunto devem ser evitados. O falante gostaria de manter, de guiar a conversação e utiliza a exposição com *doch* para fazer com que o ouvinte tome a desejada consciência. Com o uso do *doch* procura-se eliminar pontos de conflito.⁹³

Devido ao antagonismo sugerido por *doch*, há sempre o elemento de exigência de concordância, que pode ser fortemente marcado ou não. O falante possivelmente considera a dúvida ou objeção do parceiro, mas tal exposição não é aceita e o ouvinte é estimulado a ter a mesma opinião. O elemento sugestivo do *doch* apela para a compreensão do parceiro explicitamente. Por meio do *doch* há um apelo ao ouvinte: “*Você tem que admitir*”.⁹⁴

Admirado com o fato de que Jürgen não vai para casa, o homem afirma que ele precisa comer:

Ex. 24:

Du musst doch essen. (L.22)

Mas *você tem que comer.*

A partícula *doch* se refere aqui a um consenso: todos sabem que é preciso comer. E o interlocutor precisa reconhecer isso também, funcionando quase como um apelo ao ouvinte. Esse tipo de enunciado é utilizado por vezes como uma censura ou para reforçar uma repreensão. Pode-se expor essa recusa freqüentemente com interjeições ou conjunções que exprimem protesto. Neste caso, optei pelo uso da conjunção *mas*.⁹⁵

Segundo Beerbom (1992, p. 185), o caráter de exigência de uma concordância freqüentemente tem a forma de uma suposição ou consequência. A partícula é combinada neste caso com verbos modais *müssen* ou *können*, com futuro ou palavras modais, assim como advérbios: *sicher, bestimmt, dann*. Fica claro

93 Compare: (BEERBOM, 1992, p. 217)

94 Compare: (FEYRER, 1997, p. 202)

95 Compare: (BEERBOM, 1992, p.177) e (FEYRER, 1997, p.199)

que na tradução do *doch* deve haver uma expressão de exigência de confirmação, para pôr em evidência que o falante aguarda a confirmação do ouvinte.

Já que a partícula *doch* tem o potencial de objeção, ela é adequada a asserções caracterizadas por uma entonação exclamativa. O antagonismo surge nas asserções enfáticas entre o julgamento do falante e a opinião expressa ao ouvinte, contrária ou apenas sugerida. Para o caso de alguém possuir uma outra opinião, o falante demonstra seu ponto de vista. A ênfase de opinião pode ser realizada para encorajar e eliminar toda dúvida.

Neste caso, o *doch* pode funcionar como uma tentativa de consenso, mas, também, reforça ou reafirma algo já citado que o outro precisa reconhecer, como na passagem abaixo:

Ex. 25:

*Ich kann **doch** nicht. Ich muss **doch** aufpassen, sagte Jürgen unsicher.*

(L. 19)

***Mas eu não posso. Eu tenho que ficar tomando conta!**, disse Jürgen inseguro.*

Assim, a partícula pode até se tratar de um leve protesto, até mesmo uma censura ou contraposição. Na proposta de tradução para o português, com o uso de *mas*, produz-se o efeito de que o falante quer dizer: “*pressuponho que você já saiba*”. A entonação tem aqui um papel fundamental.⁹⁶

Da mesma forma, o efeito da partícula *doch* nas frases a seguir remete a um fato que todos conhecem, sobre o qual há um consenso a respeito. Como se precisasse fazer com que o interlocutor se recorde de fatos de que não se deu conta, o falante quer levar o outro a compreender a situação para obter dele um consenso:

Ex. 26:

*Ja, die essen **doch** von Toten. Von Menschen. Da leben sie **doch** von.*

(L. 31)

*Sim, **porque** elas comem os mortos. As pessoas. **Não é** disso que elas vivem?*

⁹⁶ Compare: (FEYRER, 1997, p. 202)

Como alternativa para o português, apresentamos o *porque* explicativo e a questão *não é?*, reforçando a idéia da busca de um consenso.

Desta forma, Jürgen justifica o exposto e procura levar o interlocutor a recordar-se de certos fatos, seguramente conhecidos por ambos, mas momentaneamente esquecidos ou não levados em conta pelo homem. Jürgen leva o homem a compreender a situação para, no fundo, obter dele um consenso ou unanimidade com relação ao seu ponto de vista.

O homem sugere que Jürgen está tomando conta das ratazanas. Na colocação seguinte, Jürgen procura reforçar a negação em tom de protesto. Neste caso, o *doch* funciona como uma afirmação contrária, o fato é claro. Veja:

Ex. 27:

*Auf die **doch** nicht!* (L. 35)

Claro que não!

Uma alternativa para o português é o uso de *claro*.

Mais uma vez, reforçando a afirmação e buscando um consenso, Jürgen afirma, utilizando-se da partícula *doch*, que o irmão é bem menor:

Ex. 28:

*Er ist **doch** viel kleiner als ich.* (L. 35)

É que ele é bem menor do que eu!

É como se quisesse dizer: “*Você sabe que meu irmão só tinha quatro anos. Eu pressuponho que saiba.*” A intenção do exposto é apresentada em português por meio da entonação e do marcador conversacional “*é que*”.

Durante o ponto culminante da história, o autor utiliza a partícula *doch* novamente para exprimir um consenso, uma unanimidade. Com o sentido de: “*todos sabem que as ratazanas dormem à noite.*”

Ex. 29:

*Nachts schlafen die Ratten **doch**.* (L. 38)

É claro que as ratazanas dormem à noite.

Para expressar essa unanimidade, utilizamos a expressão “*é claro*” em português.

Essa frase também se refere ao título, *Nachts schlafen die Ratten doch*. Isso posto, que conclusões podemos tirar a partir daí? Segundo Nord (1993), o autor confere um título à sua obra com intenções, entre elas: para distingui-la de outros textos (intenção distintiva); para estabelecer um primeiro contato com o destinatário (intenção fática) e motivar o leitor (intenção apelativa); para caracterizar o conteúdo e informar a seu respeito, para expressar sua opinião sobre o texto (intenção expressiva). O título tem a função especial de representar o texto. É ele que promove o primeiro contato com o leitor. No caso do conto em questão, este remete a uma passagem importante do texto. Trata-se do ponto culminante da história.

Ao ler o título em alemão, o leitor já sabe que se trata de um diálogo, há uma informação conhecida e alguém precisa ser convencido de que tal fato é verdadeiro. Isto fica bem claro por meio da partícula modal *doch* que reforça uma informação, um leve protesto, uma certeza. Ao determinar o título é preciso estabelecer sua relação com o texto e verificar nele sua função. A força da partícula modal *doch* foi transmitida na tradução através da expressão: *é claro*.

Como se buscasse justificar o fato de querer acompanhar Jürgen até em casa, o homem procura mostrar que todos conhecem o fato e que há um consenso em relação a isso, utilizando a partícula *doch* no enunciado seguinte. O interlocutor precisa reconhecer isso:

Ex. 30:

*Ich muss deinem Vater **doch** sagen, wie so ein Kaninchenstall gebaut wird. (L. 43)*

***É que** eu preciso dizer a seu pai como se constrói uma casa para coelhos.*

Em português, apresentamos como proposta a expressão *é que*, que transmite esse caráter explicativo e consensual. Neste caso, apresentamos outra função interativa do *doch*. Em alguns casos, ela pode ter não uma conotação de censura, mas, de cordialidade, como um pedido ou sugestão, um pedido de desculpas ou uma justificativa.⁹⁷

Já ao longo do conto *Berlin Bolero*, a partícula *doch* se faz presente como base para a imposição de idéias, já que esse conto apresenta a discussão do casal

97 Considerações baseadas em: (FEYRER, 1997, p. 226) e (BEERBOM, 1992, p. 180)

em crise.

Ao relatar sobre as dificuldades que viveu durante as 96 semanas que passaram no apartamento, Doro fala de um "cara" que lhe fazia sinais obscenos durante a reforma. Robert fica transtornado e pergunta se ela pode se lembrar de quem se tratava. Ele quer tomar providências e afirma estar falando sério. Doro acredita que isso não leva a nada e em tom de ironia, revida:

Ex. 31:

*Du meinst es vielleicht ernst, aber du weisst nicht, worüber du sprichst. Hast du **doch** sonst noch mehr Phantasie. (L. 14)*

*Talvez você esteja realmente falando sério, mas você não sabe do que está falando! **É** você tem **mesmo** imaginação!*

Diante da constatação do fato, Doro quer que Robert compreenda a situação para, então, obter dele uma concordância ou unanimidade com relação ao seu ponto de vista. Sua indignação expressamos com: *é* e *mesmo*.

Ao beber novamente do brandy, recebido como presente do suposto comprador, Doro afirma:

Ex. 32:

Das ist doch gar nicht so schlecht, das Dreckzeug von deinem Freund, von deinem Kum-pel. (L. 16)

Não é nada mal a porcaria desse presente de seu amigo, desse seu cama-rada.

Nesta situação comunicativa, o *doch* reforça uma opinião. A entonação exclamativa, aliada ao potencial de objeção de *doch*, pode ter uma conotação de estímulo em algumas ocasiões. O falante demonstra seu ponto de vista, com ênfase em sua opinião. Para isso, optamos pela expressão corriqueira do português brasileiro: *não é nada mal*.

Doro exagerou ao beber o brandy e Robert teria motivo para reclamar do homem que o trouxe. Afinal, eles não tomam nenhuma bebida forte. Então, como se entrássemos nos pensamentos dos dois, há o comentário:

Ex. 33:

Doro hat sogar Freunde, die tranken gar keinen Alkohol. (L. 18)

*An so was musste man **doch** denken.*

Em português:

Doro até tem amigos que não tomam nada alcoólico.

*Isso tinha que **ser levado em consideração!***

Também neste caso, não há um elemento lingüístico específico que substitua uma partícula. O que se busca é atribuir o mesmo sentido global para a frase no texto de chegada. A ênfase na expressão em alemão é transmitida no português pela entonação e pelo uso da combinação: *levar em consideração*.

Da mesma forma, no exemplo seguinte, em que Doro, revoltada sobre o acontecido, faz suposições e ataques. O comentário sugere um conhecimento prévio, desde o início já se sabia que teriam problemas com o apartamento, daí a opção pelo *já* no português:

Ex. 34:

*Das ist **doch** alles klar gewesen. Von Anfang an. (L. 20)*

*Isso tudo **já** estava bem claro. Desde o início.*

Mais adiante, para reforçar uma informação, com um leve protesto, Robert admite estar a par dos riscos que corriam. A força da partícula modal *doch* foi transmitida através da expressão: *é claro*.

Ex. 35:

*“Das weiss ich **doch**”. (L. 22)*

***É claro** que eu sei disso.*

Como sugestão, e preocupado com o estado de Doro, Robert recomenda:

Ex. 36:

*“Setz dich **doch**”. (L. 26)*

Para este caso, no português do Brasil, temos um tipo de expressão que nos passa a idéia de sugestão e, ao mesmo tempo, de preocupação com o outro, utilizando o verbo *ir*, acompanhado outro verbo, como o *sentar*:

*Senta, **vai**. (L. 26)*

No exemplo seguinte, Doro reforça a afirmação e busca o consenso. É como

se falasse: “Você sabe que não ficaria dois anos aqui para nada. Eu pressuponho que saiba.”:

Ex. 37:

*“Ich mache das **doch** nicht zwei Jahre lang mit und sag dann: Danke schön!” (L. 30)*

*“Eu **é que** não vou aturar isso tudo durante dois anos e então dizer: muito obrigada!”*

Em português, como estão no auge da discussão, optei pela alternativa abaixo, que reforça a posição do falante através do “é que”.

Em outro trecho, Robert reflete sobre o acontecido e realiza uma espécie de retrospectiva em sua mente. Recorda fatos do passado e faz considerações, por vezes concordando com a revolta de Doro, como no caso abaixo:

Ex. 38:

*Diese Typen verstanden **doch** nur mit Geld herumzuschmeißen, und wenn das nicht half, mit mehr Geld und noch mehr Geld. (L. 52)*

***É**, esses caras só sabem jogar com dinheiro, e se não adiantar, mais dinheiro e ainda mais dinheiro.*

Para indicar essa constatação e a ênfase dada à expressão, optamos pelo uso do é no início da frase.

Em continuidade ao pensamento, Robert se mostra indignado diante da situação e dos responsáveis pela obra. E quer enfatizar que é indiferente diante do fato de não saber da procedência dessas pessoas, em sua maioria imigrantes:

Ex. 39:

*Ihm war es **doch** egal, woher sie anreisten und ob der Bauleiter in Neukölln oder Hellersdorf wohnte. (L. 52)*

Pra ele tanto fazia, de onde eles vinham e se o chefe da obra morava em Neukölln ou em Hellersdorf.

Em português, não há necessariamente um elemento correspondente (“Nullentsprechung”). O que se almeja com este trabalho é que prevaleça o argumento natural, sem forçar a busca por elementos lingüísticos na língua de

chegada.

Em outra situação, Doro, ainda em tom irônico, fala do tempo que ele precisaria trabalhar para conseguir a soma que podem receber agora. “Seis, sete anos?” E repreende Robert, que revida apenas em pensamento:

Ex. 40:

*Er wusste es **doch**, er, der Klotz, wusste es nur zu gut. (L. 58)*

É claro que ele sabia, ele, o babaca, sabia muito bem.

Para reforçar o fato evidente, em português usamos “é claro”.

Como já esboçado, o caráter de exigência de uma concordância freqüentemente tem a forma de uma suposição ou conseqüência. Ao utilizar o verbo modal *müssen*, combinado com o *doch*, faz-se necessário uma expressão de exigência de uma confirmação, para pôr em evidência que o falante espera que o ouvinte reconheça tal fato.

Robert, em seus pensamentos, assim o faz:

Ex. 41

*Sie musste **doch** wissen, dass mit ihm so etwas nicht zu machen war. (L. 66)*

Ela já devia saber que com ele isso não se faz.

Em português, a entonação e o *já* marcam esse caráter de exigência e que o fato é conhecido pelo ouvinte.

Como são as partículas modais mais usadas no alemão, resumimos as principais características de *ja* e *doch* a seguir:

3.2.3 Ja X doch

Assim como o *ja*, o *doch* é freqüentemente utilizado com os verbos de percepção ou com o próprio *wissen*⁹⁸. O falante refere-se à atual situação comunicativa e à base de conhecimento comum “repreendendo” ou “estimulando” o ouvinte, que não considera o que acabou de ser exposto ou realizado.

98 Compare: (BEERBOM, 1992, p. 154, 218)

Segundo Beerbom (1992, p. 217), a partícula *doch* em frases declarativas e exclamativas possui muitas semelhanças com *ja*:

- Ambas indicam algo já conhecido.
- Ambas aparecem em exposições com uma base de saber comum entre os locutores e podem aparecer freqüentemente combinadas com verbos *wissen*, *sagen* ou com os que indicam percepção.
- Tanto o *ja* como *doch* aparecem freqüentemente em justificativas.
- Ambas as partículas aparecem em exclamações nas quais a surpresa do falante é descrita.
- Enquanto o *ja* sinaliza a evidência do assunto, o *doch* participa diretamente da surpresa, pois evidencia o antagonismo entre o assunto e a expectativa do falante.
- Ambas podem aparecer em exposições de renúncia.

Quando se compara as partículas *ja* e *doch*, pode-se observar que ambas acentuam a certeza/correção e a visão/compreensão de um enunciado; o *doch* possui, no entanto, um caráter mais apelativo.

3.2.4 A partícula *denn*

A partícula modal *denn* é utilizada em frases interrogativas, reforçando uma pergunta de forma subjetiva. Segundo Beerbom (1992, p. 318), através de perguntas com *denn* o falante expõe uma admiração/surpresa ou uma repreensão. Há uma oposição entre a expectativa do falante e a exposição anterior. Por outro lado, podemos tornar a pergunta mais amigável, utilizando, por exemplo, o *denn* em situações onde se quer descobrir algo, obter uma informação em caráter de curiosidade:

Ex. 42:

*Worauf passt du **denn** auf? (L.5)*

*Wie alt bist du **denn**? (L.12)*

*E eu posso saber do que **é que** você está cuidando?*

E quantos anos você tem?

No caso acima, a expressão *é que* tem uma função atenuante, o ouvinte deseja obter uma informação e por meio deste elemento deixa a pergunta com um tom não de ordem expressa, mas, de curiosidade diante do fato, embora seja produzido um efeito inquiridor.⁹⁹

O *e* em perguntas estabelece uma relação entre o enunciado anterior e seus pressupostos. Jürgen sabe calcular, é um garoto esperto, então o falante parece supor que já sabe da resposta. Com isso, cria-se também condições para que o diálogo prossiga.¹⁰⁰

Em outro caso, o *denn* surge quando “se repete uma pergunta para qual o falante não recebeu uma resposta satisfatória.”¹⁰¹ Como no enunciado seguinte:

Ex. 43:

Na, was denn? (L. 8)

Para este caso, optamos, em português, pelo uso do **Então o que é que é?** que torna explícita a idéia da cobrança, exprimindo curiosidade e interesse pela resposta do interlocutor. O *então* pode, segundo Franco (1991, p. 318.), abrir “a estrada para o amigo satisfazer de bom coração a nossa curiosidade”.

Em perguntas com respostas sim ou não, ou seja, em *Entscheidungsfragen* (perguntas de decisão), o *denn* sugere admiração ou surpresa.¹⁰² Possui, portanto, um caráter de frase exclamativa:

Ex. 44:

Du rauchst? Fragte der Mann, hast du denn eine Pfeife? (L. 24)

Você fuma?, perguntou o homem. E você tem um cachimbo?!

Em português, mais uma vez, oferecemos como sugestão o uso do *e*, reforçado pela entonação e exclamação. A expressão de surpresa fica bem clara.

O próximo tipo de pergunta com *denn*, se relacionada a algo já acontecido, promove uma retomada de tema. A pergunta com *denn* pode ter aqui um efeito mais natural ou amigável:

99 Considerações para análise extraídas de (FRANCO, 1991, p. 324)

100(Veja: FRANCO, 1991, p. 311)

101(HELBIG; BUSCHA, 1993, p. 491)

102(WEYDT, HARDEN RÖSLER, 1983, p. 19)

Ex. 45:

*Aber gehst du **denn** gar nicht nach Hause? (L. 22)*

*Então você **nem** vai pra casa?*

Com a pergunta acima, o falante espera que o interlocutor ofereça mais dados específicos. Aquele que formula a pergunta conta com uma resposta, com uma conclusão; o tom não é inoportuno, mas transmite que o falante espera pela informação do ouvinte.

Denn pode ser usado, ainda, como uma pergunta retórica, expressando neste caso uma repreensão. O falante reporta-se à ação que o ouvinte tenta levar a cabo. Ele supõe que o ouvinte já deveria saber que o ato é ilícito ou não pertinente. O seu ato de fala não é de modo algum uma pergunta, mas tem o efeito de um aviso sério que apanha de surpresa o interlocutor. Por meio da partícula modal *denn*, uma informação é confirmada e subentende-se que ela já é de conhecimento do interlocutor. Franco (1991, p. 324) denomina esse caso como uma frase interrogativa com intenção exclamativa, algo óbvio ou de conhecimento de todos, e que só é questionado para demonstrar a surpresa, como no trecho seguinte:

Ex. 46:

*Ja, hat euer Lehrer euch **denn** nicht gesagt, dass die Ratten nachts schlafen? (L. 36)*

*Sim, e o seu professor **nem** disse que as ratazanas dormem à noite?*

O e no início da pergunta indica que o falante duvida que o professor tenha realmente exposto o fato. O uso do *nem* reforça essa dúvida, ou pelo menos essa reserva em relação à explanação feita pelo professor. Há um tom de preocupação e de crítica por parte do falante. Na verdade, o homem sabe que se trata de uma mentira, mas isso serve para tentar tirar o menino dos escombros.

Já no conto “*Berlin Bolero*”, em que a discussão é o cenário, a partícula *denn* aparece em perguntas com tom irônico, e por vezes em perguntas retóricas expressando uma repreensão. No primeiro caso, de forma sarcástica, Doro pergunta a Robert indiretamente:

Ex. 47:

*Nicht nur beschissen, es war... Wie nennst du das **denn**, wenn im Hausflur Sonntagstreff für Penner ist, die sich beim Pinkeln nicht mal wegdrehn. (L. 8)*

Na tradução para o português:

*Não apenas uma droga, foi... Como é **que** você chama isso, quando a porta de sua casa é ponto de encontro de maloqueiros, que não se viram nem para mijar?*

O *é que* dá o tom de cobrança e curiosidade para a pergunta. Por outro lado, o seu ato de fala não é em si uma pergunta, mas possui o efeito de uma exclamação séria que apanha de surpresa o interlocutor. De forma mais intensa, no exemplo seguinte, Doro reage ao espírito idealista de Robert com a pergunta:

Ex. 48:

*Ach, Robert. Wo lebst du **denn**? (L. 10)*

*Ah Robert, em que mundo você vive **afinal**?*

Mais uma vez, a pergunta tem um caráter de repreensão. No português do Brasil, o *afinal* expressa esse tom de cobrança e indignação.

Mais adiante, Doro acusa a todos, utilizando o pronome vocês (ihr). Robert deseja saber a quem ela se refere. Então questiona:

Ex. 49

*Wer ist **denn** ihr? (L. 24)*

***E quem** são esses vocês?*

Optei pela ênfase com o *e* no início da pergunta, em tom inquiridor. Além disso, a entonação e o destaque para *vocês* reforçam a pergunta, o caráter dialógico do conto.

Ainda seguindo esta linha de reflexão, no exemplo seguinte, Doro faz uma pergunta a Robert, sem necessariamente esperar uma resposta. Ela quer demonstrar estar estupefata diante da situação. Afinal eles pagaram durante dois anos pela reforma e, em seguida, recebem a oferta. Por conta disso, Doro levanta acusações e se admira com a ingenuidade de Robert:

Ex. 50:

*Du bist so ein Depp! Was glaubst du **denn**, woher der so ne Zahl nimmt... (L. 32)*

*Você é um idiota! **O que é que** você acha, de onde vem essa grana...*

Diante dos exemplos apresentados, podemos concluir que a partícula *denn*, utilizada em perguntas, pode carregar uma série de intenções. Desde admiração/surpresa até uma repreensão ou oposição entre a expectativa do falante e a exposição anterior. Além disso, não podemos deixar de lado a intenção de tornar a pergunta mais amigável, quando se quer descobrir algo ou obter uma informação em caráter de curiosidade. A situação comunicativa é, portanto, elemento decisivo na escolha tradutória.

3.2.5 A partícula *wohl*

A partícula modal *wohl* expressa algo presumido, que dá margens a um avanço em um quadro da conversação. A suposição é expressa pelo *wohl* em uma frase interrogativa como a que segue, na qual o *was* reforça a retórica, e a partícula pode servir para expressar uma suposição: *penso que, provavelmente, deve ser*:¹⁰³

Ex. 51

*Du schläfst hier **wohl**, was? (L. 3)*

É aqui que você dorme, é?

Esse tipo de pergunta que exige uma decisão (*Entscheidungsfragen*) entre sim ou não caracteriza uma incerteza por parte do falante, que cuidadosamente coloca sua suposição (HELBIG; HELBIG, 1999 p. 115). Em português, para manter esse tom, sugerimos a inversão com o *aquí* destacado no início da questão e a pergunta retórica com a utilização do *é*, como se quisesse confirmar a suposição.

Seguindo a mesma linha, no próximo exemplo o falante utiliza o mesmo

103 Compare (HELBIG; HELBIG, 1999, p. 115-116)

recurso da pergunta retórica somada ao uso do *wohl*. Weydt (1983, p. 93) afirma que este tipo de combinação – pronome interrogativo + partículas modais – é típico em perguntas retóricas curtas:

Ex. 52:

Wohl auf Geld, was? (L. 6)

Deve ser dinheiro, não é?

Em português usamos também a pergunta retórica acompanhada pelos verbos *dever* e *ser*.

O falante tira suas conclusões e, como expressão de sua incerteza, coloca uma suposição em forma de pergunta à espera de uma resposta clara que confirme sua afirmação (HELBIG;HELBIG, 1999, p. 115), exatamente como no uso da partícula abaixo:

Ex. 53:

So, dafür hast du wohl den grossen Stock da? (L.3)

Ah, para isso é que você tem esse pedaço de pau enorme aí?

Em português, optei por utilizar a interjeição *ah* no início da pergunta, como uma conclusão presumida. O *é que* reforça essa idéia conclusiva.

A partícula *wohl* tem um componente de hipótese e suposição. Ela aparece freqüentemente em perguntas diretas, com caráter decisório (ja/Nein-Fragen: perguntas que exigem como resposta sim ou não).¹⁰⁴

3.2.6 A partícula *eben*

Entre as diferentes funções de *eben*, o exemplo do conto em questão aponta para uma situação em que se tenta levar o diálogo a cabo. O falante sinaliza que não há motivos para discussão, é como um apelo para que o tema não seja levado adiante. Assim, as possibilidades de prosseguir com o assunto ficam restritas. Conflitos são evitados e o prosseguimento da conversa é controlado para se chegar a um acordo. Enfim, o falante considera sua informação um fato consumado,

104 (BEERBOM, 1992, p. 409)

manipulando o interlocutor (BEERBOM, 1992, p. 260).

Jürgen demonstra que não quer entrar em detalhes e, ao ser questionado sobre aquilo de que está tomando conta, afirma:

Ex. 54

Na, was denn? (L. 8)

*Ich kann es nicht sagen. Was anderes **eben**. (L. 9)*

Em português:

Então, o que que é?

*Eu não posso dizer. É uma coisa **bem** diferente.*

Optei por frisar a afirmação com o elemento lingüístico *bem*. O falante sinaliza que deseja ser deixado em paz. Há, portanto, uma quebra na argumentação.

3.2.7 A partícula *mal*

A partícula modal *mal*, quando utilizada em orações imperativas, suaviza uma ordem ou pedido e muitas vezes dá ao enunciado um tom pessoal e descontraído.¹⁰⁵ É o caso da expressão a seguir:

Ex. 55:

*Oha, denk **mal** an, neun also. (L.14)*

Olha só, nove anos!

Em português, também temos a expressão “*olha só*” que transmite idéia semelhante.

Acompanhada de outra partícula, o *mal* passa outro efeito ao enunciado. É o caso de *ruhig mal*, conforme no trecho a seguir:

Ex. 56:

*Schade, der Mann bückte sich zu seinem Korb, die Kaninchen hättest du **ruhig mal** ansehen können. (L. 26)*

*Que pena, o homem se debruçou sobre seu cesto, você poderia **dar***

105 (HELBIG; HELBIG, 1999, p. 79)

uma olhadinha nos coelhos.

Em conjunto com verbos modais em explanações, a partícula *ruhig* tem um caráter sugestivo, um convite ou intimação indireta. O próprio uso do *Konjunktiv* em alemão e do subjuntivo em português reforça esse efeito. Não indicamos, neste caso, um item lingüístico específico, mas, sim, o uso do diminutivo, que torna a expressão ainda mais sugestiva. O aspecto da informalidade conferido por *mal* é também veiculado pela expressão *dar uma olhadinha*, que pertence a um registro de linguagem mais coloquial.

O falante confere, pelo emprego de *mal*, um caráter ocasional, uma afirmação vaga que se reporta ao que já foi comentado. Este aspecto informal é sublinhado em português por *nem*.

Ex. 57:

*Na, sagt der Mann, das ist aber ein Lehrer, wenn er das nicht **mal** weiss. (L. 38)*

*Pois é, diz o homem, mas que professor é este que **nem** sabe disso?!*

Mais adiante, há outro exemplo semelhante com o uso do *mal* com a negação *nicht*. Para reforçar a idéia de indignação provocada no texto de partida alemão, escolhemos o uso de *nem sequer* em português:

Ex. 58:

*Euer Lehrer soll einpacken, wenn er das **nicht mal** weiß. (L.41)*

*Seu professor tem que ser despedido, se ele **nem sequer** sabe disso.*

De volta ao casal de “*Berlin Bolero*”, no conto contemporâneo, notamos o uso de *mal* em diferentes situações, muitas vezes em tom de ironia. Como a característica da partícula *mal* é suavizar uma ordem ou pedido, ou dar ao enunciado um tom pessoal e descontraído, pode-se entender o próximo exemplo não como uma simples sugestão aliada ao *Konjunktiv*, mas sim como uma sugestão irônica, uma cobrança encoberta:

Ex. 59:

*Du hättest wenigstens **mal** fragen können, bevor du so grosszügig verzichtest. (L.34)*

Você poderia pelo menos ter perguntado, antes de recusar tão generosamente.

Em português, mantemos o subjuntivo, e não há necessariamente um correspondente direto da partícula. Ela apenas suaviza a sugestão realizada em alemão, que pode ser realizada com a entonação no português do Brasil.

O aspecto da informalidade conferido ao próximo enunciado pela partícula *mal*, combinada com o verbo *anschauen*, pode ser reportado novamente com a expressão *dar uma olhada*:

Ex. 60:

*Wollen wir nicht **mal** eine andere Wohnung anschauen? (L. 50)*
*Que tal **dar uma olhada** em outro apartamento?*

Tal aspecto da informalidade e o próprio tom da pergunta seguinte exigem um registro de linguagem mais coloquial, para que a expressão funcione na língua de chegada, o que pode ser exemplificado pela opção de tradução a seguir:

Ex. 61:

*Hast du dir **mal** überlegt, wie lange du dafür arbeiten musst? (L. 57)*
***Você já parou para pensar** quanto tempo você precisa trabalhar para ganhar isso?*

Doro não consegue entender a decisão de Robert. E o convida a refletir: “*você já parou para pensar...*”

Robert também não sabe mais como agir diante do comportamento de Doro. Para expressar a indecisão de Robert e, ao mesmo tempo, sua própria indignação diante do fato, utilizamos a expressão portuguesa *nem sequer* para a negação aliada à partícula:

Ex. 62:

*Er hörte die Klospülung und wusste **nicht mal**, ob er aufstehen oder sitzen bleiben sollte. (L. 47)*
*Ele ouviu a descarga e **nem sequer** sabia se deveria levantar ou ficar sentado.*

3.2.8 A partícula *aber*

A partícula modal *aber* pode expressar um tom de surpresa diante de um fato inesperado. O falante marca sua admiração diante de tal fato ou característica, como no caso do enunciado:

Ex. 63:

*Na, sagt der Mann, das ist **aber** ein Lehrer, wenn er das nicht mal weiss. (L.38)*

*Pois é, diz o homem, **mas que** professor é este que nem sequer sabe disso?!*

O homem se mostrou surpreso diante do fato de o professor não passar ao menino a informação de que os ratos dormem à noite. Isso porque ele se vale de uma mentira para angariar a confiança do garoto. Para destacar seu espanto ou indignação, utiliza a partícula modal *aber*. Em português reforçamos o caráter de indignação e surpresa com a entonação e também com o uso de *mas que*.

3.2.9 A partícula *ruhig*

Para Helbig (1999, p. 94), a partícula modal *ruhig* tem um caráter de aconselhamento. Além disso, o falante expressa a idéia de que ele não “tem nada contra”, ele não se incomodaria se o ouvinte realizasse o ato em questão. O falante pode até desejar que o ouvinte realize a ação, como no exemplo abaixo:

Ex.: 64

Nachts kannst du ruhig nach Hause gehen. (L. 38)

À noite você pode ir para casa.

Ao tentar convencer o garoto de que não havia problema algum se ele fosse para casa à noite, o homem utiliza a partícula *ruhig*, como forma de expressar: não há qualquer empecilho ou dificuldade. Em português, apenas a entonação pode marcar essa sugestão. Aqui, mais uma vez, não há um elemento verbal

correspondente (Nullentsprechung).

A questão central deste trabalho, que teve o objetivo de analisar com que meios as partículas modais podem ser representadas no português brasileiro, foi examinada a partir de exemplos dos contos de Borchert (1946) e Schulze (2007). Ao longo do trabalho, procurei conciliar a análise dos fatores extra e intratextuais, segundo a teoria funcionalista da tradução, aliada à análise contrastiva e lingüística dos autores pesquisados para realizar a tradução dos trechos dos contos em destaque. Assim, tanto a perspectiva maximalista, visando à análise da partícula no contexto em que está inserida, como Beerbom (1992) o faz, aliada às considerações básicas dos minimalistas, contribuíram para a solução de questões tradutórias.

Os autores dos contos demonstram através das partículas modais sua perspectiva pessoal e o caráter de proximidade com o mundo real, o cotidiano. Diante do *corpus* apresentado, percebe-se a relevância destes elementos para a linguagem falada. Como próximo passo, serão apresentadas as conclusões sobre os resultados da pesquisa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 RESUMO DOS OBJETIVOS E CONTEÚDO DO TRABALHO

O objetivo geral proposto neste trabalho era tecer uma análise sobre a importância, o uso e a função das partículas modais do alemão sob uma perspectiva tradutológica. A partir da análise do *corpus*, levantaram-se possibilidades e problemas de tradução dos trechos em destaque dos contos: *Nachts schlafen die Ratten doch*, de Wolfgang Borchert, e *Berlin Bolero*, de Ingo Schulze, ricos em partículas modais.

A problemática levantada refere-se não somente ao campo semântico, afinal há uma série de fatores envolvidos no contexto comunicativo. Como um preparatório para as discussões e análises, apresentamos na parte 2, que se refere à revisão bibliográfica, uma série de pesquisas e trabalhos sobre as partículas modais sob diferentes focos e, mais especificamente, sob o foco da tradução. Além disso, aspectos importantes a serem considerados foram abordados, como a importância do contexto e a análise da conversação.

Mostramos que as pesquisas com as partículas modais tentaram durante muito tempo desmembrá-las em diferentes variantes ou tipos. No capítulo 2.2, apresentamos além dos aspectos contextuais, considerações sobre as linhas de pesquisa referentes às partículas modais. A linha do *Bedeutungsminimalismus* procura encontrar um significado semântico específico para cada situação de uso dessas estruturas. Como pôde ser observado em nossos exemplos, esse tipo de abordagem não resolve o problema tradutório em questão; apenas gera uma longa lista de supostos significados que dificulta a compreensão da função destes elementos. A linha do *Bedeutungsmaximalismus*, por outro lado, considera a partícula modal em seu contexto comunicativo, não se atendo à análise dedutiva de cada partícula em busca de um significado básico. Partindo dessas considerações, e conforme explanação do capítulo 2.2, pode-se concluir que as duas abordagens devem se complementar. Sem desconsiderar a partícula modal em seu significado básico, deve-se analisá-las em um contexto maior, já que elas interagem com outros

elementos para completar o sentido do enunciado.

A partir das linhas de pesquisa apresentadas, levantamos a problemática da identificação das diferentes funções e formas das partículas modais que aparecem em vários contextos, uma vez que uma mesma partícula pode ser representada de várias formas na língua de chegada. Por isso mesmo a tradução de palavras fora de seu contexto resulta em um trabalho incompleto.

Após tais considerações acerca das linhas de pesquisa sobre as partículas modais, apresentamos, na parte 2.6, a teoria funcionalista da tradução, base para o trabalho tradutório desenvolvido. O funcionalismo na tradução encara o texto como instrumento de comunicação inserido no contexto sociocultural, voltado para um leitor específico. O modelo funcionalista da tradução de Christiane Nord parte da análise textual, através da qual se consideram os fatores extratextuais e intratextuais como forma de se levantar as principais características situacionais do texto de partida. Mais adiante, com base nestes parâmetros, apresentamos a análise das partículas modais presentes nos contos.

Partindo de exemplos nos contos do pós-guerra e contemporâneo, buscamos enveredar nesta reflexão, apresentando nossas avaliações em dois contextos diferentes, dois momentos da história literária, esboçados na análise dos aspectos extratextuais e intratextuais durante a seleção do *corpus* (cap. 3.1).

A intenção com o trabalho específico em torno de cada partícula não foi a de uma exposição com um cunho estruturalista, limitada à análise rígida delas, reduzindo-as a conceitos comunicativos, como admiração, confirmação ou divergência. Outrossim, para que pudéssemos visualizar a partícula modal em seu contexto, o trecho de que ela faz parte foi destacado e foram oferecidas possibilidades tradutórias, escolhas tomadas com base na situação comunicativa em questão.

Para tanto, o contexto em que as cenas representativas se inserem foram esboçados juntamente com uma descrição funcional das partículas modais, através da qual não se determina uma única teoria para abordar as várias facetas das partículas modais.

4.2 IMPORTÂNCIA DAS PARTÍCULAS MODAIS E A QUESTÃO TRADUTOLÓGICA

Traduzir? Sim ou não? Com base na pesquisa realizada, concluímos que o conteúdo de cada enunciado não é somente constituído por formas lingüísticas de certa gramática e vocabulário, pois envolvido nesses atos comunicativos há o significado que o falante armazenou a partir de seu conhecimento lingüístico e também aquilo que o falante deseja e pode expressar a partir de suas intenções, pré-conhecimentos, formação, posição, consciência, de cada situação comunicativa e de sua história de vida até então. A exposição do falante é apenas um meio, uma parte, para sinalizar o que realmente ele quer dizer. E “o *que se quer dizer* não pode ser idêntico em todas as situações, pois cada ato comunicativo é um novo uso da língua, e, sobretudo semanticamente, não pode ser comparado com o que foi dito antes, já que toda situação contém algo de novo.” (POLENZ, 1985, p. 299)

Se é assim, para que analisar as partículas modais? Qual é a vantagem desse trabalho para o tradutor?

A meu ver, a reflexão acerca do tema enriquecerá o trabalho do tradutor que, ao se questionar diante de uma partícula modal, procurará encontrar o elemento subentendido (*mitgemeint*), utilizando pistas que o auxiliam neste processo. Conforme abordado em nossas análises, dentre as pistas foi destacada a identificação do gênero textual com sua função de “*Entlastung*” (POLENZ, 1985), uma vez que facilita a percepção da relação comunicativa entre os interlocutores, dos atos de fala, das avaliações, das expectativas e preconceitos embutidos, enfim, da análise do processo interativo como um todo.¹⁰⁶

Nesse processo, recepção não é simplesmente receber informações prontas, como o exposto em modelos técnicos de comunicação (com emissor e receptor), mas sim combinar o conhecimento lingüístico à compreensão sobre aquilo que o falante quis dizer com sua exposição. Nem sempre reconhecemos à primeira vista o que é pretendido com o exposto. Há um conteúdo sugerido que precisa ser considerado no trabalho de tradução.

Um autor recriará a fala de acordo com suas convenções interativas. Afinal, diferentes situações e diferentes culturas apresentam regras interacionais diversas. E, nesta cultura diferente, como expressar a carga subjetiva das partículas na língua de chegada? Há elementos lingüísticos que causam os mesmos efeitos? Durante a

106 Compare: (POLENZ, 1985, p. 222-225)

análise das partículas no capítulo 3, essas questões nortearam a reflexão e as decisões a serem tomadas.

Em virtude da dimensão e dos objetivos propostos do presente trabalho, não apresentei uma análise sobre a tradução completa dos contos anexos, já que perderia o foco nas partículas e levantar-se-iam outras discussões, indubitavelmente interessantes, mas não pertinentes a nosso propósito. Em vez disso, a situação foi contextualizada a partir de trechos específicos, dos quais as partículas modais fazem parte. A intenção foi fornecer uma base para o tradutor brasileiro que é confrontado com expressões da linguagem coloquial alemã. A partir das sugestões e questionamentos levantados, também procurei destacar a importância das partículas modais na comunicação diária, promovendo discussões na comparação entre o sistema de comunicação alemão e o português do Brasil.

Nem sempre encontramos itens lexicais que exprimem esta mesma modalidade subjetiva. Um excesso de procura por elementos da língua portuguesa que representem função semelhante pode causar estranhamento ou, até mesmo, efeito contrário ao desejado. Em uma experiência inicial, a primeira tradução do conto “*Nachts schlafen die Ratten doch*” para este trabalho foi testada com alunos de literatura alemã na graduação em Letras da Universidade Federal de Florianópolis. Eles desconheciam o original e foram solicitados a interpretar o texto. Este primeiro texto traduzido em português causou certo estranhamento no início do diálogo, já que a procura inicial por elementos lingüísticos que substituíssem praticamente todas as partículas modais levou a uma interpretação diferente do texto original. Pelo uso intensivo de interjeições como *hein* ou *e*, o homem tornou-se inquiridor no início do diálogo, o que causou um efeito ameaçador. Somente no desenrolar da história, percebeu-se a intenção do personagem: ser solidário.

Na verdade, devemos nos atentar para o fato de que não é imprescindível traduzir o elemento partícula modal, mas sim o contexto no qual esta se insere. Que “entrelinhas” estão por trás do uso dessas partículas? Em português, pode-se utilizar um diminutivo (*dar uma olhadinha*, cap. 3, p. 85), a entonação, ou mesmo uma interjeição (*Ah, isso é fácil*, cap. 3, p. 66). Importante é que o tradutor – considerando a situação comunicativa em que o primeiro enunciado foi produzido, bem como as pressuposições do falante – busque na língua de chegada um outro enunciado que tenha para os novos potenciais destinatários aproximadamente o

mesmo valor comunicativo no enunciado de partida, que se ajusta às suas convenções e aos hábitos lingüístico-pragmáticos da comunidade que o utiliza.

Dizer que a língua-meta não tem um elemento que represente a partícula, não significa dizer que algo está faltando. Cada língua possui seus próprios recursos para exprimir modalidade. Por vezes, apenas a entonação ou o contexto se encarregam de expor seu significado conotativo. Como as partículas modais variam de acordo com o contexto, pela pesquisa realizada constatou-se que as partículas modais da língua alemã não possuem correspondentes específicos. Da mesma forma, a “*Nullentsprechung*” enquanto estratégia de tradução, ou seja, o fato de não explicitar na língua de chegada a partícula modal, também não deve ser desprezada. Por vezes, não se faz necessário buscar elementos que representem as partículas modais a todo custo. Assim, pode-se cair no exagero e tornar o texto artificial.

Através do *corpus*, apresentei sugestões de elementos lexicais ou estruturas sintáticas que, espera-se, possam ser usadas pelo tradutor como base de análise para sua prática. As soluções foram resumidas em uma tabela apresentada a seguir. Apenas para efeito de análise em nosso trabalho, isolamos os enunciados com partículas modais presentes nos contos. Tal procedimento não deve causar estranheza, uma vez que ao longo do trabalho citamos várias vezes a importância de se considerar o contexto. Exatamente por este motivo, procuramos contextualizar os exemplos no capítulo referente à *Análise das partículas presentes nos contos* (cap. 3.2). O objetivo aqui é visualizar melhor as soluções apresentadas, como uma sistematização dos resultados.

TABELA 1- TRECHOS CONTENDO AS PARTÍCULAS MODAIS NO TEXTO *NACHTS SCHLAFEN DIE RATTEN DOCH* E AS SUGESTÕES DE TRADUÇÃO

PARTÍCULA MODAL	ALEMÃO	PORTUGUÊS (TRAD. NOSSA)
Denn (6)	Worauf passt du denn auf? (L. 5)	E eu posso saber do que é que você está cuidando?
	Na, was denn ? (L.8)	Então, o que que é?
	Wie alt bist du denn ? (L. 12)	E quantos anos você tem?
	Aber gehst du denn gar nicht nach Hause? (L. 22)	Então você nem vai pra casa?

PARTÍCULA MODAL	ALEMÃO	PORTUGUÊS (TRAD. NOSSA)
	<p>Du rauchst? Fragte der Mann, hast du denn eine Pfeife? (L.24)</p> <p>Ja, hat euer Lehrer euch denn nicht gesagt, dass die Ratten nachts schlafen? (L. 36)</p>	<p>Você fuma?, perguntou o homem, e você tem um cachimbo?!</p> <p>Sim, e o seu professor nem disse que as ratazanas dormem à noite?</p>
Wohl (3)	<p>Du schläfst hier wohl, was? (L. 3)</p> <p>So, dafür hast du wohl den grossen Stock da? (L. 3)</p> <p>Wohl auf Geld, was? (L. 6)</p>	<p>É aqui que você dorme, é?</p> <p>Ah, para isso é que você tem esse pedaço de pau enorme aí?</p> <p>Deve ser dinheiro, não é?</p>
Eben (1)	Was anderes eben . (L. 8)	É outra coisa bem diferente.
Ja (7)	<p>Donnerwetter, ja! sagte der Mann verwundert, bist ja ein fixer Kerl. (L.12)</p> <p>Dann weisst du ja auch, wieviel drei mal neun sind, wie? (L. 14)</p> <p>Das ist ja ganz leicht. (L.15)</p> <p>Aber du kannst hier ja nicht weg. (L.26)</p> <p>Er muss hier ja noch sein. (L.35)</p> <p>Denn das müsst ihr ja wissen. (L. 43)</p> <p>Ja, rief Jürgen, ich warte. Ich muss ja aufpassen, bis es dunkel wird. (L.44)</p>	<p>Mas que garoto esperto!</p> <p>Então você já deve saber quanto é três vezes nove.</p> <p>Ah, isso é fácil!</p> <p>Mas como não pode sair daqui.</p> <p>Ele tem que estar aqui!</p> <p>Porque vocês têm de saber como se faz isso.</p> <p>Tá bom, gritou Jürgen, eu fico esperando. Você sabe, eu tenho que ficar tomando conta até anoitecer.</p>
(nicht) mal (4)	<p>Oha, denk mal an, neun also. (L.14)</p> <p>Schade, der Mann bückte sich zu seinem Korb, die Kaninchen hättest du ruhig mal ansehen können. (L. 26)</p> <p>Na, sagt der Mann, das ist aber ein Lehrer, wenn er nicht das mal weiß. (L.38)</p> <p>Euer Lehrer soll einpacken, wenn er das nicht mal weiß. (L. 41)</p>	<p>Olha só, nove anos!</p> <p>Que pena, o homem se debruçou sobre seu cesto, você poderia dar uma olhadinha nos coelhos.</p> <p>Pois é, diz o homem, mas que professor é este que nem sabe disso?!</p> <p>Seu professor tem que ser despedido, se ele nem sequer sabe disso.</p>
Doch (9)	<p>Ich kann doch nicht. (L.19)</p> <p>Ich muss doch aufpassen. (L.19)</p>	<p>Mas eu não posso.</p> <p>Eu tenho que ficar tomando conta!</p>

PARTÍCULA MODAL	ALEMÃO	PORTUGUÊS (TRAD. NOSSA)
	<p>Du musst doch essen. (L.22)</p> <p>Ja, die essen doch von Toten. Von Menschen. (L.31)</p> <p>Da leben sie doch von. (L.31)</p> <p>Auf die doch nicht! (L.35)</p> <p>Er ist doch viel kleiner als ich. (L. 35)</p> <p>Nachts schlafen die Ratten doch. (L.38)</p> <p>Ich muss deinem Vater doch sagen, wie so ein Kaninchenstall gebaut wird. (L. 43)</p>	<p>Mas você tem que comer.</p> <p>Sim, porque elas comem os mortos. As pessoas.</p> <p>Não é disso que elas vivem?</p> <p>Claro que não!</p> <p>É que ele é bem menor do que eu!</p> <p>É claro que as ratazanas dormem à noite.</p> <p>É que eu preciso dizer a seu pai como se constrói uma casa para coelhos.</p>
Ruhig (mal) (2)	<p>Nachts kannst du ruhig nach Hause gehen. (L. 38)</p> <p>Schade, der Mann bückte sich zu seinem Korb, die Kaninchen hättest du ruhig mal ansehen können. (L.26)</p>	<p>À noite você pode ir para casa.</p> <p>Que pena, o homem se debruçou sobre seu cesto, você poderia dar uma olhadinha nos coelhos.</p>
aber	<p>Na, sagt der Mann, das ist aber ein Lehrer, wenn er nicht das mal weiß. (L.38)</p>	<p>Pois é, diz o homem, mas que professor é este que nem sequer sabe disso?!</p>

FONTE: O autor (2008)

TABELA 2 - TRECHOS CONTENDO AS PARTÍCULAS MODAIS NO TEXTO *BERLIN BOLERO* E AS SUGESTÕES DE TRADUÇÃO

PARTÍCULA MODAL	ALEMÃO	PORTUGUÊS (TRAD. MINHA)
Ja	<p>Aber sie musste ja nicht arbeiten. (L.44)</p> <p>Mit jeder Woche müssen die Wohnungsbaufritzen daraufbezahlen, sie haben ja leere Wohnungen versprochen, leere, keine bewohnten. (L.21)</p>	<p>Mas ela não precisava mesmo trabalhar.</p> <p>A cada semana precisam ser pagos os peões da construção, mas eles tinham prometido apartamentos vazios, vazios, não ocupados.</p>
Doch	<p>Hast du doch sonst noch mehr Phantasie. (L. 14)</p> <p>Das ist doch gar nicht so schlecht,</p>	<p>É você tem mesmo imaginação!</p> <p>Não é nada mal a porcaria dessa bebida de</p>

PARTÍCULA MODAL	ALEMÃO	PORTUGUÊS (TRAD. MINHA)
	<p>das Dreckzeug von deinem Freund, von deinem Kum-pel. (L. 16)</p> <p>Doro hat sogar Freunde, die tranken gar keinen Alkohol. An so was musste man doch denken. (L. 18)</p> <p>Das ist doch alles klar gewesen. Von Anfang an. (L. 20)</p> <p>Das weiß ich doch. (L. 22)</p> <p>Setz dich doch. (L. 26)</p> <p>Ich mache das doch nicht zwei Jahre lang mit und sag dann: Danke schön! (L. 30)</p> <p>Diese Typen verstanden doch nur mit Geld herumzuschmeißen, und wenn das nicht half, mit mehr Geld und noch mehr Geld. (L. 52)</p> <p>Ihm war es doch egal, woher sie anreisten und ob der Bauleiter in Neukölln oder Hellersdorf wohnte. (L. 52)</p> <p>Er wusste es doch, er, der Klotz, wusste es nur zu gut. (L. 58)</p> <p>Sie musste doch wissen, dass mit ihm so etwas nicht zu machen war. (L.66)</p>	<p>seu amigo, do seu camarada.</p> <p>Doro até tem amigos que não tomam nada alcóico. Isso tinha que ser levado em consideração!</p> <p>Isso tudo já estava bem claro. Desde o início.</p> <p>É claro que eu sei disso.</p> <p>Senta, vai.</p> <p>Eu é que não vou participar de tudo durante dois anos e então dizer: muito obrigada!</p> <p>É, esses caras só sabem jogar com dinheiro e se não adiantar, mais dinheiro e ainda mais dinheiro.</p> <p>Pra ele tanto faz de onde eles vêm e se o chefe da obra mora em Neukölln ou em Hellersdorf.</p> <p>É claro que ele sabia, ele, o babaca, sabia muito bem.</p> <p>Ela já devia saber que com ele isso não se faz.</p>
Denn	<p>Nicht nur beschissen, es war... Wie nennst du das denn, wenn im Hausflur Sonntagstreff für Penner ist, die sich beim Pinkeln nicht mal wegdrehn. (L. 8)</p> <p>Ach, Robert. Wo lebst du denn? (L. 10)</p> <p>Wer ist denn ihr? (L. 24)</p> <p>Du bist so ein Depp! Was glaubst du denn, woher der so ne Zahl nimmt... (L. 32)</p>	<p>Não apenas uma droga, foi... Como é que você define isso? Quando a porta de sua casa é ponto de encontro de maloqueiros, que não se viram nem para mijar.</p> <p>Ah, Robert, em que mundo você vive afinal?</p> <p>E quem são esses vocês?</p> <p>Você é um idiota! O que é que você acha, de onde vem essa grana...</p>
mal	Du hättest wenigstens mal fragen können, bevor du so grosszügig	Você poderia pelo menos ter perguntado, antes de recusar tão generosamente.

PARTÍCULA MODAL	ALEMÃO	PORTUGUÊS (TRAD. MINHA)
	<p>verzichtest . (L. 34)</p> <p>Wollen wir nicht mal eine andere Wohnung anschauen? (L. 50)</p> <p>Hast du dir mal überlegt, wie lange du dafür arbeiten musst? (L. 57)</p> <p>Er hörte die Klospülung und wusste nicht mal, ob er aufstehen oder sitzen bleiben sollte. (L.47)</p> <p>Nicht nur beschissen, es war... Wie nennst du das denn, wenn im Hausflur Sonntagstreff für Penner ist, die sich beim Pinkeln nicht mal wegdrehn. (L. 8)</p>	<p>Que tal dar uma olhada em outro apartamento?</p> <p>Você já parou para pensar quanto tempo você precisa trabalhar para ganhar isso?</p> <p>Ele ouviu a descarga e nem sequer sabia se deveria levantar ou ficar sentado.</p> <p>Não apenas uma droga, foi... Como é que você define isso, se a porta de sua casa é ponto de encontro de maloqueiros, que não se viram nem para mijar?</p>

FONTE: O autor (2008)

A proposta visou destacar o recurso usado para cada um dos exemplos e as alternativas encontradas, seja através de elementos sintáticos, lexicais ou da ausência deles. O intuito foi provocar um questionamento.

Nota-se que em situações com forte caráter emocional, em que o alemão utiliza-se de partículas modais para exprimir de maneira explícita a mensagem, o português brasileiro pode deixar o fato implícito em seu contexto com uso de outros recursos não necessariamente lingüísticos. Em muitos casos, “*Nullentsprechung*”, a correspondência sem elementos lexicais, é apresentada como a solução mais adequada. Como nos exemplos, no caso do *ja* em constatações (*Er muss hier ja noch sein; sie haben ja leere Wohnungen versprochen*).

Em outros trechos, optei pela mudança de tipo de frase e uma afirmativa passou a ser interrogativa na língua de chegada. (*Da leben sie doch von – Não é disso que elas vivem?*). Em suma, o tradutor não pode perder de vista a totalidade do texto para, de acordo com os recursos da língua de chegada, exprimir a função da partícula modal neste novo contexto.

Depois de concluído este trabalho, o livro de Ingo Schulze foi lançado no Brasil, traduzido para português por Marcelo Backes. No conto traduzido por Backes (2008), há outros recursos e estratégias para recriar na língua de chegada a subjetividade do texto de partida. Em enunciados como o que segue, por exemplo:

Ex. 63:

*Wer ist **denn** ihr?*

*Mas quem são estes vocês, nesse caso?*¹⁰⁷

A busca por uma resposta mais detalhada (representada pelo *denn*) é transmitida pelo “mas” e “nesse caso”.

Em outros momentos, a entonação foi marcada no texto com o recurso gráfico itálico. Desta forma o tradutor marcou o tom de cobrança por uma resposta:

Ex. 64:

*Nicht nur beschissen, es war... Wie nennst du das **denn**, wenn im Hausflur Sonntagstreff für Penner ist, die sich beim Pinkeln **nicht mal** wegdrehn.*

Na tradução de Backes (2008): “Não apenas de merda, mas até... Qual é o nome que **você** daria para o encontro dominical de um monte de vagabundos no saguão de sua casa, que nem se viram de costas quando estão mijando”

Também o registro adotado pelo tradutor foi mais próximo da discussão real de um casal. Em uma situação dessas, provavelmente a esposa não usaria a expressão “urinar”. Tal discussão envereda, entretanto, para outro caminho e, devido à dimensão do trabalho, não será neste momento aprofundada. Vale dizer, todavia, que considerar as entrelinhas do texto de partida e a situação comunicativa em questão é a chave para uma tradução consistente, além de manter o registro adotado como base para a interação.

Ex. 65: Em outro exemplo, quando Robert afirma:

*“Das weiss ich **doch**”*

Ele precisa reforçar seu protesto, ele já sabe, já conhece a informação de Doro. Backes utiliza o elemento “*ora....*”:

*Eu sei disso, **ora...***

Há uma série de outras passagens que poderiam ser tomadas como exemplo. Backes (2008, p. 335) refere-se à obra de Schulze como uma “sensação de estarmos sentados com o narrador ou com o autor, à mesa de um bar.” Para manter esta sensação, outras estratégias foram utilizadas no trabalho de Backes

107 (*Celular*, 2008, p. 27)

que, a nosso ver, retrataram o humor melancólico de Ingo Schulze, criado a partir do cotidiano. Tema sem dúvida interessante para futuras discussões.¹⁰⁸

4.3 O PARADOXO DAS PARTÍCULAS E O FUTURO DAS PESQUISAS NA ÁREA

Weydt e Hentschel¹⁰⁹ encaram o problema tradutório das partículas como um *Partikelparadoxon*. Através da indicação de diferentes classes de palavras, as partículas são desmembradas em uma série de homônimos. Tenta-se criar teoricamente limites entre conjunção, advérbio, partícula modal e partícula de resposta, perdendo-se o contexto funcional. Quanto mais se tenta buscar significados e paráfrases, tanto mais as respostas para a questão da identificação das partículas parecem confusas e arbitrárias.

A tendência de separar as partículas em diferentes exemplos isolados e classes de palavras não é, a meu ver, conforme já mostramos reiteradamente ao longo de todo trabalho, a melhor maneira de se abordar o tema. De forma concreta, é necessário partir do contexto no qual a partícula se insere. Analisar o *Grundbedeutung* (significado básico) não deixa de ser pertinente, mas sem deixar de lado o meio real no qual as partículas aparecem: a língua viva e seu meio. O uso de uma partícula inadequada em um contexto concreto pode causar muito estranhamento, e uma reação contrária à desejada.

O *paradoxo das partículas modais*, apontado por Weydt e Hentschel¹¹⁰, retrata a dificuldade dessa pesquisa específica: “uma abordagem de cada partícula torna difícil a compreensão da partícula em seu contexto, e uma visão geral pode não explicar caso a caso.” A meu ver, o ideal é procurar unir as posições em uma abordagem funcional. Ao identificar as diferentes funções das partículas modais no texto, parte-se para uma abordagem global que trabalha com o texto em seu contexto, considerando uma série de aspectos que interferem na definição de sua função. Pelo seu caráter polêmico e significativo, as partículas modais são um interessante tema para a discussão tradutória e lingüística.

Vale destacar que como texto escrito, as partículas modais figuram não

108O conto traduzido de Marcelo Backes encontra-se anexo.

109 apud FEYRER, 1997, p. 71 . Veja também: BEERBOM, 1992, p. 48-49

110 id

somente na literatura, mas também na internet ou na linguagem jornalística, justamente por retratar a língua em seu meio, trazendo consigo uma série de informações nas entrelinhas, ativando conhecimentos prévios e efeitos que só funcionam em determinado tempo e lugar, porque partem de uma determinada sociedade e de seu conhecimento partilhado. Há, portanto, outras fontes que podem ser utilizadas em trabalhos futuros.¹¹¹

Por fim, é necessário mais do que conhecimento gramatical ou vocabulário da língua de partida para entender o que foi dito e avaliar a situação e o ato comunicativo. Este é o grande desafio da comunicação e da tradução: a compreensão e transmissão do que foi exposto. A pesquisa sobre as partículas modais é lucrativa para várias áreas de pesquisas como a tradução, o ensino do idioma, a análise da conversação, a lingüística contrastiva entre duas línguas, etc. Nosso objeto de estudo, como importante aspecto dialógico e interacional, possui um leque de possibilidades de pesquisa que pode se estender dentro do contexto presente, no qual a língua é analisada de forma global sob diferentes perspectivas.

Esperamos ainda ter contribuído para a reflexão contrastiva entre o português brasileiro e o alemão, a partir do projeto de tradução apresentado, ao considerar diferentes aspectos interacionais de cada uma dessas línguas. Mais do que nunca, as partículas modais deixam de ser os “piolhos na pele da língua”¹¹² e passam a figurar como importante aspecto lingüístico a ser considerado em várias áreas de estudo, como na Didática, na Lingüística e na Tradução.

111 Veja, por exemplo, o trabalho de Hegellund (2001)

112 Citação de Ludwig Reiners (*Apud* BEERBOM, 1992, p. 21)

REFERÊNCIAS

ARROJO, R. *Oficina de tradução*. São Paulo: Ática, 2002.

BEERBOM, C. *Modalpartikeln als Übersetzungsproblem: Eine kontrastive Studie zum sprachenpaar deutsch-spanisch*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1992.

BERLIN baut um. Der Tagesspiegel, Berlin, 4 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.tagesspiegel.de/berlin/Auslaenderanteil-Arbeitslosigkeit;art270,2413178>> . Acesso: 18/04/2008.

BLÜHDORN, H. *Gramática contrastiva, alemão-português: conectores*. Disponível em: http://www.ids-mannheim.de/gra/sprachvergleich_port.html. Acesso em: 29.04.2008.

BOHNUNOVSKY, R. *A impossibilidade da invisibilidade do tradutor e da sua fidelidade: um diálogo entre teoria e prática da tradução*. In: *Cadernos de Tradução*, 2001/2, Florianópolis, p. 51-62.

BORCHERT, W. *Das ist unser Manifest*. In: _____. *Gesamtwerk*. Hamburg: Rowohlt, 1949.

_____. *Nachts schlafen die Ratten doch*. In: *Draußen vor der Tür*. Paderborn: Schoeningh, 1946

DIZDAR, D. Skopostheorie. In: *Übersetzung - Translation – Traduction: Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung*, Handbuch Translation. Tübingen: Stauffenburg, 1998, p. 104-107.

DO CAMPO, J. L.de A. *Partikel und Satzoperatoren: Ein Beitrag zur portugiesisch – deutschen Lexikographie*. Universität Rostock, 1999.

DUDEN GRAMMATIK, Reihe: Der Duden in 12 Bänden, Band 4, Dudenverlag, 2005.

DURZAK, M. *Die deutschen Kurzgeschichten der Gegenwart: Autorenporträts, Werkstattgespräche, Interpretationen*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2002.

FAVERO, L. L.; ANDRADE, M. L.; AQUINO, Z. G. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua moderna*. São Paulo: Cortez, 1999.

FEYRER C. *Modalität im Kontrast: Ein Beitrag zur übersetzungsorientierten Modalpartikelforschung anhand des Deutschen und Französischen*. Innsbruck: Peter Lang, 1997.

_____. *Welten, Werte, Wirklichkeiten: TranslatorenInnen im Handlungsgefüge von Fachkommunikation und globalisierter Gesellschaft – Aspekte der sozialen Praxis von Translation aus der Perspektive der Didaktik*. Universität Innsbruck, 2005.

FERNER, J. *Das habe ich doch gar nicht gelernt: Modalpartikel und Daf-Unterricht – Eine Problemskizze*. Università di Bologna, 2002.

FRANCO, A. C. *Descrição lingüística das partículas modais no português e no alemão*. Coimbra: Coimbra, 1991.

GRAEFEN, G. *Ein Beitrag zur Partikelanalyse. Beispiel: Doch*. *Linguistik online* 6, München, 2000. Disponível em: <http://www.linguistik-online.de/2_00/graefen.html> Acesso em: 10/07/2008.

GROSS, H. *Einführung in die Germanistische Linguistik*. München: Ludicium Verlag GmbH, 1998.

HELBIG G.; BUSCHA. *Leitfaden der deutschen Grammatik*. Berlin: Langenscheidt, 2004.

_____. *Deutsche Grammatik*. Berlin: Langenscheidt, 1993.

HELBIG, G.; HELBIG, A. *Deutsche Partikeln: richtig gebraucht?* Berlin: Langenscheidt, 1999.

HEGGELUND, K. T. *Zur Bedeutung der deutschen Modalpartikeln in Gesprächen unter besonderer Berücksichtigung der Sprechakttheorie und der Daf-perspektive*. *Linguistik online*. 9, 2/01. Disponível em: <http://www.linguistik-online.de/2_00/graefen.html>. Acesso em: 10/07/2008.

HENTSCHEL, E.; KELLER, H. *Cultural concepts of parenting: a linguistic analysis*. Disponível em: http://www.linguistik-online.de/29_06/index.html. Acesso em: 15/05/2008.

IJOMA, M. *Das ungelenke Organ des Schicksals*. München: Süddeutsche Zeitung GmbH, 23/02/2007.

INSTITUT FÜR ROMANISTIK. Disponível em: <<http://www.phf.uni-rostock.de/institut/iroman/schmidt-radefeldt.htm>> Acesso em: 29/04/2008.

KAHLE, S. *Antologia do moderno conto alemão*. Prefácio de Heinrich Böll. Trad. Iris Strohschoen e Betty Margarida Kunz. Porto Alegre: Globo, 1969.

KÖNIG, E. *Zur Bedeutung von Modalpartikeln im Deutschen: Ein Neuansatz im Rahmen der Relevanztheorie*. *Germanistische Linguistik* 136, p. 57-75.

KOCH, I. *A inter-ação pela linguagem: repensando a língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.

KRIVONOSOV, A. *Zum Problem der Klassifizierung der deutschen Partikeln*. In: WEYDT, H. *Sprechen mit Partikeln*. Berlin: De Gruyter, 1989.

_____. *Die modalen Partikeln in der deutschen Gegenwartssprache*. Göppingen: Kümmerle, 1977.

KUPSCH-LOSEREIT, S. *Vom Ausgangstext zum Zieltext oder: Dokumentarisches vs. Instrumentelles Übersetzen*. In: BERNECKER, R.; UMLAUF, J.: *Die Übersetzung in der Unterrichtspraxis. Akten eines DAAD-Fachseminars in Nantes*. Münster: Nodus Publikationen, 1999. p. 11-25.

_____. *Übersetzen als transkultureller Verstehens und Kommunikationsvorgang: andere Kulturen, andere Äusserungen*. In: SALNIKOW, N.: *Sprachtransfer – Kulturtransfer: Text, Kontext und Translation*. Frankfurt: Peter Lang, 1995. p. 1-15

KUNOW, I. *Diskuspartikeln im Portugiesischen*. Dissertation der Philosophischen Fakultäten der Albert-Ludwigs Universität zu Freiburg, 1997.

LEAL, A. B. *Funcionalismo alemão e tradução literária: quatro projetos para a tradução de "The Years" de Virginia Woolf*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

LEMNITZER, L. *Wann kommen wir denn nun endlich zur Sache? Modalpartikel-Kombinationen: Eine korpusbasierte Untersuchung*. In: LEHR, A.: *Sprache im Alltag: Beiträge zu neuen Perspektiven in der Linguistik*. Berlin/New York: de Gruyter, p. 349-372.

LEONIE, M. *Die deutsche Kurzgeschichte*. Stuttgart/Weimer: Metzlersche J.B. Verlag, 2005.

LITRIX, Deutsche Literatur online. Disponível em: <<http://www.litrix.de/autoren/autor/ingoschulze/ptindex.htm>> Acesso em: 18/04/2008.

MARCUSCHI, L. *A análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MARX, L. *Die deutsche Kurzgeschichte*. 1997.

MÖLLERING, M. *Teaching German modal particles: a corpus-based approach*. *Language Learning and Technology*. v. 5, n. 3, Macquarie University, Sydney, 2001, p. 130-151.

MORONI, M. *Modalpartikel an der Schnittstelle zwischen Syntax und Prosodie*. Tese.

(Doutorado) – Universidade de Verona, 2005.

NORD, Christiane. *Textanalyse und Übersetzen*: Theoretische Grundlage, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse. Heidelberg: Groos, 1991.

_____. *Einführung in das funktionale Übersetzen*: Am Beispiel von Titeln und Überschriften. Tübingen: Francke, 1993.

_____. *Translation as a purposeful Activity*. Manchester: St. Jerome, 1997.

POLENZ, P. von. *Deutsche Satzsemantik*: Grundbegriffe des Zwischen-den-Zeilen-Lesens. Berlin: Gruyter, 1988.

REIß, K. *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik*: Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen. München: Max Hueber Verlag, 1971.

REIß, K.; VERMEER, H. J. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen, 1991: Niemeyer.

SACHLEXIKON: Kurzgeschichte, S. 2. Digitale Bibliothek Band 9: Killy Literaturlexikon, S. 25093

SCHNELL, R. *Geschichte der deutschsprachigen Literatur seit 1945*. Weimar: Metzler, 1995.

SCHWITALLA, J. *Gesprochenes Deutsch*. Berlin: ES Verlag, 2003.

SCHULZE, Ingo. *Handy: Dreizehn Geschichten in alter Manier*. Berlin Verlag, 2007.

_____. *Short Stories*. Berlin: Verlag, 1998.

_____. *Neue Leben*. Berlin: Verlag, 2005.

_____. *Ingo Schulze*. Disponível em: <www.ingoschulze.com> Acesso em: 18/04/2008.

_____. *Celular: 13 histórias à maneira antiga*. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SIMÕES, E. *Ingo Schulze leva contos e história alemã à Flip*. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 jun. de 2008. Ilustrada.

THURMAIR, M. *Zum Gebrauch der Modalpartikel denn in Fragesätzen. Eine korpusbasierte Untersuchung.* In: KLEIN, E.; DUTEIL, F.P.; WAGNER, K.H.: Betriebslinguistik und Linguistikbetrieb. Akten des 24. Linguistischen Kolloquiums, Universität Bremen, 4-6 September 1989. Tübingen, 1991, p. 377-388.

_____. *Modalpartikeln und ihre Kombinationen.* Tübingen: Niemeyer, 1989.

TOGNOLI, Z.; MONETA, G. *Wolfgang Borchert: traduzido e comentado.* Marília: Centro de Estudos Germânicos, 1978.

VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação.* São Paulo: Contexto, 1996.

WAGNER, K. *Pragmatik der deutschen Sprache.* Frankfurt a. M.: Peter Lang, 2001.

WEIDERMANN, V. *Gibt es denn keine welt da draußen?* Frankfurter Allgemeine Sonntagszeitung (F.A.S.) Frankfurter Allgemeine Zeitung, 11/03/2007.

WEYDT, H. *Abtönungspartikeln: Die deutschen Modalwörter und ihre französischen Entsprechungen.* Bad Homburg, Gehlen, 1969.

_____. *Nachts schlafen die Ratten doch – Os ratos dormem de noite. Partikeln in der literarischen Übersetzung.* In: BLUHDORN, H.; SCHMIDT-RADEFELDT, J.: *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch.* Frankfurt a. M.: Peter Lang, 2003. p. 243-257.

_____. *Kleine deutsche Partikellehre.* (H. Weydt, Th. Harden und D. Rösler). Stuttgart 1983.

WELKER, H. A. *Partículas modais no alemão e no português e as equivalências de aber, eben, etwa e vielleicht.* Dissertação (Mestrado em Lingüística), Departamento de Lingüística – Universidade de Brasília, Brasília, 1990.

ANEXOS: OS CONTOS

Tradução de *Nachts schlafen die Ratten doch*, de Wolfgang Borchert

NACHTS SCHLAFEN DIE RATTEN DOCH	É CLARO QUE AS RATAZANAS DORMEM À NOITE!
WOLFGANG BORCHERT	TRADUÇÃO: ELAINE C. ROSCHEL NUNES
<p>1. Das hohle Fenster in der vereinsamten Maurer gähnte blaurot voll früher Abendsonne. Staubgewölke flimmerte zwischen den steilgestreckten Schornsteinresten. Die Schuttwüste döste.</p> <p>2. Er hatte die Augen zu. Mit einmal wurde es noch dunkler. Er merkte, dass jemand gekommen war und nun vor ihm stand, dunkel, leise. Jetzt haben sie mich! dachte er. Aber als er ein bisschen blinzelte, sah er nur zwei etwas ärmlich behoste Beine. Die standen ziemlich krumm vor ihm, dass er zwischen ihnen hindurchsehen konnte. Er riskierte ein kleines Geblinzel an den Hosenbeinen hoch und erkannte einen älteren Mann. Der hatte ein Messer und einen Korb in der Hand. Und etwas Erde an den Fingerspitzen.</p> <p>3. Du schläfst hier wohl, was? fragte der Mann und sah von oben auf das Haargesstrüpp herunter. Jürgen blinzelte zwischen den Beinen des Mannes hindurch in die Sonne und sagte: Nein, ich schlafe nicht. Ich muss hier aufpassen. Der Mann nickte. So, dafür hast du wohl den großen Stock da?</p> <p>4. Ja, antwortete Jürgen mutig und hielt den Stock fest.</p> <p>5. Worauf passt du denn auf?</p> <p>6. Das kann ich nicht sagen. Er hielt die Hände fest um den Stock. Wohl auf Geld, was? Der Mann setzte den Korb ab und wischte das Messer an seinem Hosenboden hin und her.</p> <p>7. Nein, auf Geld überhaupt nicht, sagte Jürgen verächtlich. Auf etwas ganz anderes.</p> <p>8. Na, was denn?</p> <p>9. Ich kann es nicht sagen. Was anderes eben.</p> <p>10. Na, denn nicht. Dann sage ich dir natürlich auch nicht, was ich hier im Korb habe. Der Mann stieß mit dem Fuß an den Korb und klappte das Messer zu.</p> <p>11. Pah, kann mir denken, was in dem Korb ist, meinte Jürgen geringschätzig, Kaninchenfutter.</p> <p>12. Donnerwetter, ja! sagte der Mann</p>	<p>1. A janela vazia na fachada solitária bocejava o vermelho azulado escuro de um sol poente prematuro. Nuvens de poeira brilhavam entre as ruínas da imponente chaminé. O escombros cochilava.</p> <p>2. Ele tinha os olhos fechados. De repente, tudo ficou ainda mais escuro. Ele percebeu que alguém chegara e se mantinha à sua frente, enigmático, silencioso. Agora me pegaram!, pensou. Mas quando piscou os olhos e espiou, percebeu que se tratavam de apenas duas pobres pernas. Estas se dispunham bastante tortas diante dele, tanto que ele podia enxergar através delas. Ele arriscou levantar o olhar pela calça e avistou um senhor de idade. O senhor tinha uma faca e um cesto na mão. E um pouco de terra na ponta dos dedos.</p> <p>3. É aqui que você dorme, é?, perguntou o homem e olhou por cima do cabelo esguedelhado. Jürgen olhava piscando em direção ao sol, por entre as pernas do homem, e disse: Não, eu não estou dormindo! Eu tenho que ficar cuidando. O homem balançou a cabeça: Ah, para isso é que você tem esse pedaço de pau enorme aí?</p> <p>4. Sim, respondeu Jürgen corajoso, segurando firme o pedaço de madeira.</p> <p>5. E eu posso saber de que é que você está cuidando?</p> <p>6. Eu não posso dizer. Ele mantinha as mãos firmes no pedaço de pau. Deve ser dinheiro, não é? O homem deixou o cesto e limpou a faca na barra da calça, para lá e para cá.</p> <p>7. Não. Que dinheiro, que nada!, disse Jürgen com desdém, é outra coisa bem diferente!</p> <p>8. Então, o que que é?</p> <p>9. Eu não posso dizer. É outra coisa bem diferente.</p> <p>10. Está bem. Então, eu também não te digo o que eu tenho aqui no cesto. O homem bateu com o pé no cesto e</p>

verwundert, bist ja ein fixer Kerl. Wie alt bist du denn?

13.Neun.

14.Oha, denk mal an, neun also. Dann weißt du ja auch, wieviel drei mal neun sind, wie?

15.Klar, sagte Jürgen, und um Zeit zu gewinnen, sagte er noch: **Das ist ja ganz leicht.** Und er sah durch die Beine des Mannes hindurch. Drei mal neun, nicht? fragte er noch einmal, siebenundzwanzig. Das wusste ich gleich.

16.Stimmt, sagte der Mann, und genau soviele Kaninchen habe ich.

17.Jürgen machte einen runden Mund: Siebenundzwanzig?

18.Du kannst sie sehen. Viele sind noch ganz jung. Willst du?

19.Ich kann doch nicht. Ich muss doch aufpassen, sagte Jürgen unsicher.

20.Immerzu? fragte der Mann, nachts auch?

21.Nachts auch. Immerzu. Immer. Jürgen sah an den krummen Beinen hoch. Seit Sonnabend schon, flüsterte er.

22.Aber gehst du denn gar nicht nach Hause? Du musst doch essen.

23.Jürgen hob einen Stein hoch. Da lag ein halbes Brot. Und eine Blechschachtel.

24.Du rauchst? fragte der Mann, hast du denn eine Pfeife?

25.Jürgen fasste seinen Stock fest an und sagte zaghaft: Ich drehe. Pfeife mag ich nicht.

26.Schade, der Mann bückte sich zu seinem Korb, die Kaninchen hättest du ruhig mal ansehen können. Vor allem die Jungen. Vielleicht hättest du dir eines ausgesucht. **Aber du kannst hier ja nicht weg.**

27.Nein, sagte Jürgen traurig, nein, nein.

28.Der Mann nahm den Korb hoch und richtete sich auf. Na ja, wenn du hierbleiben musst - schade. Und er drehte sich um.

29.Wenn du mich nicht verrätst, sagte Jürgen schnell, es ist wegen der Ratten.

30.Die krummen Beine kamen einen Schritt zurück: Wegen den Ratten?

31.Ja, die essen doch von toten. Von Menschen. Da leben sie doch von.

32.Wer sagt das?

33.Unser Lehrer.

34.Und du passt nun auf die Ratten auf? fragte der Mann.

35.**Auf die doch nicht!** Und dann sagte er ganz leise: Mein Bruder, der liegt nämlich da unten. Da. Jürgen zeigte mit dem Stock auf die zusammengesackten Mauern.

guardou a faca.

11.Ah, eu posso adivinhar o que tem no cesto, afirmou Jürgen desdenhando, comida para coelho.

12.Caramba, isso mesmo! Disse o homem. **Mas que garoto esperto! E quantos anos você tem?**

13.Nove.

14.Olha só, nove anos! Então você já deve saber quanto é três vezes nove?

15.Claro, disse Jürgen e para ganhar tempo, ele acrescentou: **Ah, isso é fácil!** E ficou olhando através das pernas do homem. Três vezes nove, não é? Ele perguntou novamente, vinte e sete. Eu já sabia na hora!

16.Issso mesmo, disse o homem, e esse tanto eu tenho em coelhos.

17.Jürgen ficou boquiaberto: Vinte e sete?

18.Você pode ir vê-los. Alguns ainda são filhotes. Quer ir?

19.Mas eu não posso. Eu tenho que ficar tomando conta!, disse Jürgen inseguro.

20.Sempre? Perguntou o homem, também à noite?

21.À noite também. Sempre, sempre. Jürgen subia o olhar pelas pernas tortas. Desde sábado, sussurrou ele.

22.Então você nem vai pra casa? Mas você tem que comer.

23.Jürgen levantou uma pedra. Lá estava a metade de um pão. E uma *latinha*.

24.Você fuma?, perguntou o homem, e você tem um cachimbo?!

25.Jürgen segurou firme o bastão e disse receoso: eu enrolo os cigarros, não gosto de cachimbo.

26.Que pena, o homem se debruçou sobre seu cesto, você poderia dar uma olhadinha nos coelhos. Principalmente nos filhotes. Talvez você pudesse escolher um deles. **Mas como não pode sair daqui...**

27.Não, disse Jürgen triste, não mesmo.

28.O homem pegou o cesto e se endireitou. Pois é, você precisa ficar aqui, que pena! Disse ele se virando.

29.Se você não me entregar, disse Jürgen rapidamente, é por causa das ratazanas.

30.As pernas tortas deram um passo atrás. Por causa das ratazanas?

31.Sim, porque elas comem os mortos. As pessoas. Não é disso que

Unser Haus kriegte eine Bombe. Mit einmal war das Licht weg im Keller. Und er auch. Wir haben noch gerufen. Er war viel kleiner als ich. Erst vier. **Er muss hier ja noch sein. Er ist doch viel kleiner als ich.**

36. Der Mann sah von oben auf das Haargestrüpp. Aber dann sagte er plötzlich: **Ja, hat euer Lehrer euch denn nicht gesagt, dass die Ratten nachts schlafen?**

37. Nein, flüsterte Jürgen und sah mit einmal ganz müde aus, das hat er nicht gesagt.

38. Na, sagte der Mann, **das ist aber ein Lehrer, wenn er das nicht mal weiß. Nachts schlafen die Ratten doch. Nachts kannst du ruhig nach Hause gehen.** Nachts schlafen sie immer. Wenn es dunkel wird, schon.

39. Jürgen machte mit seinem Stock kleine Kuhlen in den Schutt. Lauter kleine Betten sind das, dachte er, alles kleine Betten. Da sagte der Mann (und seine krummen Beine waren ganz unruhig dabei): Weißt du was? Jetzt füttere ich schnell meine Kaninchen, und wenn es dunkel wird, hole ich dich ab. Vielleicht kann ich eins mitbringen. Ein kleines, oder was meinst du?

40. Jürgen machte kleine Kuhlen in den Schutt. Lauter kleine Kaninchen. Weiße, graue, weißgraue. Ich weiß nicht, sagte er leise und sah auf die krummen Beine, wenn sie wirklich nachts schlafen.

41. Der Mann stieg über die Mauerreste weg auf die Straße. Natürlich, sagte er von da, **euer Lehrer soll ein packen, wenn er das nicht mal weiß.**

42. Da stand Jürgen auf und fragte: Wenn ich eins kriegen kann? Ein weißes vielleicht?

43. Ich will mal versuchen, rief der Mann schon im Weggehen, aber du musst hier solange warten. Ich gehe dann mit dir nach Hause, weißt du? **Ich muss deinem Vater doch sagen, wie so ein Kaninchenstall gebaut wird. Denn das müsst ihr ja wissen.**

44. Ja, rief Jürgen, ich warte. **Ich muss ja noch aufpassen, bis es dunkel wird.** Ich warte bestimmt. Und er rief: Wir haben auch noch Bretter zu Hause. Kistenbretter, rief er.

45. Aber das hörte der Mann schon nicht mehr. Er lief mit seinen krummen Beinen auf die Sonne zu. Die war schon rot vom Abend, und Jürgen konnte sehen, wie sie durch die Beine hindurchschien, so krumm

elas vivem?

32. Quem disse isso?

33. Nosso professor.

34. E você está cuidando das ratazanas?, perguntou o homem.

35. **Claro que não!** E então ele falou bem baixinho: é que meu irmão está aí embaixo. Bem aí. Jürgen mostrou com o pedaço de pau as paredes entulhadas. Nossa casa foi atingida por uma bomba. De repente, a luz se apagou no porão. E ele desapareceu. A gente ainda chamou por ele. Era muito menor do que eu. Só tinha quatro anos.

Ele tem que estar aqui. É que ele é bem menor do que eu!

36. O homem olhava sobre o cabelo esguedelhado. Então disse de repente: **Sim, e o seu professor nem disse que as ratazanas dormem à noite?**

37. Não, sussurrou Jürgen, que parecia já bem cansado, isso ele não disse não.

38. **Pois é, diz o homem, mas que professor é este que nem sabe disso? É claro que as ratazanas dormem à noite. À noite você pode ir tranquilamente para casa. À noite elas sempre dormem.** Logo quando escurece.

39. Jürgen fazia pequenas covas nos escombros com seu pedaço de pau.

Uma porção de pequenas camas, ele pensava, todas camas pequenas. Então o homem disse (e nesse momento suas pernas tortas estavam inquietas): Sabe de uma coisa? Agora vou alimentar rapidinho meus coelhos e quando ficar escuro, venho buscar você. Talvez eu traga um deles. Um filhote, o que você acha?

40. Jürgen fazia pequenas covas nos escombros. Uma porção de pequenos coelhos... Branco, cinza, cinza com branco. Eu não sei, disse ele baixinho e olhou para as pernas tortas, se eles realmente dormem à noite...

41. O homem passou sobre os restos de muro em direção à rua. É claro que sim, disse ele de lá, **seu professor tem que ser despedido, se ele nem sequer sabe disso.**

42. Então, Jürgen se levantou e perguntou: Se eu puder ganhar um? Um branquinho talvez?

43. **Eu vou tentar, gritou de lá o homem já a caminho, mas enquanto isso você tem que esperar aqui. Então eu vou com você para casa, sabe? É que eu preciso dizer a seu**

waren sie. Und der Korb schwenkte aufgeregt hin und her. Kaninchenfutter war da drin. Grünes Kaninchenfutter, das war etwas grau vom Schutt

pai como se constrói uma casa para coelhos. Porque vocês têm de saber como se faz isso.

44. Tá bom, gritou Jürgen, eu fico esperando. **Você sabe, eu tenho que ficar tomando conta até anoitecer.** Com certeza vou esperar. E ele gritou: nós temos também madeira em casa. Pedacos de caixa!

45. Mas o homem já não escutava mais. Ele andava em direção ao sol com suas pernas tortas. O sol já estava vermelho ao cair da tarde e Jürgen podia observar como ele brilhava através das pernas do homem e como elas eram tortas! E o cesto balançava pra lá e pra cá. Comida para coelho tinha lá dentro. Mato verde pra coelho, um pouco cinza por causa dos escombros.

Berlin Bolero, de Ingo Schulze (texto integral)

1. "So ein schmieriger Typ!" Sie drückte das Glas wieder gegen ihre Wange. "Und du machst da mit. Die ganze Zeit bleibst du stur. Aber bei so einem ... Ich kapiert's einfach nicht!"

2. Robert spreizte die Finger. Er war sich nicht sicher, ob er die Warze auch spürte, wenn sie nicht am Mittelfinger rieb. Erst hatte sie sich wie Schorf angefühlt, jetzt mehr wie ein Krümel Toastbrot.

3. "Höchstens vier Wochen", sagte er und sah kurz auf. Sie lehnte immer noch in ihrem dunkelblauen Bademantel am Fensterbrett, den rechten Arm unter der Brust, den linken Ellbogen auf die Hand gestützt. "Wenn sie sich an den Plan halten, noch zwei, noch zwei Wochen."

4. "So was von unappetitlich." Sie nippte am Weinbrand. Der rote Striemen auf ihrer Wange verblasste allmählich. "Ich versteh nicht, wie du das machen konntest, ich versteh's einfach nicht."

5. Der Rest Weinbrand schwappte im Glas hin und her wie die Wellen in diesem Würfel, den er jedes Mal, wenn er beim Zahnarzt die Chipkarte abgab, in die Hand nahm: Ein weißes Segelboot hielt sich auf haushohen blauen Wellen, schwamm immer oben, immer mit dem Segel im Wind, selbst wenn er den Würfel umdrehte. Seine Finger schoben sich ineinander. "Wir haben 96 Wochen durchgehalten. Und jetzt sind es noch zwei ..."

6. "Beschissene 96 Wochen!" Sie kniff die Augen zusammen und öffnete den

Mund. Das Glas war leer. "Alles für die Katz ..."

7."Das waren keine beschissenen 96 Wochen, Doro, keine ..."

8."**Nicht nur beschissen, es war ... Wie nennst du das denn, wenn im Hausflur Sonntagstreff für Penner ist, die sich beim Pinkeln nicht mal wegdrehen.** Oder wenn die Wäsche im Schrank verdreckt, weil erst die eine und dann die andere Wand angebohrt wird. Und nie Tageslicht, immer diese beschissene Plane vorm Fenster, und dann darf ich noch froh sein, wenn's nur die Plane ist, wenn nicht so ein beschissener Typ vorm Fenster hockt und mir seinen beschissenen Finger zeigt."

9."Was?"

10."Ach Robert, **wo lebst du denn?**"

11."Wer hat dir? Würdest du den wiedererkennen?"

12."Red kein Blech."

13."Ich mein's ernst." Er war aufgestanden. Aber so wie sie ihn ansah - er wollte nicht vor ihr stehen, ohne sie berühren zu dürfen. Das dunkelgelbe Licht vom CD-Spieler überraschte ihn.

14."Du weißt vielleicht, was du sagst, aber du weißt nicht, worüber du sprichst. **Hast doch sonst mehr Phantasie.**" Sie rollte das leere Glas zwischen den Handflächen, als sie auf ihn zu kam.

15."Doro", sagte er. "Dieses Dreckszeug ..." Er hatte mitgezählt und vergaß es auch jetzt nicht. Das letzte Glas, randvoll, galt für zwei.

16.Sie kniete sich hin, die Hände auf den Couchtisch gestützt und schlürfte den Weinbrand ab. Eine Haarsträhne fiel über den Glasrand. **"Das ist doch gar nicht so schlecht, das Dreckszeug von deinem Freund, von deinem Kumpel."** Beim Aufstehen hielt sie sich am Sessel fest. Er wollte ihr keine Vorwürfe machen. Er wollte, dass sich auch diese Minuten in ihr Leben fügten wie alle anderen bisher. An jede Stunde sollten sie sich erinnern können, ohne etwas zu bereuen.

17."Kum-pel", wiederholte sie und versuchte im Gehen zu trinken.

18.Wenn Robert diesem Mann einen Vorwurf machen konnte, dann den, dass er das Zeug hier eingeschleppt hatte. Sie tranken beide keine scharfen Sachen. Doro hatte sogar Freunde, die tranken gar keinen Alkohol. **An so was musste man doch denken.**

19."Dein Kum-pel."

20."Noch zwei Wochen", sagte Robert, sah auf seine Hände und auf die nackten Zehen. Würde er sie unter vielen wiedererkennen. Die Hände schon.

Seit er sich regelmäßig die Nagelhaut schnitt, waren sie ihm vertraut. **"Das ist doch alles klar gewesen, von Anfang an."**

21."Von Anfang an!" Sie fuhr herum. Dann sagte sie ruhig: **"Mit jeder Woche müssen sie draufzahlen, sie haben ja leere Wohnungen versprochen, leere, keine bewohnten.** Also zahlen sie darauf, von Woche zu Woche..."

22."Das weiß ich doch"

23."Sie sind steil nach oben gegangen, ganz steil. Und du sagst, wir hätten darüber gesprochen. Ihr werdet das nie kapieren!"

24."**Wer ist denn ihr?**"

25."Na ihr hier, ihr alle hier..."

26."Setz dich doch."

27."Ich dachte, du bist clever, du lässt sie zappeln und am Ende " Sie ballte kurz die Faust. Schweiß glänzte auf ihrer Stirn, auch über der Oberlippe. „So ein Angebot kriegen wir nie wieder, nie!"

28."Wenn das alles weg ist ..." Er sah sie an, er wollte weiterreden. Wenn sie vom Bett aus erst wieder den Fernsehturm sehen könnten, das Blinklicht, ihren Stern, und tagsüber die Elstern auf der Antenne und dem Schornstein gegenüber und morgens die Schatten, die an der Hauswand herabsanken, bis die Balkone nur noch kurze dunkle Wimpel warfen, Fähnchen, als käme der Wind vom Friedrichshain. Robert sah den Efeu mit seinen Tintenfischarmen, die Fahrräder im Hof...

29. Sie lachte.

30."**Ich mache das doch nicht zwei Jahre lang mit und sag dann: Danke schön!** Ist wirklich nett geworden, schönes Treppenhaus, feiner Anstrich!"

31."Nicht so laut!"

32."**Du bist so ein Depp! Was glaubst du denn, woher der so 'ne Zahl nimmt - einhundertachtzigtausend, genau zwanzigtausend mehr!** Du hättest zweihundert verlangen können. Zwei ...", sie malte die Zahlen mit der freien Hand in die Luft, "und fünf Nullen. Hat er dir irgendwas gezeigt, irgendeinen Wisch, dass die Wohnung ihm gehört?"

33.Das Licht des CD-Spielers störte Robert, als würde da noch jemand hinterm Sessel lauern. Jede Woche nahm er sich aus dem blauen Zehnerpack klassischer Musik, das ihm Dorothea geschenkt hatte - zehn CDs für 88 Mark -, eine heraus. Die meisten Komponistennamen kannte er, nur die Titel und die Dirigenten und Orchester musste er lernen wie früher Russisch-Vokabeln. Er kam nicht darauf, welche CD er zuletzt gehört hatte.

34. **"Du hättest wenigstens mal fragen können, bevor du so großzügig verzichtest** - als würde es mich überhaupt nicht geben, als wär ich Luft, einfach nur Luft..." Sie machte kehrt, ging in den Flur, das Glas zwischen den Fingerspitzen und stellte es hart auf dem Telefontisch ab. Mit ein paar Schritten war er hinter ihr.

35. "Ich renn dir schon nicht weg!", rief sie ohne sich umzusehen, streckte die Arme zur Seite, als balancierte sie. "Du Klotz, so ein verdammter Klotz bist du!"

36. "Doro", flüsterte er, "die Kinder."

37. **"Ich muss mal!"** Sie zog die Toilettentür hinter sich zu. Seine Arme sanken herab.

38. Im Wohnzimmer setzte er sich auf das Sofa, dahin, wo eine halbkreisförmige Falte den Platz markierte, von dem er aufgestanden war.

39. Wenn sie wieder über die Schwelle trat, musste er wissen, wie der Abend weitergehen, wie sie ins Bett kommen und einschlafen würden. Erst mal im Bett, wäre das Schlimmste überstanden.

40. Er befolgte den Rat aus dem Buch, das er in den Pausen auf der Arbeit las: in "zeitdichten Schotten" leben. Er musste Dorothea und sich nur durch diesen Abend bringen, durch diese Nacht.

41. Er vertraute dem Morgen, der halben Stunde in der Küche, wenn er die Kinder angezogen hatte und Dorothea hereinkam und er ihr Milch in den Kaffee goss. Wenn er mit den Kindern das Haus verließ, stand das Geschirr schon in der Spülmaschine.

42. Zweieinhalb Jahre hatte er an der Wohnung herumgebaut, zuerst Etagenheizung und Elektrik, dann Raum für Raum die Dielen abgeschliffen, die Fenster aufgearbeitet. Mit jedem Dübel, jeder Ringschelle, jedem neu gestrichenen Türrahmen hatte er sich sicherer gefühlt. Die größte Sicherheit jedoch gaben ihm die Jungs. Wenn Dorothea ihren Uni-Klüngel einlud und durch die Wohnung führte und wenn er dann, die beiden Jungs auf dem Arm, im Wohnzimmer erschien zum Gute-Nacht-Kuss und Dorothea sagte: "Hier, meine drei Männer!" - so gut wie ihm ging es dann niemandem sonst, zumindest niemandem, den er kannte.

43. Plötzlich begann wieder diese Melodie. Sie kam aus ihrer Handtasche. Robert wusste, wie diese Orchestermusik hieß, er wusste den Vor und Zunamen des Komponisten, er wusste sogar, welcher Name jetzt auf dem Display ihres Handys blinkte. Er warf die Handtasche aufs Sofa, nahm ein Kissen und drückte es mit beiden Händen so lange auf die Tasche, bis das

Orchesterstück erstarb.

44. Robert hatte Zimmermann gelernt und war fast zehn Jahre von Baustelle zu Baustelle gezogen. Drei Jahre hatte er Heizungen montiert und anderthalb Jahre Büromöbel geliefert, geschleppt und aufgebaut. Zweieinhalb Jahre arbeitete er jetzt schon beim Catering Service "Magnum". Er war nie entlassen worden. Die Firmen hatten immer Pleite gemacht. Einen wie ihn entließ man nicht, da ging er jede Wette ein. Zu tun gibt's immer genug. Na also. Und Dorothea? Er hatte sich nichts bei ihr ausgerechnet und war deshalb ganz unbefangen geblieben. Mit einunddreißig war sie zum ersten Mal schwanger. Er hatte nicht gewusst, dass man derart lange studieren konnte. Wenn Dorothea mal für ein paar Wochen Arbeit hatte, dann ohne Bezahlung. Über jede Zusage freute sie sich so sehr, dass er jedes Mal glaubte, sie hätte was Festes. **Aber sie musste ja gar nicht arbeiten.** Er sorgte schon für seine Familie, er wusste, was gut für sie war. Er brauchte keine Ratschläge, schon gar nicht von diesen Baufrützen.

45. Diese Baufrützen hatten zur Mieterversammlung eingeladen und Dorothea angestarrt und sie waren dann ganz aus dem Häuschen geraten, als sie Dorotheas Dialekt hörten. Eine Süddeutsche, eine Landsmännin, das hatten sie offenbar nicht erwartet, nicht in so einer Wohnung. Er hatte den Kampf aufgenommen.

46. Nur einmal war der Mietvertrag aus der Schatulle gekommen - für dreißig Minuten. Die brauchte er, um in den Kopierladen in der Winnstraße zu gehen, wo er auf Dorotheas Karte Rabatt bekam. Das Original durfte auf den vielen Wegen nicht verloren gehen oder auch nur einen Knick abbekommen.

47. **Er hörte die Klospülung und wusste nicht mal, ob er aufstehen oder sitzen bleiben sollte.** Dorothea war jetzt vorbereitet, hatte sich ganze Sätze zurechtgelegt. Er würde nur wiederholen können, dass in zwei Wochen ... wenn die Plane fiel und das Gerüst ... nach 98 Wochen wieder Himmel, ein Feiertag, Tag des Sieges. Zum ersten Mal spürte er darüber keine Freude.

48. Ein halbes Jahr war nichts passiert. Dann kam der Aushang wegen des Gerüsts: Erhöhte Einbruchgefahr. Er hatte Reizspray gekauft und in jedem Zimmer eine Dose deponiert. Und dann die Plane. Von einer Plane war nie die Rede gewesen. Zehn Monate hatten sie dahinter geschmort, ohne dass ein Bauarbeiter erschienen war. "Wir werden vorgegrillt", hatte Dorothea gesagt. Er sagte allen: "Wenn keiner auszieht, können sie gar nichts machen."

49. Als es losging, klingelten die Baufrützen wöchentlich, und schließlich standen

sie jeden Tag vor der Tür. Er wollte keine Veränderungen. Er musste nicht erst schlechte Erfahrungen machen, um zu wissen, was gut ist. Er war an seinem Platz, und von dem ging er auch nicht mehr weg.

50. **"Wollen wir uns nicht mal eine andere Wohnung anschauen? Nur anschauen, meine ich."** Er hatte Dorothea bloß gefragt: "Was gefällt dir an unserer Wohnung nicht? Was vermisst du? Was habe ich vergessen? Was möchtest du anders haben? Na also."

51. Die Baufrühen krochen herein wie der Staub, da halfen auch keine nassen Tücher. Er wollte nicht die Therme aus der Küche ins Bad verlegt haben, er wollte keine Fernwärme, er heizte mit Kohle, darauf konnte er sich verlassen - ob Stromausfall oder Krieg. Er hatte sogar einen zweiten Keller angemietet und Briketts kommen lassen, als Reserve. Und Kerzen, so viele, dass sie damit handeln konnten.

52. **Diese Typen verstanden doch nur, mit Geld herumschmeißen, und wenn das nicht half, mit mehr Geld und noch mehr Geld.** Er hatte sich im Griff. Sie waren es, die sich schlecht benahmten, die die Geduld verloren und ihm alles Mögliche unterstellten. **Ihm war es doch egal, woher sie anreisten und ob der Bauleiter in Neukölln oder Hellersdorf wohnte.** Er wusste nur, dass das Geld seine Familie kaputtmachen würde und dass sie nicht aus der Wohnung gehen durften. Sie hatten eine Prüfung zu bestehen. Und er würde Dorothea schon helfen, stark zu bleiben.

53. Dieser Mann hatte es kapiert und heute abend seine Visitenkarte unter der Tür durchgeschoben. Er war höchstens Mitte dreißig, auch wenn er so wenig Haare auf dem Kopf hatte, dass man seinen Scheitel aus der Nähe gar nicht sah, seine Kopfhaut glänzte. "Wer so lange durchhält, der zieht nicht mehr aus, ni wahr? Die pokern. Und mich vertrösten sie bis ultimo." Robert, er mochte den Lausitzer Dialekt des Mannes, hatte sich das erklären lassen.

54. "Ich hab' die Wohnung gekauft, Ihre hier, aber leer. Die da drüben", er meinte die Baufirma, "sagen, dass es nur 'ne Frage des Geldes ist, ni wahr, wann Sie ausziehen. Aber ich glaub' das nicht mehr. Ich will mein Geld wieder, Rückabwicklung, verstehn Sie? Ich hab zwei Jahre gewartet. Die vertrösten mich doch bis ultimo."

55. Endlich hatte es einer kapiert. Nie würden sie ausziehen, auch nicht für hundertachtzigtausend. Warum sollte Robert das nicht unterschreiben? Nun kriegten's die Baufrühen schriftlich, amtlich sozusagen.

56. Als Dorothea nach Hause kam, war sein Besuch schon dabei zu gehen.

57. "**Hast du dir mal überlegt**", Robert schrak auf, "**wie lang du dafür arbeiten musst?** Sechs Jahre, sieben Jahre." Sie sah ihn nicht an, nicht mal beim Reden, und zog den Bademantel am Kragen zusammen, als fröre sie. "Zweihunderttausend, eine Zwei und fünf Nullen, darüber haben wir nie geredet, nie."

58. Er spürte das Flackern in seinen Augen, aber er erwiderte nichts. **Er wusste es doch, er, der Klotz, wusste es nur zu gut.**

59. "Ich dachte, ihr hättet das endlich kapiert, wie das funktioniert", sagte sie, "aber ihr habt keine Ahnung."

60. Er blickte auf. Dorothea lehnte mit der Schulter an der Wand.

61. "Weißt du ..." Ihr Kopf bewegte sich, als verfolge sie eine Melodie. Ein einziges Mal hatte Robert sie betrunken erlebt, noch vor der Geburt der Kinder. Den ganzen Heimweg über hatte sie geheult und nach ihm getreten. Er hatte sie hinter sich herziehen müssen wie einen störrischen Hund. Sie waren niemandem begegnet. Hätte er sie zurückgelassen, wäre sie vielleicht erfroren. Das sollte sie nicht vergessen. Oft kam sie spät nach Hause, manchmal sehr spät. Aber morgens, in der Küche, war wieder alles gut.

62. "Weißt du ..." Sie ließ ihren Bademantel los, schob sich an der Wand entlang zur Tür und wankte hinaus.

63. Er folgte ihr bis in den Flur. Die Klotür schlug zu, das Licht ging an, der Klodeckel knallte gegen das Wasserrohr. Sie würgte und gleich darauf ging die Spülung.

64. Es war wie ein Auftritt in einer Fernsehkomödie, wenn die Leute kurz erscheinen, etwas sagen und wieder verschwinden und die anderen sich ratlos ansehen und Lachen eingespielt wird.

65. Er hörte sie jetzt wieder. Die Tür war nicht verriegelt.

66. Er störte sich nicht an ihrem Aufschrei, nicht an der Hand, die ihn wegwedeln und hinausscheuchen wollte. **Sie musste doch wissen, dass mit ihm so etwas nicht zu machen war.** Er schob sie ein Stück zur Seite, umfasste sie mit der Linken und drückte sie gegen seine Hüfte. Sie beugte sich wieder übers Becken, sie würgte, hustete, spuckte. Mit der Rechten hielt er ihre Stirn. Ihr Bademantel war offen, die herabhängende Kordel lag auf seinen Zehen. Ein Speichelfaden reichte bis ins Klobecken. Gelb-bräunlicher Schleim schwamm darin.

67. Er redete ihr zu, ruhig und gleichmäßig, während sie an dem Speichelfaden wie an einer Saite zupfte. Er hob ihre Stirn ein wenig und zog die Spülung.

"Mach dir keine Sorgen", sagte er. "Ganz ruhig, Doro, ganz ruhig."

68.Allmählich kam die Welt wieder ins Lot. Wenn es sein musste, würde er bis morgen früh durchhalten, keine Frage. Solange er ihre Stirn in seiner Hand spürte, konnte nichts Schlimmes passieren.

69.Eigentlich war alles so gekommen, wie es sollte, und seine Entscheidung endgültig. Er hatte alles richtig gemacht. Er fühlte sich wie das Schiff auf den blauen Wogen, das Segel immer im Wind. Und selbst dieses hochprozentige Zeug, dieses unüberlegte Geschenk, selbst das hatte seine Funktion. Wie hätten sie es sonst bis zum nächsten Morgen schaffen sollen, ohne Weinbrand, ohne Dorotheas Stirn in seiner Hand. Er war ihm dankbar, diesem Kerl mit dem glänzenden Schädel, wirklich dankbar.

70.Robert wusste jetzt, wie er sie durch diesen Abend, durch diese Nacht bringen würde, egal, was sie da redete.

71.Wenn das hier vorbei war, durfte er nicht vergessen, den CD-Spieler auszuschalten. Dann würde er endlich sehen, welche CD er zuletzt gehört hatte, und sich an den Namen des Komponisten erinnern. Der Wecker war gestellt. Er ließ Dorothea reden.

72.Mit der Linken strich er ihr Haar aus dem Nacken. Das musste sich wie Streicheln anfühlen. Allein konnte sie sich nicht mehr auf den Beinen halten. Ihre Stirn war feucht und warm. Oder seine Hand? Er schob sich weiter vor, so dass er den Ellbogen an den Rippen abstützen konnte. Er würde schon durchhalten. Er wollte nur die Seite wechseln, ihre Stirn in die andere Hand nehmen. "Du musst alles rausbringen", unterbrach er sie, "wirklich alles." Warum hielt sie nicht endlich die Klappe?

73.Es war dann nicht mehr als eine Drehung des linken Handgelenks, eine Geste, die er von Dorothea kannte, wenn sie ihr Haar aufsteckte. Für einen Augenblick spürte er die ganze Schwere ihres Kopfes. Sein rechter Arm sank wie betäubt herab.

74.Robert war selbst überrascht von seinem schnellen Zugriff, als wäre er darin geübt. Zwischen den Fingern fühlte er wieder diesen Krümel Toastbrot, ihr Haar aber umhüllte seine linke Hand wunderbar weich. Immer weiter zog er Dorotheas Kopf nach hinten. Ihr Gesicht war nun direkt unter ihm. Sie blickten einander an, sie beobachteten sich, bis er begriff, dass es jetzt zu spät war, dass er sie nun nicht mehr einfach loslassen konnte. Und so sah er, da sie für einen Moment die Augen schloss, keinen anderen Ausweg, als ihren offenen Mund zu küssen.

Bolero em Berlim

(de Ingo Schulze, traduzido por Marcelo Backes, 2008)

“Um cara tão pegajoso!” E ela mais uma vez apertou o copo contra a face. “E você simplesmente cai na dele. Fica o tempo todo impassível. E com um cara desses.... Eu simplesmente não entendo!”

Robert esticou os dedos. Ele não tinha certeza se também sentia a verruga quando ela não roçava o dedo médio. Primeiro ela dava a sensação de uma casquinha, agora já era mais como um farelo de pão.

“No máximo quatro semanas”, ele disse, e levantou os olhos brevemente. Ela continuava escorada ao parapeito da janela com seu roupão de banho azul-escuro, o braço direito abaixo dos seios, o cotovelo esquerdo apoiado sobre a mão. “Se eles respeitarem o acordo, mais duas, só mais duas semanas.”

“Que coisa mais desagradável.” Ela bebericou o conhaque. A listra vermelha sobre sua face empalideceu aos poucos. “Eu não entendo como é que você foi capaz de fazer uma coisa dessas, eu simplesmente não entendo.”

O resto do conhaque oscilava no copo para lá e para cá como as ondas naquele cubo que ele sempre pegava quando entregava o cartão do seguro com chip no dentista: um pequeno barco a vela se mantinha sobre as gigantescas ondas azuis, nadava sempre na crista, sempre com as velas ao vento, mesmo quando ele virava o cubo de cabeça para baixo. Seus dedos se entrelaçaram. “Nós agüentamos noventa e seis semanas. E agora são só mais duas...”

“Noventa e seis semanas de merda!” Ela cerrou os olhos e abriu a boca. O copo estava vazio. “E tudo à toa...”

“Não foram noventa e seis semanas *de merda*, Doro, não foram...”

“Não apenas de merda, mas até... Qual é o nome que *você* daria para o encontro dominical de um monte de vagabundos no saguão de sua casa, que nem se viram de costas quando estão mijando? Ou ver suas roupas se emporcalhando dentro do armário, porque as paredes são perfuradas, primeiro uma, depois a outra? E nem um pingo de luz natural, sempre esse toldo de merda na frente da janela, e ainda por cima tenho que ficar feliz quando é apenas o toldo, e não tem um cara de merda desses sentado na frente da janela apontando seu dedo de merda para mim.”

“O quê?”

“Ah, Robert, em que mundo você vive?”

“Quer dizer que alguém? Você seria capaz de reconhecê-lo?”

“Não fala bobagem...”

“É sério.” Ele se levantou. Mas o jeito como ela o olhava – ele não queria ficar parado diante dela sem poder tocá-la. A luz amarelo-escura do aparelho de CD o surpreendeu.

“Talvez você esteja falando sério, mas não sabe do que está falando. Normalmente você tem mais imaginação.” Ela roulou o copo vazio entre as palmas das mãos enquanto se aproximava dele.

“Doro”, disse ele.

Ela encheu o copo mais uma vez.

“Essa porcaria...” Ele havia contado todos, e não esqueceu aquele que ela estava enchendo. O último copo, cheio até a borda, valeu por dois.

Ela se ajoelhou, as mãos apoiadas à mesinha de centro, e sorveu o conhaque. Uma mecha do cabelo caiu sobre a borda do copo. “Até que não é tão ruim assim, a porcaria que seu amigo trouxe, o seu ca-ma-ra-da.” Ao levantar, ela se segurou no sofá. Ele não queria censurá-la. Queria que também aqueles minutos se encaixassem na vida deles como todos os outros até então. Eles deveriam poder se lembrar de todas as horas sem se arrepender do que quer que fosse.

“Ca-ma-ra-da”, ela repetiu, e tentou beber enquanto andava.

Se é que Robert podia fazer uma censura àquele homem, então seria a de que ele havia trazido aquele troço pra dentro de casa. Ele e ela não bebiam nada muito forte. Doro tinha até amigos que não tomavam álcool. Era preciso pensar em uma coisa dessas, ora...

“O seu ca-ma-ra-da.”

“Mais duas semanas”, disse Robert, e olhou para suas mãos e para os dedos dos pés nus. Será que ele os reconheceria em meio a muitos? As mãos sim. Desde que passara a tirar regularmente as cutículas, elas haviam se tornado familiares para ele. “Isso tudo ficou muito claro, desde o começo”

“Desde o começo!” Ela caminhava para lá e para cá. E então disse, calma: “Pra cada semana os fulanos construtores do prédio vão ter de pagar um extra, já que prometeram um apartamento vazio, sim, vazio, e não ocupado. Nada mais justo, portanto, um extra, e pra cada semana...”

“Eu sei disso, ora...”

“Eles subiram bem rapidinho, bem rapidinho mesmo. E você ainda diz que nós falamos disso. Vocês não vão entender mesmo nunca!”

“Mas quem são esses 'vocês', nesse caso?”

“Vocês ora, vocês todos aqui...”

“Senta aí.”

“Eu pensei que você fosse inteligente, que estava deixando eles espernearem pra no fim...” Ela cerrou o punho brevemente. O suor brilhava sobre sua testa, também sobre o lábio superior. “Nós nunca mais vamos receber uma oferta dessas, nunca!”

“Quando tudo isso chegar ao fim...” Ele olhou para ela, queria continuar falando. Quando eles pudessem voltar a ver a torre de TV da cama, a luz piscante, a estrela, e durante o dia as pegas pousando sobre a antena e na chaminé em frente, e de manhã as sombras que se debruçavam sobre a parede do prédio até que as sacadas passavam a lançar apenas bandeirolas curtas e escuras, flâmulas, como se o vento viesse do Friedrichshain. Robert viu a hera com seus tentáculos de lula, as bicicletas do pátio.

Ela riu.

“Eu não vou ficar dois anos, e depois ainda dizer muito obrigada! Até que o resultado ficou simpático, escadarias bonitas, pintura finíssima!”

“Não fale tão alto!”

“Você é mesmo um babaca! De onde pensa que ele tira um valor assim... cento e oitenta mil, exatamente vinte mil a mais! Você poderia ter pedido duzentos. Sim, um dois...” Ela desenhava os números no ar com a mão livre, “e mais cinco zeros. Em algum momento ele mostrou a você, deu algum sinal de que o apartamento pertence a ele?”

A luz do aparelho de cd perturbava Robert, como se mais alguém estivesse à espreita atrás do sofá. A cada semana, ele tirava um dos discos do pacote azul de música clássica que Dorothea havia lhe dado de presente – dez cds por oitenta e oito marcos – e o colocava para tocar. Ele conhecia o nome da maior parte dos compositores, só os títulos, os regentes e as orquestras ele tinha que decorar, como fazia no passado com as palavras em russo. Não conseguiu lembrar qual havia sido o cd que ouvira por último.

“Você poderia ao menos ter perguntado, antes de abrir mão tão generosamente; como se eu nem sequer existisse, como se eu fosse ar, pura e simplesmente ar...” Ela deu meia-volta, foi até o corredor, o copo entre as pontas dos dedos, e o colocou sobre a mesa do telefone bruscamente. Com

alguns passos, ele estava atrás dela.

“Eu ainda não vou fugir de você!”, ela gritou, sem se virar. “Seu grosso, seu grosso estúpido!”

“Doro”, ele sussurrou, “as crianças.”

“Estou apertada!” E ela fechou a porta do banheiro atrás de si. Os braços dele desabaram.

Na sala, ele sentou no sofá, onde um vinco em semicírculo marcava o lugar do qual acabara de se levantar.

Quando ela voltasse a aparecer na soleira da porta, ele tinha de saber como a noite continuaria, como eles chegariam à cama e depois adormeceriam. Primeiro era chegar até a cama, aí o pior já teria passado.

Ele seguiu o conselho do livro que lia nas pausas do trabalho: viver em “cabines à prova do tempo”.¹¹³ Tinha apenas de conseguir superar, junto com Dorothea, aquela noite, aquela madrugada.

Ele acreditava na manhã seguinte, naquela meia hora na cozinha, quando ele botava o leite no café dela. Quando saía de casa com as crianças, a louça já estava na máquina.

Durante dois anos e meio ele fizera obras no apartamento, primeiro a calefação do andar e a parte elétrica, depois lixar o assoalho, ambiente por ambiente, consertar as janelas. A cada bucha, a cada arruela, a cada moldura de porta repintada ela se sentira mais seguro. A maior segurança, contudo, quem lhe dava eram os rapazes. Quando Dorothea convidava sua turma da universidade e mostrava o apartamento a todo mundo, e ele, então, com os dois rapazes sobre os braços, aparecia na sala para o beijo de boa-noite e Dorothea dizia: “Olhem só, meus três homens!” Ah, ninguém se sentia tão bem quanto ele, pelo menos ninguém que ele conhecia.

De repente, começava de novo aquela melodia. Vinha da bolsa dela. Robert sabia como se chamava aquela música de orquestras, ele sabia o nome e o sobrenome do compositor, ele sabia até mesmo qual o nome que agora piscava no display do celular dela. Ele jogou a bolsa no sofá pegou um travesseiro e o apertou com as duas mãos sobre ela, até que a peça da orquestra morresse sufocada.

Robert havia aprendido carpintaria, e durante quase dez anos se mudara de um canteiro de obras para outro. Por três anos ele instalara aparelhos de calefação, e por um ano e meio providenciara a entrega, o

¹¹³Conceito alemão de livros de auto-ajuda empresarial, segundo o qual o indivíduo deve viver o aqui e o agora, concentrado apenas no seu trabalho. [N.T.]

carregamento e a montagem de móveis de escritório. Agora ele já trabalhava fazia dois anos e meio no serviço de bufê Magnum. Jamais fora demitido. As firmas sempre acabaram indo à falência. Um sujeito como ele jamais era despedido, nisso ele era capaz de apostar tudo que tinha. Sempre há o que fazer. Pois então. E Dorothea? Ele achava que não teria a menor chance com ela, e por isso conseguira se comportar de modo totalmente natural. Com trinta e um anos, ela engravidara pela primeira vez. Ele não havia pensado que alguém fosse capaz de estudar assim por tanto tempo. E quando Dorothea arranjava trabalho por algumas semanas, era sem receber pagamento. Ela ficava tão contente com as respostas positivas que recebia, que ela sempre acreditava que ela arranjava algo definitivo. Mas ela nem sequer precisava trabalhar. Ele cuidava muito bem de sua família, ele sabia o que era bom para ela. Ele não precisava de conselhos, muito menos desses fulanos da construtora.

Esses fulanos da construtora haviam convidado todo mundo para a assembléia de inquilinos, e ficaram olhando para Dorothea fixamente, depois acabaram perdendo por completo as estribeiras quando ouviram o dialeto dela. Uma alemã do sul, uma compatriota da Alemanha Ocidental, por isso eles não pareciam não esperar, não num apartamento como aquele. Ele, porém, comprara a briga.

Só uma vez o contrato de aluguel havia saído do lugar – por trinta minutos. Foi do que ele precisou para ir até a copiadora da Winsstrasse, onde recebia desconto usando o cartão da Dorothea. O original era a garantia que eles tinham nas mãos, e não podia ser perdido, nem mesmo mostrar uma simples dobra depois de tantas idas e vindas.

Ele ouviu a descarga sendo puxada e não sabia nem mesmo se devia levantar ou ficar sentado. Dorothea agora estava preparada, havia bolado frases inteiras para dizer. Ele saberia apenas repetir que em duas semanas... quando o toldo caísse e os andaimes ... depois de noventa e oito semanas ver o céu de novo, um feriado, dia da vitória... Pela primeira vez ele não se alegrou com isso.

Ao longo de meio ano, não acontecera nada. E então o cartaz por causa dos andaimes: perigo acentuado de desmoronamento! Ele havia comprado spray de pimenta e colocado uma lata em cada ambiente. E em seguida o toldo. Ninguém jamais havia mencionado um toldo. Durante dez meses eles haviam cozinhado atrás dele, sem que um pedreiro sequer

aparecesse. “Nós estamos sendo grelhados”, dissera a Dorothea. E ele dizia a todos: “Se ninguém mudar, eles não poderão fazer nada”.

Quando tudo começou, os fulanos da construtora tocavam a campainha uma vez por semana, e por fim estavam parados todos os dias diante da porta. Ele não queria mudanças. Não precisava fazer experiências malsucedidas para saber o que era bom. Ali ele estava em seu lugar, e dali não sairia mais. E tinha direito de ficar.

“Será que não seria bom se déssemos uma olhada em outro apartamento? Só dar uma olhada, sabe.” Ele se limitara a perguntar a Dorothea: “O que é que não te agrada no nosso apartamento? Do que você sente falta? O que foi que esqueci? O que você gostaria que fosse diferente? Pois então...”

Os fulanos da construtora entravam na casa do mesmo jeito que o pó, nem os panos molhados ajudavam. Ele não queria que o termostato fosse transferido da cozinha para o banheiro, não queria o calor da calefação central e preferia esquentar a casa com carvão, pois no carvão ele podia confiar – mesmo em caso de falta de energia ou de guerra. Ele havia até alugado um segundo porão e juntado briquetes de reserva. E velas, tantas, que eles podiam abrir um negócio com elas.

Esses caras só sabiam mesmo jogar com dinheiro na cara da gente e, quando isso não ajudava, jogar mais e mais dinheiro, cada vez mais dinheiro. Ele tinha controle sobre si mesmo. Foram eles que se comportaram mal, eles que perderam a paciência e o acusaram de tudo quanto é coisa. Para ele, pouco importava de onde eles vinham e se o engenheiro-chefe era de Neukölln ou de Hellersdorf. Ele sabia apenas que o dinheiro acabaria destruindo a sua família, e que eles não deviam ceder e sair do apartamento. Eles tinham de passar por uma prova. E ele ajudaria Dorothea a permanecer forte.

Aquele homem havia entendido tudo e enfiado seu cartão de visita debaixo da porta. Tinha no máximo trinta e poucos anos, ainda que seus cabelos fossem tão poucos que nem se podia ver a risca divisória de perto. Seu couro cabeludo brilhava. “Quem agüenta tanto tempo assim, não se muda mais, non é verdade? Eles ton blefando. E o meu caso eles acabam protelando, sempre protelando.” Robert gostava do dialeto do Oberlautsitz falado pelo homem, havia arrancado essa explicação da parte dele.

“Eu comprei o apartamento de vocês, nesse conjunto, mas eu o comprei vazio. Esses daí”, ele se referia aos fulanos da construtora, “dizem

que é apenas uma questão de dinheiro, non é mesmo, pra saber quando o senhor vai se mudar. Mas eu não acredito mais nisso. Eu quero, pois é, quero que eles me dêem o dinheiro de volta, devolução, o senhor entende? Esperei dois anos. Mas eles ficam protelando, sempre protelando.”

Enfim alguém havia entendido as coisas. Eles jamais se mudariam, nem mesmo por cento e oitenta mil. Por que Robert não deveria assinar algo assim, dizendo que jamais se mudariam? Agora os fulanos da construtora receberiam a coisa por escrito, em caráter oficial, como se diz, e o dono do apartamento.

Quando Dorothea chegara em casa, a visita dele já estava prestes a ir embora.

“Algum dia você já pensou”, e Robert levou um susto, “quanto tempo precisarias trabalhar pra conseguir um dinheiro desses? Seis anos, sete anos.” Ela não olhava para ele, nem mesmo ao falar, e mantinha o roupão de banho fechado, segurando-o pela gola como se estivesse com frio. “Duzentos mil, um dois e cinco zeros, sobre isso nós nunca conversamos, nunca mesmo.”

Ele sentiu o tremor de seus olhos, mas não respondeu nada. Sabia muito bem, ele, o grosso, sabia de tudo muito bem.

“Eu achava que vocês enfim tinham entendido como funciona a coisa”, disse ela, “mas vocês não tem a menor idéia de nada.”

Ele levantou os olhos. Dorothea recostava o ombro à parede.

“Sabe de uma coisa...” A cabeça dela se movimentava como se seguisse uma melodia. Robert a vira bêbada uma única vez, antes ainda do nascimento das crianças. Ela chorara o tempo inteiro no caminho de casa, tentando acertá-lo com seus chutes. Ele tivera que arrastá-la como um cachorro teimoso. Eles não haviam encontrado ninguém. Se ele a tivesse deixado para trás, ela talvez tivesse morrido congelada. E disso ela não devia se esquecer. Ela chegara muitas vezes tarde em casa, às vezes até bem tarde. Mas pela manhã, na cozinha, tudo voltava a ficar bem.

“Sabe de uma coisa...” Ela soltou o roupão de banho, empurrou o corpo ao longo da parede até a porta, e cambaleou para fora.

Ele a seguiu até o corredor. A porta do banheiro bateu, a luz se acendeu, a tampa do vaso estalou contra o cano da água. Ouviu-se o barulho do vômito, e logo depois puxou a descarga.

Era como a entrada em cena numa comédia de televisão, quando as pessoas aparecem por um instante, dizem alguma coisa, e logo voltam a

desaparecer, e os outros se olham desnorteados enquanto o riso de um gravador é acionado.

Agora ele a ouvia de novo. A porta não estava trancada.

Ele não ficou perturbado com o berro de Dorothea, nem com a mão que queria afastá-lo e expulsá-lo dali acenando. Ela tinha de saber que com ele não se fazia uma coisa dessas. Ele a empurrou um pouco para o lado, agarrou-a com a mão esquerda e apertou-a contra seus quadris. Ela se curvou sobre o vaso mais uma vez, sentiu ânsias de vômito, tossiu, cuspiu. Com a direita, ele segurava a testa dela. O roupão de banho estava aberto, o cinto pendente tocava os dedos dos pés dele. Um fio de saliva chegava até o vaso. Muco de um amarelo quase marrom boiava lá dentro.

Ele falou com ela, calma e regularmente, enquanto ela dedilhava o fio de saliva como se fosse uma corda de violão. Ele levantou a testa dela um pouco e puxou a descarga. “Não fica preocupada”, disse ele. “Calma, Doro, fica calma.”

Aos poucos, o mundo voltou aos eixos. Se tivesse de ser, ele agüentaria até o dia seguinte pela manhã, sem dúvida. Enquanto sentia a testa dela em sua mão, não podia acontecer nada de ruim.

No fundo, tudo havia acontecido como tinha de acontecer. Sua decisão era definifiva. Ele fizera tudo certo. Se sentia como o navio sobre as ondas azuis, as velas sempre ao vento. E mesmo aquele troço de alto teor alcoólico, aquele presente impensado, mesmo este tinha sua função. Como é que eles conseguiriam chegar ao dia seguinte de outro modo, sem conhaque, sem a testa de Dorothea em sua mão? Robert ficara agradecido a ele, aquele sujeito de crânio brilhante, verdadeiramente agradecido.

Agora Robert sabia como faria Dorothea passar por aquela noite, aquela madrugada, pouco importava o que ela falasse.

Quando tudo aquilo ali tivesse passado, ele não podia esquecer de desligar o aparelho de Cd. Aí ele olharia para saber qual tinha sido o cd que ouvira por último, e também voltaria a se lembrar do nome do compositor. O despertador já estava programado. Ele deixou Dorothea falar.

Com a esquerda, afastou os cabelos das costas dela. E ela devia sentir aquilo como uma carícia. Sozinha, não conseguia mais se sustentar sobre as pernas. Sua testa estava úmida e quente. Ou será que era a mão dele? Ele se adiantou um pouco mais, a fim de poder apoiar os cotovelos nas costelas. Ele agüentaria, sim, agüentaria. Queria apenas mudar de lado, colocar a testa dela

na outra mão. “Você tem que botar tudo pra fora”, ele a interrompeu. “tudo mesmo.” Por que ela não calava a boca de uma vez por todas?

Então não fez mais do que girar o punho esquerdo, um gesto que ele conhecia de Dorothea, quando ela prendia seu cabelo no alto da cabeça. Por um instante, sentiu todo o peso do corpo dela. Seu braço esquerdo caiu como se estivesse anestesiado.

Robert ficou surpreso com sua própria rapidez ao agarrá-la como se fosse treinado nisso. Entre os dedos, ele voltou a sentir aquele farelo de pão, mas os cabelos dela envolviam a mão esquerda de um modo maravilhosamente suave. E ele puxava a cabeça de Dorothea cada vez mais para trás. O rosto dela agora estava diretamente embaixo dele. Eles se olharam, se observaram, até que ele compreendeu que agora era tarde demais, que agora não podia mais simplesmente largá-la. E assim ele viu, quando ela fechou os olhos por um momento, que não havia outra saída a não ser beijar a boca aberta de Dorothea.